



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

CENTRO DE LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
LICENCIATURA EM HISTÓRIA

ALEX SANDRO MACIEL ANTUNES

ALBERTINA BERKENBROCK – VIRGEM E MÁRTIR
A CONSTRUÇÃO DE SEU MARTÍRIO E SANTIDADE.

LONDRINA - 2011

MACIEL ANTUNES, Alex Sandro, 1986-

Albertina Berkenbrock – Virgem e Mártir: A Construção de seu martírio e santidade/ Alex Sandro Maciel Antunes. - 2011.
105 f.

Orientadora: Angelita Marques Visalli.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Estadual de Londrina, Curso de Licenciatura em História, 2011.

1. História da Religião. 2. A vida dos Santos. 3. Albertina Berkenbrock . I. Visalli, Angelita Marques. II. Universidade Estadual de Londrina. Curso de História. III. Título

ALEX SANDRO MACIEL ANTUNES

ALBERTINA BERKENBROCK – VIRGEM E MÁRTIR
A CONSTRUÇÃO DE SEU MARTÍRIO E SANTIDADE.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Estadual de Londrina como
requisito à obtenção do título de Licenciatura
em História.

Orientadora: Prof^a Dr^a Angelita Marques
Visalli.

LONDRINA
2011

ALEX SANDRO MACIEL ANTUNES

ALBERTINA BERKENBROCK – VIRGEM E MÁRTIR

A CONSTRUÇÃO DE SEU MARTÍRIO E SANTIDADE.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Estadual de Londrina como
requisito à obtenção do título de Licenciatura
em História.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Orientador

Universidade Estadual de Londrina

Prof. Componente da Banca

Universidade Estadual de Londrina

Prof. Componente da Banca

Universidade Estadual de Londrina

Londrina, ____ de _____ de ____.

DEDICATÓRIAS

A Deus fonte e autor da vida e inspiração nos momentos mais difíceis. Luz a iluminar minhas trevas, força a fortalecer minha fraqueza, sabedoria e discernimento em minha falta de compreensão.

A minha esposa Érica Zely de Góes, filha Maria Teresa Góes Maciel, Gabriel Góes e meus pais Lauro Antunes e Iracema Maciel, por estarem presentes nos momentos mais necessários desta vida, dando o alento, alegria, esperança, força, amor e certezas de que os esforços valem à pena.

Ao meu objeto de estudo, Albertina Berkenbrock, quanto tempo foi a minha companheira nesta caminhada me ensinando a ser melhor e a compreender um pouco mais sobre esta vida a cada página em que estudei sobre sua história e a cada página que por minhas mãos neste trabalho a revivia.

A Santa Mãe Igreja Católica Apostólica Romana e Sua Santidade o Papa Bento XVI por iluminar os caminhos da humanidade com a luz de Cristo e o exemplo dos mártires que um dia derramaram seu sangue para que a fé um dia nos fosse legada.

AGRADECIMENTOS

A Universidade Estadual de Londrina, Departamento de História, pela oportunidade de formação apresentada durante os anos de caminhada para me fazer um profissional e uma pessoa melhor ajudando a transformar minha vida.

A Professora e Orientadora Angelita Marques Visalli, pela paciência e compreensão em minhas dificuldades e por compartilhar comigo um pouco de sua sabedoria acumulada durante sua trajetória profissional, ajudando a lapidar este futuro historiador.

Aos Professores do Curso de História pela partilha do conhecimento e em particular à Professora Monica Selvatici por suas aulas na disciplina História do Cristianismo antigo, onde estudando sobre os mártires me veio a escolha deste tema.

Aos amigos e alunos do Colégio Cléia Godoy e Colégio Hugo Simas, pelas palavras de apoio, críticas, ensino, companheirismo, paciência, enfim, pela amizade.

Aos autores consultados em suas obras, pois sem eles esta história não seria documentada e por fim não seria possível a mim narrá-la neste trabalho.

"Quanto mais cabeças nossas caem, mais cresce
nosso número. O sangue dos cristãos é semente.
Essa rígida obstinação que nos recriminam se
converte em um modelo para os demais".

Tertuliano

MACIEL ANTUNES, Alex Sandro. **Albertina Berkenbrock – Virgem e Mártir: A construção de seu martírio e santidade.** 2011. 105 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina - PR, 2011.

RESUMO

Albertina Berkenbrock nasceu em 11 de abril de 1919, no pequeno povoado de São Luís no estado de Santa Catarina. Segunda filha dentre oito irmãos, seus pais Henrique Berkenbrock e Josefina Boeing eram camponeses descendentes de alemães provenientes da região da Westfália em Münster conhecida por uma forma de catolicismo tradicional e de observância rígida. Também as famílias que colonizaram a região de São Luís eram imigrantes desta localidade trazendo consigo a sua espiritualidade e modo de ser que influenciaram Albertina tanto na convivência com a população quanto em casa através dos ensinamentos e características da família. Na tarde do dia 15 de junho de 1931, segundo as fontes consultadas, Albertina saiu à procura de um boi de seu pai que havia se perdido e na ocasião encontrou-se com Maneco Palhoça no caminho, funcionário de seu tio e conhecido da família, que lhe indicou um falso caminho onde estaria o animal. Este a seguiu com a intenção de manter relações sexuais, e quando apresentou seus intentos a menina, ela teria recusado afirmando ser aquele ato um pecado grave. Ocorreu segundo a sua bibliografia uma luta onde Maneco tentou violentá-la e como não conseguiu matou a mesma. Após isso se espalhou entre a região a fama de santidade martírio de Albertina vindo a ocorrer anos mais tarde a sua beatificação como virgem e mártir. Através de testemunhos de pessoas conhecidas, familiares ou pessoas que tiveram conhecimento do acontecimento apresentamos uma discussão acerca da construção da santidade e martírio de Albertina através do discurso contigo nestes. Seu modelo de santidade construído como virgem e mártir também foi analisado demonstrando uma continuidade ao longo da história do cristianismo da valorização deste exemplo como uma forma de propaganda da Igreja e defesa de seus ensinamentos. Este trabalho foi realizado com a ajuda de um material inédito até o momento sobre o tema. Trata-se de uma cópia da principal das atas do processo de beatificação de Albertina contendo depoimentos de seus familiares, conhecidos e até mesmo do seu assassino.

Palavras – Chave: História da Religião; A vida dos Santos; Albertina Berkenbrock; Mártir; Catolicismo.

MACIEL ANTUNES, Alex Sandro. Berkenbrock Albertina – Virgin and Martyr: The construction of martyrdom and holiness. 2011. 105 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina - PR, 2011.

ABSTRACT

Berkenbrock Albertina was born on April 11, 1919, in the small town of Sao Luis in the state of Santa Catarina. Second child of eight brothers, his parents Henry Berkenbrock and Josephine Boeing were peasants descendants of Germans from the region of Westphalia in Münster known as a form of traditional Catholicism and rigid observance. Also families who colonized the region of St. Louis were immigrants from this region bringing with them spirituality and way of life which influenced both the Albertina people living with and at home through the teachings and family characteristics. On the afternoon of June 15, 1931, the sources consulted, Albertina went out looking for a bull from her father who was lost and in the occasion she met Maneco Palhoça in the way, an official known for her uncle and a family, indicated that it would be a false path where the animal. He followed with her the intention of having sex, and showed their intent when the girl refused saying she would be a grave sin that act. Occurred according to a fight where your bibliography Maneco tried to rape her and failed to kill it. After word spread among the region's reputation for holiness and martyrdom Albertina been taking place years later his beatification as a virgin and martyr. Through testimonies from people you know, family members or people who had knowledge of the event is a discussion about the construction of sanctity and martyrdom Albertina through discourse with you on these. Its built as a model of holiness virgin and martyr was also analyzed showing a continuity throughout the history of Christianity, the appreciation of this example as a form of the and Church teachings defense. This work was carried out with the help of a new material to date on the subject. This is a copy of the minutes from the main process of beatification of Albertina containing testimonials from your family, acquaintances and even of his murderer.

Keywords: History of religion; the lives of saints; Berkenbrock Albertina; martyr; catholicism.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
ALBERTINA BERKENBROCK – VIRGEM E MÁRTIR.	
A construção do seu martírio e santidade	12
1 AMBIENTE SÓCIO-RELIGIOSO	12
1.1 A EVANGELIZAÇÃO DO ESTADO DE SANTA CATARINA	13
1.2 A DIOCESE DE SANTA CATARINA.....	16
1.3 A DIOCESE DE TUBARÃO	17
1.4 A REALIDADE HUMANA DA DIOCESE DE TUBARÃO	18
1.5 A IMIGRAÇÃO ALEMÃ NA REGIÃO	21
1.6 VARGEM DO CEDRO	22
1.7 A COMUNIDADE DE SÃO LUÍS	24
1.8 A FAMÍLIA BERKENBROCK.....	25
2 A VIDA DE ALBERTINA BERKENBROCK E A CONSTRUÇÃO DE SEU MARTÍRIO E SANTIDADE ATRAVÉS DA FALA.....	27
2.1 A RELIGIOSIDADE DA FAMÍLIA	27
2.2 A CONSTRUÇÃO DA ÍNDOLE E VIRTUDE DE ALBERTINA	31
2.3 O DELITO E A CONSTRUÇÃO DO MARTÍRIO.....	39
2.4 A INTENÇÃO MALÉVOLA DO ASSASSINO	41
2.5 A LUTA DE ALBERTINA PARA DEFENDER A SUA PRÓPRIA VIRTUDE.....	45
2.6 O LOCAL E A POSIÇÃO DO CADÁVER	48
2.7 UM FENÔMENO PARTICULAR: O FERIMENTO DE ALBERTINA	51
2.8 ALBERTINA PERMANECEU VIRGEM	52
2.9 O FUNERAL DE ALBERTINA.....	54
2.11 NASCIMENTO DA DEVOÇÃO A ALBERTINA.....	58

2.12 FAMA DURADOURA, FAMA PERENE.....	59
2.13 A BEATIFICAÇÃO DE ALBERTINA	70

**3 OS MODELOS DE FÉ DE ALBERTINA E ALGUMAS VIRGENS- MÁRTIRES
AO LONGO DA HISTÓRIA.....75**

3.1 O MODELO DA VIRGEM MARIA	75
3.2 Os DOGMAS DA MATERNIDADE DIVINA, VIRGINDADE PERPÉTUA, IMACULADA CONCEIÇÃO E ASSUNÇÃO DE MARIA	76
3.3 O MODELO DE SÃO LUÍS	79
3.4 ALGUMAS VIRGENS- MÁRTIRES AO LOGO DA HISTÓRIA	83
3.5 SANTA AGNES	85
3.6 SANTA ÁGATA	86
3.7 SANTA BÁRBARA.....	87
3.8 SANTA MARIA GORETTI	88
3.8 ALBERTINA E A RELAÇÃO COM AS QUATRO MÁRTIRES	92

CONCLUSÃO.....97

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS102

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por intenção falar um pouco sobre a vida de Albertina Berkenbrock considerada virgem e mártir pela Igreja Católica Apostólica Romana e por milhares de pessoas espalhadas pelo Brasil e até mesmo no exterior. Não obstante nosso ponto central trata-se de apresentar a construção de seu martírio e santidade através da fala contida nos testemunhos sobre a mesma revelando assim manifestações, gestos e palavras, traduzindo uma visão de mundo integrada pelas crenças e práticas coletivas da população de São Luís.

A vida de Albertina se compara a vida de muitas outras mulheres ao longo da história que teriam recebido a “dupla coroa da virgindade e do martírio” e que a Igreja lhes concedeu a dignidade de terem seus nomes escritos na Acta Martyrum afim de que as gerações recordem suas memórias, vivam seus exemplos e sob os altares celebrem a sua fé, o que em outros termos podemos dizer, as utilize como propaganda para divulgar seus idéias e visão de mundo institucionalizando-as, e isso verificaremos nas páginas do presente trabalho.

Segundo seus biógrafos, Albertina nasceu em 11 de abril do ano de 1919, em um pequeno vilarejo chamado São Luís, município de Imaruí no Estado de Santa Catarina. Era a segunda entre os nove filhos do casal Henrique Berkenbrock e Josefina Boeing, agricultores e descendentes de alemães provenientes da região de Westfália. Uma família muito devota e católica que teria educado os filhos dentro dos preceitos e ensinamentos da igreja de forma rígida e constante.

Como na maioria das biografias de santos e beatos não poderíamos deixar também de mencionar a data 25 de maio de 1919, dia em que Albertina foi batizada na pequena capela de São Luís, pois segundo a tradição cristã o batismo é o sacramento que torna a pessoa filha de Deus e da Igreja por isso uma data que não poderia ficar fora deste trabalho mostrando a ligação à instituição como uma condição de santidade, bem como digna de nota é também o dia de sua crisma em 09 de março de 1925 e da sua primeira eucaristia em 16 de agosto de 1928.

Segundo a documentação por nós consultada, na tarde de 15 de junho de 1931, Albertina com apenas 12 anos de idade quando a procura de um boi do seu pai que havia se perdido pela mata, teria sido surpreendida por Manoel Idalício Cipriano, um

funcionário de seu tio, que tentou abusar sexualmente dela. Ainda segundo os escritos sobre a vida de Albertina ela teria então negado a ceder aquele ato, pois considerava um pecado grave e diante da recusa foi assassinada por degolamento através de um canivete portado pelo autor do delito, uma visível construção consciente do seu martírio como manutenção de um modelo tradicional.

A partir de então ela teria começado a ser aclamada como virgem e mártir se tornando objeto de fé e devoção de muitas pessoas inicialmente em São Luís e depois para o restante do Brasil vindo a ser beatificada em 20 de outubro de 2007. Seu processo para a canonização já está em fase final podendo acontecer esta em 2014.

A importância da escolha deste tema no campo de estudo da devoção no Brasil se salienta pelo fato de Albertina vir a se tornar a primeira santa genuinamente brasileira, visto que a ocupante deste título, madre Paulina é brasileira naturalizada tendo nascido na Itália. Mas cabe se salientar aqui o estudo do caso que permite compreender o perfil da santidade conforme a tradição e o tempo presente.

Outro fato é que Albertina também se tornará a primeira virgem mártir do Brasil, se tratando de uma tentativa por parte da Igreja de resgatar essa figura de santidade e a atualizar para nossa sociedade, os demais beatos e santos de nosso país foram religiosos como, por exemplo, irmã Dulce, Santo Antonio de Santana Galvão e a própria Madre Paulina, e seus processos de canonização se deram conforme a igreja pelo exemplo de vida e virtudes que possuíram sendo objetos para a construção de outra realidade desejada no que concerne a partir do Concílio Vaticano II levar a uma propaganda do papel da igreja na defesa dos direitos humanos já que estes santos estavam inseridos em obras assistenciais.

Existem alguns casos de mártires brasileiros como os beatos padre Manuel Gonzáles e coroinha Adílio Daronch que foram mortos por questões políticas e a construção da santidade deles possui uma essência na questão de conflitos políticos- eclesiásticos; mas na qualidade de virgem e mártir existe apenas Albertina em solo nacional se tratando de um modelo de manutenção da virgindade e castidade. Devido a isto o processo de canonização dela não precisou da comprovação de nenhum milagre, pois seu martírio em defesa da virgindade já é considerado pela igreja a prova de sua santidade, por isso a sua beatificação só foi possível após a realização de uma investigação por parte do Vaticano constatando que realmente houve o martírio.

Assim o objetivo deste trabalho não é uma simples desmistificação ou simplesmente uma escrita bibliográfica acerca deste, mas nosso objetivo é perceber como se construiu a imagem de santidade e martírio de Albertina a partir do discurso contido nos

testemunhos e como esta fama foi reforçada através da reinterpretação das pessoas de acordo com a sua fé e realidade.

Outro diferencial também está no fato de que os escritos bibliográficos sobre a vida de Albertina, produzidos até agora, foram feitos por teólogos, devotos, jornalistas e um filósofo que escreveu a vida da menina em estilo de um romance se utilizando de dados, fatos e personagens reais. Estas bibliografias tratam-se apenas de propagandas e matérias de divulgação da devoção a menina. Assim este seria um dos primeiros escritos sobre Albertina Berkenbrock de um historiador apresentando uma discussão sobre o gênero “biografia” propiciando uma discussão historiográfica sobre o assunto.

Para entendermos o processo da construção da imagem da menina que culminou na sua aclamação como virgem e mártir; dividimos este trabalho em três capítulos.

No primeiro falaremos do ambiente sócio-religioso tanto da realidade da família de Albertina, como da realidade da sua região e da realidade brasileira, iniciando pela evangelização do Brasil, passando pela evangelização do Estado e região onde Albertina viveu até chegarmos por fim a família Berkenbrock para entendermos o meio que propiciou a construção deste modelo de santidade.

No segundo capítulo falaremos sobre a vida de Albertina Berkenbrock baseada em testemunhos e depoimentos de familiares, amigos, conhecidos e até de pessoas que não a conheceram mais tiveram contatos com conhecidos para que assim possamos observar claramente o processo de construção de sua santidade através da fala dos depoentes, como esta construção é reforçada, como foi passada de pessoa para pessoa e como se manteve até a atualidade como tentativa de se legitimar tal discurso.

Por fim no terceiro capítulo veremos de maneira breve os dois modelos de fé que nortearam a vida de Albertina e que conferiram suporte ao seu verdadeiro modo de conceber a questão da pureza por trás da sua imagem construída, imagem esta que mais parece de uma pequena teóloga do que de uma criança de 12 anos. Também através de pequenos relatos conheceremos a vida de algumas virgens mártires da história do cristianismo, verificando as características que unem Albertina a estas como permanência deste modelo virgem- mártir e para entendermos que este arquétipo de santidade sempre passou por uma revisão eclesiástica para se realizar uma manutenção da virgindade, da divulgação dos valores da instituição e do modo seu modo de conceber o mundo.

Para concluir, desejamos que as páginas a seguir deste trabalho possam ser mais uma pequena colaboração para a história da religião, como construção de um material reflexivo que ajude a entender as expressões religiosas e o princípio do ideal de santidade.

ALBERTINA BERKENBROCK – VIRGEM E MÁRTIR.

A construção do seu martírio e santidade

1 AMBIENTE SÓCIO-RELIGIOSO

A breve vida terrena de Albertina Berkenbrock transcorre em um ambiente do Estado de Santa Catarina, na pequena vila de São Luís situada a alguns quilômetros da cidade de Imaruí, caracterizado pela forte presença de imigrantes alemães professantes da religião católica, o qual é necessário se enquadrar historicamente e, sobretudo, do ponto de vista social e religioso.

A descoberta e a evangelização do Brasil estão ligadas intimamente a colonização portuguesa, a qual se refere os estudos específicos e atualizados sobre o tema.¹

Todavia é oportuno ressaltarmos alguns pontos acerca da evangelização do Estado de Santa Catarina, primeiro para que fique mais clara a compreensão das várias correntes imigratórias, sobretudo as que nos interessam e, que ocorreram em meados do século XIX, em segundo porque é neste território que acontece a história de vida de Albertina Berkenbrock.

Os imigrantes conseguiram reconstituir em solo brasileiro o seu grupo étnico, com seus antecedentes culturais e religiosos, vivendo-os com zelo a ponto de preservá-los mesmo a distância, e com o passar dos anos, cada elemento de sua pátria mãe se tornou sujeito a evolução natural aplicada à língua, costumes e tradições, sobretudo as de natureza religiosa.

A dita história da “evangelização do Brasil” se apresenta com repletas particularidades a sua volta, devida a diferentes políticas adotadas na colônia, que geraram certa instabilidade na atividade missionária.

¹ Em relação à história da evangelização e formação das várias dioceses brasileiras, referem-se os estudos recentes do Jesuíta João Evangelista Martins Terra, *Catequese de Índios e Negros no Brasil Colonial*, Aparecida, SP, 2000, pp. 23-24; 28-29; 33-34; e para uma visão geral da história da Igreja no Brasil, Rubert Arlindo, *História da Igreja no Brasil*, Ed. MAPFRE, Passo Fundo, RS, 1992, 3º Vol.

O entrelaçamento destas duas questões, envoltas ainda ao conjunto de realidades de um território de extensão continental, determinou o fortalecimento das comunidades rurais, conservando uma forma de religiosidade simples², porém muito sólida tendendo até mesmo a certo fanatismo.

Neste contexto sócio-religioso iremos situar a comunidade católica alemã, italiana, polonesa e etc., e em seguida os personagens e o ambiente onde nasceu, cresceu, viveu e morreu Albertina Berkenbrock. Ambiente este propício para a futura construção de sua fama de martírio e santidade por parte da população.

Observaremos assim, que Albertina traz consigo não somente um modelo de santidade dos primeiros séculos do cristianismo, mais também ele é fruto das crenças e práticas vividas na realidade do ambiente a sua volta. Segundo Chartier trata-se aqui de uma representação e apropriação. A devoção a menina trata-se então de uma forma de representação por meio da qual os indivíduos procuram dar sentido a realidade a qual estão circundados. É uma maneira de constituir uma vivência com o sagrado através de seu sistema de crenças, ou no dizer de Roger Chartier: “[...] o modo pelo qual em diferentes momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler” (CHARTIER, R. **A História Cultural**: entre práticas e representações. São Paulo: DIFEL, 1990, p. 16)

1.1 A EVANGELIZAÇÃO DO ESTADO DE SANTA CATARINA

Em 25 de fevereiro de 1551, com a bula *Super Specula Militantis Ecclesiae* o Papa Júlio III (1550-1555) constituiu São Salvador da Bahia a primeira diocese brasileira. A nova instituição contava com um número muito pequeno de missionários para a grande extensão do território, eram cerca de dez Jesuítas e alguns sacerdotes seculares. Além disso, o bispo foi investido como *Núncio Apostólico* responsável pela administração de todo o território brasileiro, por isso ele normalmente era chamado o “Bispo do Brasil”.³

² Religiosidade simples seria uma forma de vivência da fé conforme a concepção pessoal do indivíduo sem uma forma teológica, institucionalizada ou formal.

³ Congregatio de Causis Sanctorum, P.N. 786. *Summarium, Commissione Storica*, pp. 145-168. Tipografia Nova Res, Piazza di Porta Maggiore, Roma 2002.

A última Capitania ao sul do Brasil correspondia aproximadamente ao atual território do Estado de Santa Catarina, que incluía uma grande ilha (dita de Santa Catarina) e avançava ao interior. A área era habitada pelos índios *carijó* e outras tribos menores.

Inicialmente a atividade religiosa foi esporádica, se iniciando através do trabalho de um frade franciscano de passagem (1538-1541), e em seguida houve uma breve permanência de um padre jesuíta e de um sacerdote de outra congregação (1551-1618), ocorrendo este trabalho principalmente ao longo do litoral catarinense. Foi então que em 1622 o superior geral da Companhia de Jesus decidiu estabelecer em Santa Catarina uma residência fixa para seus missionários, iniciando assim a evangelização dos índios e a assistência permanente aos imigrantes tanto do litoral como do interior.

Esta ação permitiu que em 1665 fosse elevada ao grau de paróquia a igreja da vila de Nossa Senhora das Graças, na ilha de São Francisco, ao norte do Estado de Santa Catarina, e, em 1696, de se construir a igreja matriz de Laguna, localizada mais ao sul da ilha de Santa Catarina.

No entanto, o trabalho religioso nesta terra foi significativamente afetado por vários eventos relacionados com a política de acabar com o trabalho das Ordens e Congregações religiosas. Os jesuítas foram particularmente vulneráveis com uma situação que oscilava em favor da tolerância ou da total desgraça da ordem, que se concretizaria mais tarde com a expulsão destes das terras de missões. Foi assim, por exemplo, que somente vinte anos mais tarde (1712) vieram os carmelitas, que assumiram as atividades missionárias na região do Desterro (na ilha de Santa Catarina) e de Laguna.

Dados os fatos, na época, a paróquia de Desterro teve o seu primeiro vigário “ad ínterim” padre Francisco Justo Santiago. Porém com a morte prematura de padre Santiago, a comunidade viveu um momento de apreensão. Uma nova etapa do trabalho religioso deu-se somente em 1748, quando os jesuítas puderam retornar e fundaram uma faculdade e um sanatório. Anos mais tarde, em 1760, os jesuítas foram enfim expulsos do Brasil pelo Marquês de Pombal, e tanto a paróquia quanto as duas instituições foram colocadas sob a administração do Vigário de Desterro, que durante 50 anos as utilizou como abrigo para padres.

Apesar da mudança sucessiva de missionários pertencentes a congregações religiosas, a assistência da população não foi abandonada, sendo mantida dentro do possível pelo clero secular. Neste período nove capelas e nove paróquias foram construídas, como a de

Canasvieira, de Lagoa, de São José e da Enseada do Brito em 1750, a de Vila Nova, próximo a Laguna em 1753 e de Lages, no interior, em 1767.⁴

Falta-nos a documentação histórica do período sucessivo, mas é possível afirmar que as atividades continuaram, a prova disso se dá pelo fato em que no ano de 1814 o arcebispo do Rio de Janeiro, Dom José Caetano da Silva Coutinho, realizou sua primeira visita pastoral a Santa Catarina e, uma década depois (1824) nasceu o arcebispado da província de Santa Catarina e novas paróquias foram edificadas em Porto Belo em 1824, Garopada do Norte (1830), Rio Vermelho (1831), Imaruí e Itajaí (1833), e a de Tubarão (1836).⁵

Neste período iniciava-se também a “onda de imigrações” que por várias décadas uniu a Europa, em particular a Itália e a Alemanha com o Brasil.⁶

Em 1845, acompanhando o Imperador Dom Pedro II, o bispo do Rio de Janeiro, Dom Manoel de Monte Rodrigues realizou a segunda visita pastoral a Santa Catarina impulsionando ainda mais o trabalho da igreja naquela região.

Pouco a pouco novas capelas e paróquias foram edificadas como a de Camboriú, Campos Novos, Pescaria Brava, Mirim, Tijucas, São João Batista, Joinville, Curitiba, Araranguá, Gaspar, Teresópolis, Santo Antonio, Trindade e outras mais. Neste ponto da história pode-se dizer que estava definitivamente consolidada no Estado de Santa Catarina a presença da igreja católica.

Assim, em 27 de abril de 1892, com a bula *Ad Universas Orbis Ecclesiae*, de Leão XIII, foi criada a Diocese de Curitiba, capital do Estado do Paraná, permanecendo Santa Catarina sob a jurisdição do novo bispo, Dom José de Camargo Barros, empossado em 30 de setembro de 1894.

Segundo Paulo Hobold⁷ no Anuário eclesiástico de 1951, Dom José realizou uma excursão pastoral em 4 de março de 1895 percorrendo todo o território dentro de sua circunscrição eclesiástica e em seguida numa viagem que teria durado sete meses visitou a

⁴ Congregatio de Causis Sanctorum, P.N. 786. *Summarium, Commissione Storica*, p. 149. Tipografia Nova Res, Piazza di Porta Maggiore, Roma 2002.

⁵ Congregatio de Causis Sanctorum, P.N. 786. *Summarium, Commissione Storica*, p. 149- 150. Tipografia Nova Res, Piazza di Porta Maggiore, Roma 2002.

⁶ Gianfausto Rosoli (org.) - *Emigrazioni Europee e Popolo Brasiliano - Atti del Congresso Euro-Brasiliano sulle migrazione*. São Paulo, 19-21 Agosto de 1985. Roma, 1987, p. 136.

⁷ HOBOLD, Paulo, in *A Arquidiocese de Florianópolis*, Anuário Eclesiástico 1951, pag. 7

cidade de Tubarão não podendo mais prosseguir conferiu ao padre Francisco Topp a incumbência de concluir a atividade indo até o extremo sul da diocese chegando até Araranguá.

Dom José, além do padre Francisco Topp que trabalhava em Florianópolis ao sul, contava também com a ajuda de outros sacerdotes como padre João Cybeo que atuava no vale do Itajaí, padre Carlos Boeggershansen em Joinville, e o franciscano frade Rogério Neuhaus, no planalto. Os sacerdotes, no entanto, eram poucos, ele pensou em um meio para fazer vir mais sacerdotes alemães e italianos para colaborar na atividade religiosa em outras áreas da diocese.

1.2 A DIOCESE DE SANTA CATARINA

Era chegado o tempo para a fundação da diocese de Santa Catarina, algo, porém, que aconteceria muito em breve, pois a tarefa de formalizar a criação da nova diocese ficaria a cargo do sucessor de Dom José de Barros, o bispo Dom Duarte Leopoldo e Silva.

Assim no dia 19 de março de 1908, através da bula *Quum Sanctissimus Dominus Noster*, o Papa Pio X decretou o desmembramento do estado de Santa Catarina da diocese de Curitiba no Paraná, e edificou uma nova diocese com sede na cidade de Florianópolis, sufragânea da arquidiocese do Rio de Janeiro.

Com o decreto de 3 de maio de 1908, Pio X nomeou seu primeiro bispo Dom João Becker, pároco de Porto Alegre, que tomou posse a 12 de outubro do mesmo ano. A esta nova diocese pertenciam 41 paróquias e quatro jurisdições eclesiais: Desterro, Laguna, São Francisco e Lages. Com base no censo de 1900, eram cerca de 350.000 os habitantes desta região.

Em quatro anos de governo Dom João Becker realizou o primeiro sínodo diocesano, regulamentando o trabalho diocesano; dividiu a diocese em 10 vicariatos ou jurisdições eclesiais, fundou o primeiro órgão diocesano de imprensa a “Resenha Eclesiástica”; publicou cinco cartas pastorais; fez doze vezes a visita pastoral, percorrendo todo o estado de uma só vez e grande parte em outra vez; desenvolveu 91 das santas missões; criou 5 paróquias, 4 capelas, e ainda realizou um congresso sacerdotal.

Em 5 de outubro de 1912, o Papa Pio X nomeou Dom João Becker arcebispo de Porto Alegre, permanecendo a sede vacante nas mãos do padre Francisco Topp, subordinada a Porto Alegre. Em 7 de setembro de 1914 chegava a diocese de Florianópolis o

seu novo bispo, Dom Joaquim Domingues de Oliveira que ali permaneceu por mais de 40 anos. Nesse tempo Florianópolis como diocese, significava todo o estado de Santa Catarina até que em 17 de janeiro de 1927, Pio X, com o decreto *Inter Praecipua*, elevou Florianópolis à dignidade de arquidiocese e criou as novas dioceses de Lages e Joinville, sua sufragânea.

A nova arquidiocese era circunscrita nos seguintes limites: Ao norte, o município de Blumenau, a oeste, a Serra Geral; ao sul, o estado do Rio Grande do Sul; ao leste com o mar. Compreendia as seguintes comunidades: Itajaí, Brusque, Ituporanga, Camboriú, Porto Belo, Tijuca, Biguaçu, Florianópolis, São José, Palhoça, Laguna, Imaruí, Tubarão, Orleans, Jaguaruna, Urussanga, Criciúma, Araranguá e Turvo, em um total de 20.054 km². A população era cerca de 500.000 habitantes segundo o Anuário pontifício da arquidiocese do ano 1915.

O episcopado de Dom Joaquim foi marcado por uma série de sínodos diocesanos, ele reformou e ampliou a catedral, construiu o palácio arcebispal, fundou o seminário menor de Azambuja, e em seguida o seminário de São Ludgero, multiplicou o número de paróquias, incentivou o movimento catequético, organizou a Ação Católica e realizou longas visitas pastorais, quase sempre a cavalo, sobre tudo no tempo em que a diocese era todo o estado de Santa Catarina, até que em 1927 dividiu-se a arquidiocese com o desmembramento da diocese de Joinville e de Lages.

Dom Joaquim governou a diocese por longos 53 anos e faleceu no ano de 1967.

Antes deste ano, salientamos um acontecimento em particular, em 1954 ocorreu uma nova divisão da arquidiocese, criando-se então a diocese de Tubarão, que compreendia a toda região sul do estado de Santa Catarina chegando até o mar, caracterizada pela forte presença de imigrantes luso-açorianos, italianos, alemães e um pouco de negros, poloneses e de outras nacionalidades menores.

1.3 A DIOCESE DE TUBARÃO

A Diocese de Tubarão, criada no dia 28 de dezembro de 1954 através da bula *Vigete Ubique Gentium* do papa Pio XII, foi estabelecida em 15 de agosto de 1955. Nossa Senhora da Piedade foi escolhida para sua padroeira. Sufragânea da arquidiocese de

Santa Catarina ela faz parte da Regional SUL IV, da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, CNBB.

Seu primeiro bispo foi Dom Anselmo Pietrulha, OFM. Transferido de Campina Grande na Paraíba, assumiu a diocese em 15 de agosto de 1955. O número de paróquias eram 28. O bispo construiu a catedral, a residência episcopal, um extenso seminário menor, adquiriu uma estação de rádio para a diocese, fundou 22 paróquias e pouco a pouco aplicou os decretos do Concílio Vaticano II. Em 1980, ele recebeu um auxiliar, que no ano seguinte o sucedeu. Dom Anselmo conduziu a diocese até outubro de 1981.

O segundo bispo diocesano de Tubarão foi Dom Osório Bebber, OFM Cap. Após vários anos de governo, Dom Osório realizou o seu primeiro sínodo diocesano, que reestruturou toda a organização pastoral e administrativa da diocese. Foi então elaborado o primeiro plano quinquenal de pastoral (1986- 1990) e as normas e diretrizes para a ação pastoral. Em 19 de janeiro de 1992 ele foi transferido para a diocese de Coxim, MS.

O terceiro e atual bispo de Tubarão é Dom Hilário Moser SDB. Ele foi nomeado ao cargo no dia 5 agosto de 1992.

No ano de 1998, o Papa João Paulo II dividiu a diocese de Tubarão formando a nova diocese de Criciúma, criada em 15 de agosto daquele mesmo ano. Com a divisão, a diocese de Tubarão teve novos limites: ao norte fazendo fronteiras com a Arquidiocese de Florianópolis; ao sul, com a diocese de Criciúma; ao leste, com o oceano Atlântico e ao oeste com a diocese de Lages.

1.4 A REALIDADE HUMANA DA DIOCESE DE TUBARÃO

O território que hoje pertence à diocese de Tubarão foi habitado, e ainda continua sendo, por diversos grupos de pessoas, cujos descendentes constituem a sua população. O povo desta região é um autêntico mosaico étnico e cultural. Esta é uma região predominantemente católica. No entanto há pequenos grupos de luteranos, diversas denominações evangélicas, grupos religiosos autônomos, seitas e espiritualistas.

Conforme dados de 1997 do Plano diocesano de Pastoral (1993- 1997), em termos percentuais, estes são os grupos humanos que compõem a população desta região – os percentuais são aproximados, devida a frequente “misturas” étnicas:

Índios: eram os índios *Carijós*. Estes foram extintos.

Portugueses (luso - açoriano): 34%

Negros: 10%
Alemães: 24%
Italianos: 29%
Poloneses: 3%

A união de todos estes grupos étnicos formou uma grande variedade de expressões culturais e ambiente humano. Com exceção de Tubarão, as outras cidades são de tamanho médio e, sobretudo pequeno. Cerca de 70 % da população vive na cidade. Fora da cidade há muitos grupos de agricultores. A maior parte da terra está nas mãos dos pequenos e médios agricultores. Existem também pequenas e médias indústrias. Predomina uma economia baseada na produção da terra para a auto-sustentação da família. A população em geral se dedica a agricultura, a indústria, a pesca e a pecuária.

A base econômica da região é a agricultura, a indústria de cerâmica, o comércio, serviços diversos e o turismo. Tubarão, Laguna e Imbituba são os principais centros de serviços. A produção agrícola se concentra em poucos setores: arroz, fumo, mandioca e frutas. Permanece a estrutura minifundiária dos imigrantes, que é em torno de 20 a 25 hectares por família. Na atualidade o pouco incentivo do governo a agricultura está provocando o abandono do campo e a mudança dessas famílias a cidade, aumentando assim os índices de pobreza. No setor terciário predomina o turismo nacional e internacional, devido às praias na região e as várias fontes termais.

Há de ressaltarmos um pouco a identidade dos vários grupos que compõe a realidade humana da Diocese de Tubarão.

Os índios: os índios *carijós* eram nativos desta região. Agricultores, sedentários, organizados, não viviam na miséria. A escravidão e as doenças dizimaram estes índios. No final de 1600 já havia poucos índios *carijós*. Hoje não existem mais índios nesta região. De sua cultura sobreviveram apenas alguns nomes geográficos e os *sambaquis* (depósitos de conchas, alguns objetos, e ossos de índios).

Os portugueses: os primeiros europeus a chegarem a Santa Catarina foram os portugueses. A partir de 1748 chegaram os luso-açorianos. Até meados de 1800 os portugueses foram os colonizadores desta parte de Santa Catarina. A presença açoriana, a sua cultura e seus costumes ainda hoje caracterizam a região, principalmente o litoral. Muitos são os seus descendentes. Como seus ancestrais, geralmente são pescadores e comerciantes. A maioria é de religião Católica.

Negros e mestiços: Segundo João Evangelista Terra na sua obra *Catequese de índios e negros no Brasil colonial*, os índios não resistiram ao trabalho. Foram escravizados então os negros. João também afirma que os portugueses facilmente se casavam com as mulheres negras, por isso era abundante a população mestiça. A escravidão nesta região tinha uma forma mais doméstica, a serviço de uma economia de subsistência.

A libertação dos escravos aconteceu gradualmente, tornando-se definitiva somente em 13 de maio de 1888. Livres, os negros se estabeleceram preferencialmente no litoral. Hoje a população negra e mestiça é um elemento de grande importância para a cultura da região. Em parte os negros ainda sofrem devido à discriminação.

Os italianos: A imigração italiana ocorreu sobre tudo entre os anos de 1877 e 1895. Estes preferiam se estabelecer nas terras ao interior. A descendência italiana é muito numerosa. Existem localidades onde praticamente todos são italianos. Muitos ainda falam dialetos e cultivam os costumes italianos. Mais que o alemão, o idioma italiano se misturou ao português. Geralmente eles possuem uma boa condição econômica e são de religião católica.

Os alemães: remonta a 1829 a presença dos alemães em Santa Catarina. Porém na região meridional do Estado eles chegaram mais tarde: eles se estabeleceram ao final de 1873 em Teresópolis, no Estado do Rio de Janeiro, e somente depois chegaram nesta região à procura de melhores terras preferindo aquelas ao interior. Alguns grupos chegaram ao início de 1900. Atualmente também possuem uma grande descendência e a sua cultura caracteriza muito a região. Algumas paróquias são praticamente de fiéis alemães.

“Os alemães que aqui chegaram eram católicos e luteranos. Os primeiros vieram em grande maioria, da Westfalia. Os restantes são da região da Pomerania, ao norte da Alemanha. Se tratou de uma imigração benéfica. Sociologicamente, uma benção e uma dádiva. Gente pioneira e corajosa que veio, viu e venceu. Os alemães trabalharam e progrediram, pois eram e são trabalhadores. As razões de sua imigração são as clássicas: superpopulação, falta de terra, terras improdutivas e a industrialização incipiente que deixou milhares de alemães desempregados. Aqui estabeleceram suas “Dorfs”, suas igrejas, a sua fé e as suas festas. A imigração alemã (na diocese de Tubarão) foi muito rica em vocações. Ela deu mais de duzentos padres para a Igreja e seis bispos, todos de São Ludgero, mais de 500 religiosos e o “papabile” (sic) Cardeal Paulo Evaristo Arns”. (BIFF, Claudino, *Crônicas da Diocese de Tubarão*, pp. 20 e 21).

Os Poloneses: Em 1890 – 1891 chegaram também ao sul de Santa Catarina os imigrantes poloneses. Na região de Tubarão seus descendentes são poucos e também estão concentrados em poucos lugares. Eles são menos abertos a outras culturas e cultivam bastante o polonês e seus costumes. São agricultores e quase todos são católicos.

1.5 A IMIGRAÇÃO ALEMÃ NA REGIÃO

Como Albertina é descendente de imigrantes da Westfália, é oportuno se fornecer maiores informações sobre eles.

O primeiro grupo de imigrantes alemães na região de São Martinho, Vargem do Cedro e São Luís remontam a 1865. Provenientes principalmente da Westfália. O grande motivo para a imigração foi a busca por melhores condições de vida. Segundo Jacinto Antônio Mattos, em sua obra a Colonização do Estado de Santa Catarina, os fatores mais específicos da imigração em geral foram:

a) demográfico - as famílias tinham muitos filhos e a terra era insuficiente para dividi-la entre todos.

b) político - os impostos eram altíssimos e a imigração era proibida, pois assim perderiam a cidadania alemã, razão pela qual muitos fugiam através da Holanda e por isso não possuíam passaporte; além disso, o século XIX foi um tempo de guerras e revoluções.

c) econômico - a grande pobreza e a fome.

d) propagandístico - os agentes de imigração descreveram o Brasil como um paraíso, o lugar perfeito para se iniciar uma nova vida.

e) enfim, os próprios imigrantes escreviam do Brasil para a Alemanha, contanto aos seus familiares e conhecidos as maravilhas da sua nova pátria.

“Uma das regiões característica da Alemanha é a Westfalia. Ela se localiza ao nordeste da Alemanha e faz fronteira com a Holanda. É uma terra completamente plana e uniforme. A capital é Münster. Por isso, os imigrantes falavam em Münsterland quando se referiam a sua terra natal. Os “westfalianos” são conhecidos como pessoas de poucas palavras, perseverantes, amantes da liberdade, conservadores. Além disso, são considerados enérgicos e coerentes. Singular é a sua vocação para o bom humor e a sátira.” (DIRKSEN, Valberto, Viver

em São Martinho, A Colonização no vale do Capivari, Edição do autor, Florianópolis, 1995, p.23).

A maioria dos habitantes de São Martinho é descendente de imigrantes provenientes da Westfália. Por sua vez, a região da Westfalia era controlada pelo Bispo de Münster e diante da reforma protestante se manteve católica. Por isso se diz que, se “pomerano” se identifica com luterano, “westfaliano” é sinônimo de católico. Além do mais, os católicos da Westfália possuem suas próprias tradições e costumes religiosos específicos que os distinguem dos demais católicos alemães, eles são conservadores, sua observância dos ensinamentos religiosos são rigorosos, são moralistas e tradicionalistas e a religião exerce forte influência no seu dia a dia desde o levantar até o adormecer.

Entre os anos de 1860 e 1870 imigraram para o Brasil um grande número de famílias carentes da Westfália, especialmente da comunidade de Ahaus e Koesfeld e dos distritos de Wüllen, Wessun, Ottenstein, Legden, Schöppingen. Estes se estabeleceram primeiramente na colônia Teresópolis, a quase dois dias de viagem da capital do Estado de Santa Catarina. Schöppingen, por sua vez, era a terra dos avôs de Albertina.

1.6 VARGEM DO CEDRO

Vargem do Cedro é um núcleo colonial fundado em 1882 por Antonio Effting. Tudo até então era apenas mata virgem. Os primeiros imigrantes que chegaram eram de Capivari e todos oriundos da Westfália e da Renânia.

O sacerdote responsável pelo serviço religioso na nova colônia foi padre Guilherme Roehr, vigário de Teresópolis.

Padre Guilherme Roehr, nascido em Warendorf na Westfalia no ano de 1821 e falecido no hospital de Porto Alegre em outubro de 1891, foi o primeiro vigário paroquial de Teresópolis. Sobre o trabalho de Guilherme Roehr na região escreveu Valberto Dirksen:

“Ele foi pioneiro e apóstolo da região de Teresópolis, passando a maior parte de sua vida a cavalo. Pai do povo, catequista, pregador, arquivista, escritor, disposto a medir a terra com os colonos para as

planícies do *Braço do Norte*⁸, deixou lembranças inesquecíveis na vida de fé dos colonos de São Martinho. Embora muito ocupado com a assistência aos fiéis de um território tão vasto, Padre Roehr, trabalhou com o torno manual, fabricando objetos para o culto nas capelas, que sob a sua liderança o povo construiu. Os fiéis de São Martinho assistiram a chegada dos pioneiros até que as forças já não lhes permitiam mais andar entre os vales”. (DIRKSEN, Valberto, *Viver em São Martinho, A Colonização do Vale do Capivari*, pp. 66 e 67)

Para auxiliar o padre Roehr que possuía uma idade já avançada, no início do ano de 1890, vindo de Münster, chegou o padre Francisco Topp. Ainda assim o trabalho era muito e não foi possível realizá-lo por completo. Foi então que o bispo de Münster, atendendo uma solicitação do padre Topp, enviou dois sacerdotes para ajudar nos trabalhos pastorais, o padre Antonio Eising, de 42 anos, e padre Francisco Auling, que desembarcaram no Brasil no dia 1 de janeiro de 1890. Padre Auling se estabeleceu no Braço Norte, padre Antonio Eising em Vargem do Cedro, onde permaneceu por três anos, até o final de 1893, quando assumiu a paróquia de Brusque.

Em 7 de agosto de 1902 Dom José Camargo de Barros, bispo da diocese de Curitiba, a qual o Estado de Santa Catarina fazia parte, realizou sua primeira visita pastoral a Vargem do Cedro.

Em 1910 foi criada uma capelania que compreendia ao distrito de Vargem do Cedro, São Martinho e São João do Capivari. O primeiro vigário com residência foi o padre João Batista Steiner. Ressalta a 1910 o primeiro livro paroquial. A população de Vargem do Cedro era no momento cerca de 500 pessoas segundo Valberto Dirksen.

Em 1920 padre Steiner deixou a Cura de Vargem do Cedro, que foi anexada provisoriamente a do Rio Fortuna até setembro de 1921. Neste ano foi restabelecida a Cura, compreendendo, como antes, o distrito de Vargem do Cedro Alta e Baixa, São Martinho e São João do Capivari e do Chicão. Foi nomeado vigário padre Gabriel Lux, SCJ.

⁸ No ano de 1872 cinquenta e duas famílias de colonos provenientes da Colônia Teresópolis, guiadas pelo padre Guilherme Roehr à procura de terras férteis, pediram terras ao Imperador Dom Pedro II. Em 6 de maio de 1873 foi então emitido um despacho do Ministério da Agricultura, permitindo a cessão de terrenos às 52 famílias de colonos. Em julho chegaram os primeiros deles para a derrubada de árvores e construção de ranchos. As primeiras famílias estabelecem-se antes do fim do ano. Até a escolha da sede, em 1878, e sua demarcação e venda a partir de 1879, os colonos habitavam o atual município de São Ludgero, onde o padre Roer rezou a primeira missa. Padre Roehr ajudou a medir e a demarcar as terras para as 52 famílias.

Em 25 de julho de 1921 houve uma nova visita pastoral a Vargem do Cedro, quando a comunidade recebeu o arcebispo de Florianópolis, Dom Joaquim Domingues de Oliveira.

Em 1928 a população de Vargem do Cedro já havia crescido, somavam mais de 70 famílias. Padre Gabriel Lux, visando o futuro, projetou a construção de uma nova Igreja em estilo românico a qual foi inaugurada em 20 de janeiro de 1928, dia da festa do seu padroeiro São Sebastião.

A paróquia de Vargem do Cedro até 1965, quando foi fundada a paróquia de São Martinho, compreendia a capela de São Martinho, Praia Redonda, São João, São Luís, Bom Jesus e Rio Chicão. A partir de 1965, a paróquia de Vargem do Cedro se reduziu a igreja matriz e as capelas de Forquilha e *São Luís*.

“A capela de São Luís, apesar de ser composta por poucas famílias, se transformou em um importante centro de peregrinação que atingiu seu ápice nos anos 50. O lugar se tornou famoso devido ao assassinato da menina Albertina Berkenbrock, ocorrido em 15 de junho de 1931.” (DIRKSEN, Valberto, *Viver em São Martinho, A Colonização do Vale do Capivari*, pag. 77).

1.7 A COMUNIDADE DE SÃO LUÍS

A grande planície de São Luís possui características de terras altas. É úmida, se transforma em pântano na época das chuvas, exposta ao vento e a forte evaporação em tempos de seca. A lama é utilizada para se fazer tijolos e telhas. A terra é dura e pouco fértil.

São Luís é uma pequena vila, com pouco comércio, poucas capelas e escolas. As casas de madeira já cederam lugar a muitas casas de tijolos.

A casa onde Albertina nasceu e viveu foi demolida e em seu lugar foi construído um salão.

A maior parte da população vive no campo e se dedica a agricultura, como seus ancestrais, sem grandes transformações no estilo de vida. Muitos dos habitantes são descendentes de imigrantes alemães que, em um primeiro momento, haviam se estabelecido em Capivari. Há também outros de origem luso-açoriana, vindos de Imaruí.

Apesar de São Luís ser uma capela da paróquia de Vargem do Cedro (que faz parte do município de São Martinho), ela pertence, no entanto, a cidade de Imaruí. Por

isso todos os habitantes de São Luís se sentem mais ligados a São Martinho do que a Imaruí, que é mais longe e de difícil acesso.

Segundo o Anuário da diocese de Tubarão, hoje a paróquia de Vargem do Cedro é a única da diocese onde todos, absolutamente todos, são católicos, não havendo ninguém que pertença à outra religião. Isso talvez se justifique pelo fato de seus colonizadores serem católicos e a população ser pequena com cerca de 930 pessoas segundo dados do Censo 2008. Além do sacerdote local que é dehoniano⁹, trabalham também na comunidade as Irmãs Franciscanas de São José.

1.8 A FAMÍLIA BERKENBROCK

Segundo seus biógrafos, a genealogia de Albertina Berkenbrock é conhecida a partir da figura de seu bisavô Joan Bernard Berkenbrock, nascido em 5 de setembro de 1895 em Delfeld na Alemanha, que casou-se com Maria Catharina Kramer, nascida em 22 de fevereiro de 1815 em Wüllen e mudou-se para Schöppingen, donde nasceram seus cinco filhos: Maria Catharina, Bernard Anton, Johan Hermann, Johan Heinrich e um outro Johan Heinrich. Johan Hermann, o avô de Albertina nasceu em 5 de setembro de 1846.

A família, como aconteceu com tantas outras naquele tempo, foi dizimada pela tuberculose: o bisavô Joan Bernard faleceu com apenas 37 anos de idade em 4 de fevereiro de 1852 e logo em seguida lhe acompanharam ao sepulcro seus filhos Maria Catharina e Bernard Anton.

A bisavó Maria Catharina Kramer com seus três filhos sobreviventes – Johan Hermann estava com 14 anos – tentou conseguir a carta de imigração para resolver a condição de pobreza em que se encontrava e, sobretudo, para oferecer um futuro e vida melhor para suas crianças. Então, ela passou com os filhos a fronteira holandesa, e da Holanda embarcou no ano de 1860 para o Brasil chegando a Teresópolis e Capivari seguindo os passos de tantos outros compatriotas que ali naquele mesmo lugar desembarcaram.

A bisavó e o avô de Albertina faziam parte daquele primeiro grupo de imigrantes alemães que, em 1865, de Teresópolis e Capivari se estabeleceram por Santa

⁹ Os sacerdotes dehonianos são da Congregação dos Padres do Sagrado Coração de Jesus - S.C.J (Sacerdotes Cordis Jesu), são assim também chamados devido ao sobrenome de seu fundador o Padre Leão Dehon.

Catarina, em especial na região de São Martinho; e que sobre a orientação de Antonio Effiting, em 1882, fundaram Vargem do Cedro e depois São Luís.

O avô Johan Hermann Berkenbrock, por volta do ano 1870, casou-se com Elisabeth Schomöller, constituindo uma família de nove filhos, segundo a tendência comum neste âmbito da imigração.¹⁰ Provavelmente em Vargem do Cedro ou em São Luís, em 22 de abril de 1890, nasceu Henrique, o pai de Albertina Berkenbrock.

Todos os nove filhos contraíram matrimônio com outros imigrantes alemães, também westfálios: Joannes se casou com Ana Doern; Bernard com Elisabeth Vanderlinde; França com Vêronica Westrupp; Antonio com Carolina Steiner; José com Catharina Preus; Philomena com Antonio Thiesen; Catarina com Estevão Preus; Maria com Guilherme Schmitz e Henrique o pai de Albertina contraiu matrimônio com Josefina Boeing, filha de Bernardo Boeing e de Augusta Fenser, que era natural de Santa Maria, atual Município de Palhoça, em 13 de novembro de 1893.

Por sua vez, Henrique Berkenbrock e Josefina Boeing também formaram sua família tendo nove filhos: Vendolino, *Albertina*, Hilda, Germano, Emílio, Maddalena, Érica, Maria e Pedro.

A família dos Berkenbrock vivia do trabalho no campo. Como seus descendentes “westfálios” conservavam intactos seus costumes, o dialeto e, sobretudo, uma religiosidade católica marcada por certo rigorismo e observância, que, como já havíamos descrito anteriormente, diferenciava-os dos demais católicos alemães.

Na propriedade da família foi construída uma capela dedicada a São Luís Gonzaga, que dominava o pequeno lugar de preces com uma imagem esculpida em madeira.¹¹

Alvino Braun nos fornece a seguinte descrição sobre os Berkenbrock:

“O casal Henrique Berkenbrock e Josefina Boeing não deixavam de realizar sua contínua prática religiosa: as orações em família, especialmente junto à mesa; a recitação do rosário em família, principalmente em maio e outubro. Todos os domingos, também nos dias de festa, iam juntos até a capela de São Luís, a poucos metros de sua humilde casa de madeira”. (BRAUN Alvino Bertoldo, SJ. *A Vida da Serva de Deus Albertina Berkenbrock*, pag. 20).

¹⁰ Cfr. DIETRICH VON DELHARES-GUENTHER, *Comportamento procriativo e a imigração: O crescimento demográfico na Colonia do Brasil Meridional*, in GIANFAUSTO ROSOLI, *A emigração Européia e povo brasileiro*, pp 168-179.

¹¹ Cfr. RADEMAKER Sebastião, *A Virgem Heroína, Mártir Catarinense*, 3ª edição, Campinas, SP, p.4.

2 A VIDA DE ALBERTINA BERKENBROCK E A CONSTRUÇÃO DE SEU MARTÍRIO E SANTIDADE ATRAVÉS DA FALA

Albertina nasceu no dia 11 de abril de 1919, na pequena vila de São Luís, município de Imaruí, Santa Catarina. Ela era a segunda filha dentre oito irmãos, Vendolino, Hilda, Germano, Emílio, Madalena, Érica, Maria e Pedro. Filha de Henrique Berkenbrock e Josefina Boeing, como já citados no capítulo anterior. Ela recebeu o Batismo no dia 25 de maio do mesmo ano de seu nascimento, foi confirmada no sacramento do Crisma em 9 de março de 1925 e realizou sua primeira eucaristia no dia 16 de agosto de 1928. Foi assassinada em 15 de junho de 1931 com a idade de 12 anos. Como é comum na maioria das hagiografias, são ressaltadas as datas em que ela recebeu os sacramentos na igreja, pois se trata de uma forma da instituição demonstrar que o modelo de vida que está sendo devotado era um participante ativo da igreja desta forma influenciando também os devotos a serem participantes, já que a figura do mártir segundo Uíara Otero em “*Os Mártires*”, era utilizada como propagando para a propagação do cristianismo nos primeiros séculos, mais de fato podemos afirmar que continua o sendo também na atualidade.

Com base nos testemunhos recolhidos no processo civil penal e no processo religioso contidos nas atas do processo de beatificação e a qual relatamos alguns neste capítulo referentes a diferentes aspectos da vida de Albertina, poderemos observar a construção da legitimação do martírio e santidade através da fala de cada depoente.

2.1 A RELIGIOSIDADE DA FAMÍLIA

Marcelina Hoepers Daufenback ¹² assim testemunhou acerca da religiosidade da família Berkenbrock:

¹² Marcelina Hoepers Daufenback nasceu em 23 de março de 1917, cristã católica, conheceu Albertina Berkenbrock, residente de Aratingaúba- SC. Testemunhou no Processo informativo Supletivo I, pg. 90, 91, 92 e em outros do tipo. Depôs no testemunho sobre o ambiente católico da família de Albertina bem como sua fama de mártir e sobre graças recebidas.

“Eram católicos, fervorosos, educaram muito bem seus filhos”.
(Summarium super martyrio – Processo Informativo Suppletivo I. Tipografia Nova res. Roma 2002 pg. 91)

Acrescentou também Manuel Francisco André ¹³:

“Os seus pais, na hora da refeição, pregavam aos filhos para que não cometessem pecados”. (Summarium super martyrio – Processo Informativo Suppletivo I. Tipografia Nova res. Roma 2002 pg. 93)

Estes são apenas dois de tantos testemunhos do mesmo teor que poderíamos utilizar como argumento para evidenciar a religiosidade “westfaliana” viva e praticada pelos Berkenbrock. O que foi dito nos testemunhos é o que também transparecia no ambiente a sua volta, algo que através do depoimento de sua mãe Josefina, no processo informativo para a sua beatificação, podemos delinear ainda melhor este clima cristão ao qual foi atribuído a formação de Albertina:

“Desde que era pequena, nós lhe ensinamos a pregar e lhe ensinamos a verdade suprema da nossa religião. Sempre ela vinha conosco na Capela para as devoções e para a Santa Missa, quando o pároco vinha em visita ao lugar nós morávamos. [...] Na Capela local nem sempre se celebrava a Missa; mais todas as vezes que o sacerdote vinha para celebrá-la todos nós íamos a igreja, e Albertina vinha conosco; ela era muito unida na Capela. [...] Albertina tinha uma devoção particular muito grande por Maria e por São Luís Gonzaga, patrono da Capela. Ela recitava o rosário em família, junto de nós. Fazia regularmente suas orações cotidianas. Preparou-se muito bem e com muita alegria para a sua primeira comunhão. [...] Dizia sempre que havia sido o dia mais feliz de sua vida. Todas as vezes que o pároco vinha celebrar a missa em nossa Capela, Albertina se confessava e se comunicava de maneira bastante natural”.

¹³ Manuel Francisco André nasceu em agosto de 1912, cristão católico, não conheceu Albertina pessoalmente mais sim o pai Henrique Berkenbrock, residente em Armazém- SC. Casado com Gervásia de Melo tem sete filhos. Esteve preso e dividiu a cela com Maneco o assassino de quem ouviu a narração do assassinato. Depôs, dentro de outros artigos, sobre a luta de Albertina para defender a virtude e o assassinato. Diz-se devoto e recebeu uma graça. Prestou testemunho no Processo supletivo I pg. 92- 93,e em outros processos do mesmo gênero.

(Summarium super martyrio – Processo Informativo. Tipografia Nova res. Roma 2002 pg. 41-42)

O irmão mais velho de Albertina, Vendolino Berkenbrock¹⁴, confirmou a atmosfera de religiosidade vivida em família.

“Na minha família, os nossos pais nos ensinaram os fundamentos da religião católica e a pregá-los todos os dias.” (Summarium super martyrio – Processo Diocesano Supletivo II. Tipografia Nova res. Roma 2002 pg. 124)

E a sobrinha Norma¹⁵ ainda especificou:

“Eu sou sobrinha da Serva de Deus, conheci muito bem minha avó, ou seja, a mãe de Albertina, e sei que os Berkenbrock eram pessoas de fé, freqüentavam regularmente a igreja e, na família buscavam viver os valores cristãos. Por isso a Serva de Deus, vivendo neste ambiente familiar e recebendo desta formação, sabia que não poderia aceitar a insinuação de Maneco Palhoça, o assassino, sabendo estar este contra os ensinamentos religiosos recebidos.” (Summarium super martyrio – Processo Diocesano Supletivo II. Tipografia Nova res. Roma 2002 pg. 127)

E assim testemunhou também Guido Feuser¹⁶ no processo de beatificação:

¹⁴ Vendolino Berkenbrock nasceu em 18 de abril de 1916 na cidade de São Luís onde ainda reside, viúvo e aposentado é o irmão mais velho de Albertina. Foi ele com apenas 15 anos de idade que encontrou o corpo da irmã já sem vida na mata, católico fervoroso, participou da beatificação da irmã e teve importante participação com seus testemunhos nos processos de beatificação dando belos e preciosos relatos.

¹⁵ Norma Berkenbrock Schotten, nascida em 05 de fevereiro de 1955, católica, é formada em administração escolar e magistério com pós-graduação em metodologia de ensino, sobrinha de Albertina é filha de Vendolino o irmão mais velho da beata. Escreveu a bela obra a Serva de Deus Albertina Berkenbrock, a menina que disse não! Contendo o que ouviu de seus familiares e de seu pai testemunha ocular do assassinato bem como de sua avó mãe da beata.

¹⁶ Guido Feuser nasceu em 29 de setembro de 1959, cristão católico, agricultor, não conheceu Albertina, porém nasceu e mora em São Luís, cidade onde a história da menina aconteceu, este cresceu ouvindo a sua história sendo assim uma testemunha de tradição oral dos fatos ocorrido. Testemunhou nos Processos para a beatificação.

“Eu sou de São Luís e conheço bem todas as famílias que ali residem. Sei que a Serva de Deus foi educada em uma boa família cristã. Por força de sua fé, para defender sua virgindade e para não cometer o pecado, preferiu ser morta a ceder que Maneco Palhoça abusasse sexualmente dela.” (Summarium super martyrio – Processo Diocesano Supletivo II. Tipografia Nova res. Roma 2002 pg. 132)

O cotidiano marcado pela religiosidade da família Berkenbrock é um elemento defendido por todos para justificar a conduta da menina como fruto de uma boa formação no seio familiar, este elemento marcou, ainda, a geração futura, é o que se percebe no testemunho de Padre Rohr¹⁷:

“Eu sou pároco do local onde viveu e morreu a Serva de Deus. Conheço bem as famílias locais e suas histórias. Pelo que se dizia sobre a família Berkenbrock, sei que eram de origem alemã (Westfalia) e uma família de boas tradições e muito católica. Frequentavam regularmente a igreja e pregavam todos os dias em família. Também a geração atual (ano de 2001) dos Berkenbrock é composta de bons cristãos. A Serva de Deus viveu neste contexto e foi formada, em primeiro lugar, pelos pais, e depois quando frequentou a catequese onde recebeu a primeira comunhão. Eu sei, por informação de alguns párocos que a conheceram, que era uma moça fervorosa, frequentava regularmente os sacramentos e todos os anos se lembrava do aniversário de sua primeira comunhão, dizendo que aquele havia sido o dia mais belo de sua vida”. (Summarium super martyrio – Processo Diocesano Supletivo II. Tipografia Nova res. Roma 2002 pg. 134)

Assim é construída uma imagem de ideal de santidade vivido em família, onde o ambiente no qual Albertina nasceu, cresceu e viveu ganha um caráter sagrado. Seria uma forma de justificar como uma menina de 12 anos teria preferido a morte ao pecado, uma forma de legitimar seu ato como consequência de uma boa formação. Notemos a ênfase dada a sua participação na capela de São Luís como uma forma de vincular esse ambiente familiar a instituição igreja como se fosse a vivência familiar continuidade da vivência institucional.

¹⁷ Renato José Rohr, nascido em 11 de julho de 1947 na cidade de Três Passos- RS, é padre da Congregação dos sacerdotes do Coração de Jesus, pároco na cidade de Vargem do Cedro a qual pertence a Capela de São Luis onde viveu Albertina. Seu testemunho é importante para sabermos a tradição da fé católica vivida pela família da Beata e sobre a história da devoção a ela na região.

2.2 A CONSTRUÇÃO DA ÍNDOLE E VIRTUDE DE ALBERTINA

Há uma singular concordância entre os testemunhos realizados nos vários processos tanto religiosos como civis, e entre as próprias testemunhas, que conheceram e inclusive conviveram com Albertina Berkenbrock, ao descrevê-la como uma menina boa no sentido mais amplo do termo. Podemos notar aqui a construção da imagem de uma menina dotada de simplicidade, caridosa e amiga de todos.

Assim depôs a Josefina, a mãe:

“Albertina foi sempre muito obediente, dócil, pia; em casa sempre ajudava muito, sem reclamar, tinha um temperamento silencioso, tímido. Gostava de brincar com o bambolê; fazia cruces com pedacinhos de lenha e os adornava com flores. Albertina, como me dizia o professor, era amada por todas as suas pequenas companheiras; jamais se vingava, nem mesmo quando os irmãos batiam nela. [...] Foi sempre muito simples, modesta nas vestimentas, quieta, muito dócil; muito delicada no ato de vestir-se e despojar-se; eu nunca escutei de sua boca uma palavra que não fosse delicada. Gostava de brincar com as crianças pobres, entre os quais estavam também as do assassino, e dividia com os amigos o pão, que levava a escola para a merenda. Se distinguia muito das demais meninas pela piedade e o recolhimento”. (Summarium super martyrio – Processo Informativo. Tipografia Nova res. Roma 2002 pg. 41-42)

Disse a testemunha Alfredo Erkmann¹⁸:

“Uma menina boa [...]. Eu a conheci sempre como uma menina boa e com bom comportamento. Tinha boas relações com todas as companheiras. Muito simples e modesta. Muito caridosa com os pobres. A todos agradava com os gestos simples pelos pobres”. (Summarium super martyrio – Processo Informativo. Tipografia Nova res. Roma 2002 pg. 44)

E acrescentou Bernardo Fenzer¹⁹:

¹⁸ Alfredo Erkmann nasceu em Santa Maria, Município de Palhoça, em 30 de setembro de 1905. Cristão protestante conheceu Albertina Berkenbrock e a sua família. Depôs no Processo Informativo de 1952 na III seção em 14 de Abril. Seu testemunho fala resalta a bondade e a caridade bem como a pureza da menina.

“Boa e correta [...] sempre de bem com todos [...]. Dividia com os pobres aquilo que tinha”. (Summarium super martyrio – Processo Informativo. Tipografia Nova res. Roma 2002 pg. 46)

Também o irmão Vendolino disse:

“Eu, às vezes, atacava com briga Albertina, e ela não reagia e sequer respondia; era de compleição robusta; muito dócil, solícita e afável. [...] Obediente e pronta. Era bem querida por todas as crianças da escola. [...] Muito devota e alegre [...]. Muito delicada e modesta. Dava aos pobres o pão que levava à escola. Agradável a todos”. (Summarium super martyrio – Processo Informativo. Tipografia Nova res. Roma 2002 pg. 51-52)

A descrição de Albertina que se destaca nestes testemunhos, repete-se como um refrão nos depoimentos das outras testemunhas que a conheceram. Reportamos apenas algumas porque, além da repetição da informação, fornece sempre alguma nuance diversa que melhor nos faz observar a construção de uma serenidade angélica da beata.

Aqui estão as palavras das testemunhas:

“Dava-se bem com todas as companheiras. Dividia com elas os seus brinquedos. Jamais criava intrigas a ninguém. [...] Era muito caridosa; dividia com os pobres o pão que levava para a merenda”.²⁰ (Summarium super martyrio – Processo Informativo. Tipografia Nova res. Roma 2002 pg. 54)

¹⁹ Bernardo Hugo Fenzer nasceu em Gravatá em 22 de junho de 1890, cristão católico conheceu Albertina e a sua família. Depôs no Processo Informativo de 1952. Na época ele era subdelegado de Polícia em São Luis. Falou sobre as virtudes de Albertina, sua luta para defender a virgindade e sobre o assassino. Viu no velório o sangue jorrar da ferida de Albertina toda a vez que o assassino passava perto do corpo.

²⁰ Testemunho de Hugo Berndt, nascido em Langensalsa, Thuringen na Alemanha em 21 de setembro de 1885. Hugo é cristão católico convertido do protestantismo. Conheceu pessoalmente Albertina e sua família, tinha uma íntima convivência com os pais da menina inclusive freqüentando a casa tomando muitas vezes a refeição com estes. Sempre que se fala da vida de Albertina lembra-se dele, porque este foi o professor de catequese de Albertina e muito do que ela aprendeu sobre a fé e as virtudes cristãs vieram também por parte dos ensinamentos dele. Seus testemunhos são muito importantes, pois falam das características físicas de Albertina, fala de seu caráter, religiosidade e dá-se um perfil psicológico da mesma.

“Albertina era reservada; [...] era muito boa com todos [...] Gostava dos pobres [...] era querida por todos”.²¹ (Summarium super martyrio – Processo Informativo. Tipografia Nova res. Roma 2002 pg. 58)

Albertina “era muito religiosa, generosa com os pobres e amiga de todos. Não brigava jamais e, pelo contrário, pregava muito. Em suma, era uma menina virtuosa em tudo, tanto na igreja, como fora de casa, com as outras crianças”.²² (Summarium super martyrio – Processo Informativo Suppletivo I. Tipografia Nova res. Roma 2002 pg. 104)

“Pregava sempre junto a meus irmãozinhos e ensinava-lhes oraçõezinhas, que outros não sabiam”.²³ (Summarium super martyrio – Processo Informativo Suppletivo I. Tipografia Nova res. Roma 2002 pg. 108)

O testemunho de Norma Schotten mostra como a construção da imagem de uma menina caridosa permaneceu e se fortaleceu com o passar do tempo:

“Daquilo que escutei em família e das pessoas mais velhas de São Luís, sei que a Serva de Deus, desde a infância, distinguia-se por sua bondade e senso religioso. Gostava de pregar, e todos os anos recordava o aniversário da primeira comunhão como o dia mais feliz de sua vida. Era muito caridosa e pedia aos pais alimento para levar às crianças mais pobres, dentre estes o filho do seu assassino. Em particular, gostava de dar atenção ao filho do assassino porque este era

²¹ Testemunho de Bertoldo Berkenbrock, nascido em São Luis em 5 de novembro de 1917, cristão católico, era primo de Albertina e colega de estudos. Filho de José Berkenbrock e Catharina Preus. Ele evidencia nos testemunhos a aplicação da prima no estudo do catecismo e nas orações, bem como sua caridade e timidez.

²² Declaração de Helena Faust Feuser ao processo de beatificação. Helena nasceu em Tubarão no ano de 1925, mãe de sete filhos, residente de São Luis, cristã católica, conheceu Albertina Berkenbrock e em seu depoimento ressaltou a índole da menina.

²³ Benedita Onório Klipper, natural da cidade de Armazém nasceu no ano de 1903, cristã católica, conheceu pessoalmente Albertina. Seu pai era arrendatário na terra de Henrique Berkenbrock pai da beata e quando criança brincava junto à mesma. Seu depoimento é rico em detalhes e como a maioria tem como centro a boa índole da menina.

muito pobre. Praticamente distinguia-se por sua bondade e religiosidade”. (Positio super martyrio – Processo Diocesano Suppletivo II. Tipografia Nova res. Roma 2002 pg. 127)

Observamos até este ponto a forma como as testemunhas tentam estabelecer seus conceitos de modéstia e bondade com uma vida cristã comprometida. Assim segundo estas pessoas a partir da prática cristã se derivariam a inclinação à bondade, às práticas religiosas e às virtudes cristãs atribuídas a Albertina Berkenbrock. Até mesmo os divertimentos da menina acabam por se tornar parte desta construção ao serem relacionados à vida religiosa. De fato como observamos nos relatos, ela gostava de fazer pequenas cruces de lenha que colocava em pequenos sepulcros e adornava-os de flores, porém a identificação deste ato como uma percepção da sua religiosidade acaba sendo controverso, pois como comprovar que ela tinha realmente esse pensamento ao fazer tal brincadeira? Trata-se, portanto de uma interpretação totalmente vinculada à construção da personagem como santa.

Até este ponto também é possível constatar um estereótipo de santidade atribuído a Albertina. Ela é colocada como uma menina obediente, dócil, piedosa, reservada, modesta, delicada, amigável, companheira e caridosa. Se comparada sua vida a de outros santos poderemos notar facilmente que estas características são comuns a todos. Trata-se segundo Solange Ramos de um modelo de santidade que revela uma série de manifestações, gestos e palavras que traduzem uma visão de mundo, integrada por crenças e práticas coletivas, conectando o indivíduo a um determinado grupo.

O professor Hugo Brendt que ensinou o catecismo e preparou Albertina para a primeira comunhão tenta em um de seus testemunhos, atribuir um perfil psicológico a menina:

“Albertina me sensibilizou de pronto; tinha uma psicologia diversa das outras crianças; muito sensível, modesta, tímida e quieta. [...] Logo notei que a menina havia qualquer coisa de singular. Nas lições de catecismo mostrava-se atenta e interessada. Compreendia bem o catecismo e conhecia perfeitamente o sexto mandamento”. (Summarius super martyrio – Processo Informativo. Tipografia Nova res. Roma 2002 pg. 53)

A ênfase dada à frequência aos sacramentos cada vez que podia e a profunda compenetração que mostrava de ter na participação da eucaristia é uma tentativa de se levantar um indício de maturidade espiritual na menina de modo que eram comuns as

opiniões das testemunhas no processo religioso no sentido de que ela se distinguia pela piedade e recolhimento.

Assim se referem às testemunhas que a conheceram:

“Quando o pároco vinha visitar a capela, Albertina ia a Missa; quando pregava era pia e concentrada. Preparou-se muito bem para a Primeira Comunhão”.²⁴ (Summarium super martyrio – Processo Informativo. Tipografia Nova res. Roma 2002 pg. 58)

“Fez muito bem a sua Primeira Comunhão. Confessava-se e comunicava-se, quando em nossa Capela tinha a Missa”.²⁵ (Summarium super martyrio – Processo Informativo. Tipografia Nova res. Roma 2002 pg. 57)

“Gostava de pregar e todo ano recordava-se do aniversário da Primeira Comunhão como o dia mais feliz da sua vida”.²⁶ (Summarium super martyrio – Processo Diocesano Suppletivo II. Tipografia Nova res. Roma 2002 pg. 127)

Segundo os testemunhos, Albertina Berkenbrock possuía dois pontos de referência espiritual: a Virgem Mãe de Deus e São Luís Gonzaga, na sombra de quem havia crescido.

O depoimento do irmão Vendolino ressalta o que havia dito a mãe Josefina:

“Albertina confessava e se comunicava; rezava o rosário; era devota de Maria Santíssima e de São Luís Gonzaga”. (Summarium super martyrio – Processo Informativo. Tipografia Nova res. Roma 2002 pg. 52)

E destacou o professor Hugo Brendt:

²⁴ Testemunho de Bertoldo Berkenbrock.

²⁵ Testemunho de Antonio Giovane Berkenbrock, nascido a 7 de junho de 1913 na cidade de São Luís, filho de Johan Hermann Berkenbrock, tio paterno de Albertina. Antonio era primo da menina e convivia com esta. Cristão católico, agricultor, em seu depoimento ressaltou a caridade dela, foi um dos primeiros ao chegar ao local do delito e viu como ela morreu segurando firme o vestido contra o corpo.

²⁶ Testemunho de Norma Berkenbrock.

“Todas as vezes que se celebrava a Missa em nossa Capela, assistia com piedade singular. Tinha uma devoção particular por Maria Santíssima e por São Luís Gonzaga”. (Summarium super martyrio – Processo Informativo. Tipografia Nova res. Roma 2002 pg. 54)

O ambiente familiar diligente, a sensibilidade da garota, a instrução religiosa e a grande devoção a São Luís como atributos conferidos a menina, constituem os pressupostos para se identificar em Albertina Berkenbrock, não apenas uma natureza pudica, mais uma plena consciência do senso do pecado e da custódia da própria pureza, intensa sejam no âmbito da integridade física, seja da moral, que ultrapassava a já austera concepção familiar e local. Este seria um dispositivo para dar legitimidade a seu martírio como veremos mais a frente, por isso a atitude do professor em falar que ela conhecia bem o sexto mandamento, não pecar contra a castidade.

Em particular, o professor Hugo Brendt sempre foi explícito em seus depoimentos contidos nas atas do processo de beatificação bem como nas bibliografias existentes sobre a beata ao estabelecer a relação de Albertina com este mandamento para fortalecer sua fama de martírio:

“A Serva de Deus morreu em 15 de junho de 1931 em São Luís, depois de já ter bem compreendido o sexto mandamento. Como professor, o teste que tratou do sexto mandamento com Albertina, confirmou que ela bem o entendeu, por meio de uma postura heróica. Por seu comportamento moral, Albertina era tida como boba pelas outras crianças e até mesmo por seus próprios pais”. (Summarium super martyrio – Processo de Non Cultu. Tipografia Nova res. Roma 2002 pg.68)

E ainda:

“Compreendia muito bem o catecismo e conhecia perfeitamente o sexto mandamento. [...] Muito reservada em razão da pureza, em todos os sentidos”.²⁷ (Summarium super martyrio – Processo Informativo. Tipografia Nova res. Roma 2002 pg. 53- 54)

E quando depôs o irmão mais velho, também falou:

²⁷ Testemunho Hugo Brendt.

“Albertina foi morta porque o assassino queria abusar sexualmente dela. Minha irmã, no entanto, tinha consciência, dada a formação religiosa recebida, que aquilo era pecado. Assim, para defender a virgindade, preferiu ser morta a pecar”. (Summarium super martyrio – Processo Diocesano Suppletivo II. Tipografia Nova res. Roma 2002 pg.124)

Segundo os testemunhos verificamos que as pessoas são levadas a entender que a postura interior de Albertina refletia-se ao exterior, ou seja, sua pureza e santidade eram observadas em seu modo de agir e até de se vestir.

Testemunhou Maria Rech:²⁸

“Manifestava senso de pudor”. (Summarium super martyrio – Processo Informativo. Tipografia Nova res. Roma 2002 pg. 61)

E também querendo destacar tal aspecto, outras pessoas testemunhas relataram:

“Era muito simples no modo de vestir. Era uma mocinha pura”.²⁹
(Summarium super martyrio – Processo Informativo. Tipografia Nova res. Roma 2002 pg. 57)

“Era reservada, modesta no vestir”.³⁰ (Summarium super martyrio – Processo Informativo. Tipografia Nova res. Roma 2002 pg. 59)

“Vestia-se com decoro, conforme as normas da Santa Igreja”.³¹
(Summarium super martyrio – Processo Informativo Suppletivo I. Tipografia Nova res. Roma 2002 pg. 105)

²⁸ Maria Berkenbrock Rech nasceu em Vargem do Cedro em 03 de agosto de 1909. Filha de Johan Hermann Berkenbrock e Ana Doern, era prima de Albertina, conviveu e conheceu bem esta. Em seu testemunho destacou a bondade como característica da menina bem como a sua índole caridosa e sua resistência para conservar a pureza.

²⁹ Testemunho de Antônio Giovane Berkenbrock.

³⁰ Testemunho de Bertoldo Berkenbrock.

³¹ Testemunho de Ana Vanderlinde.

“Usava o vestidinho muito longo, muito decoroso”.³² (Summarium super martyrio – Processo Informativo Suppletivo I. Tipografia Nova res. Roma 2002 pg. 108)

Outro elemento que transparecia com força nos testemunhos dados no processo de beatificação é o grande senso de caridade atribuído a Albertina Berkenbrock. E esta dita virtude demonstrava-o com sua inclinação a permanecer ao lado das crianças mais pobres, de brincar com elas e repartir-lhes o pão que levava de sua casa para o intervalo na escola segundo os relatos. Ganha mais força esta construção da índole e virtudes quando se destaca uma especial caridade desta para com os filhos de Maneco Palhoça, seu assassino, que trabalhava para sua família. Afirma-se que muitas vezes Albertina deu a eles o alimento, pois eram muito pobres, especialmente aos filhos menores, com os quais se entretinha alegremente, acariciando-os e abraçando-os. Isto se faz ainda mais digno de nota se levarmos em conta que Idalício (Maneco) era negro bem como os seus, e que naquela região de colonização alemã e italiana, o racismo sempre esteve bem presente, inclusive ainda na atualidade.

A vida de Albertina ganha assim na fala das testemunhas um característica marcada pela prática das virtudes cristãs na simplicidade.

Escreveu São João Crisóstomo:

“As virtudes mais excelsas são a caridade, a humildade, a misericórdia, que precedem e superam até mesmo a virgindade. [...] O diabo sofre quando vê a castidade de um corpo; mais ainda se aflige quando vê uma alma livre do pecado. A sua grande força, com efeito, está no pecado. Para destruí-lo Cristo morreu. [...] Se então eliminar o pecado de si, quebrará um vínculo com o demônio, esmagará a sua cabeça, destruirá toda a sua força, afugentará o seu exército, e então, sim, operará o maior de todos os milagres! E não sou apenas eu quem afirmo isto, mas o bem aventurado Paulo; ele de fato havia dito: *Aspirem com zelo os dons do alto, ademais eu vos indicarei um caminho ainda mais sublime (1 Cor. 12, 31), não fala de milagres, mais da caridade, raiz de todo o bem*”. (IN: <http://mercaba.wordpress.com/2009/03/07/sao-joao-crisostomo-comentario-ao-evangelho-de-sao-mateus>. Acessado em 22 de Julho de 2011 às 13:30)

³² Testemunho de Benedita Honório Klipper.

Palavras de um santo que segundo crê a Igreja, profetizam como o mal deseja ardentemente colocar a prova uma alma para experimentar a consistência da prática da virtude. Conforme os depoimentos e escritos sobre a menina, Albertina colocada a prova venceu então o mal e manifestou a força e triunfo de suas virtudes, na tentativa de legitimar assim sua índole e virtudes na construção de sua santidade.

2.3 O DELITO E A CONSTRUÇÃO DO MARTÍRIO

O cenário no qual se consumou o delito é terrivelmente simples, quanto atroz e violenta foi a morte de Albertina.

De acordo com os relatos e textos consultados, era segunda-feira, dia 15 de junho de 1931, por volta das quatro horas da tarde, Albertina como de costume estava alimentando os animais de propriedade da sua família quando seu pai, Henrique Berkenbrock, pediu a ela que fosse a procura de um boi que tinha desaparecido. Ela obedeceu e partiu a procura do boi chamado “pintado”. Durante a busca encontrou em um sítio vizinho Idálcio que estava carregando uma carroça de feijão, e lhe perguntou se havia visto passar um boi pelo campo de cana de açúcar.

Idálcio Cipriano Martins, conhecido pelo nome de Manuel Martins da Silva, chamado ainda pelo apelido de Maneco Palhoça, era negro³³, baixo e magro, nascido na cidade de Garapaba, na época com 33 anos de idade.

Ele vivia com sua mulher vizinho a casa de Albertina e trabalhava como forneiro nas dependências do tio dela. Mesmo já tendo “*matado um negro, em Braço do Norte, porque este não quis lhe conceder passagem sobre uma barça*”³⁴, era considerado por todos como um homem correto e um trabalhador honesto.

Assim depôs a mãe de Albertina:

³³ O fato de Maneco ser o único personagem que destacamos a ser da raça negra não trata-se de um ato preconceituoso de nossa parte, mais o texto consultado na ata do processo traz essa característica particular de sua raça pois naquela região de colonização alemã havia muito preconceito a negro, o fato de destacar ele como sendo negro é uma maneira da ata do processo querer demonstrar como Albertina não era preconceituosa como os demais, ressaltando sua índole caridosa sem distinção de raça.

³⁴ Testemunho de Subdelegado Bernardo Hugo Fenzer em: *Summarium super martyrio – Processo Informativo*. Tipografia Nova res. Roma 2002 pg. 47.

“Maneco era tratado bem todos os membros da nossa família e era considerado um bom homem por todos os habitantes da região”. (Summarium super martyrio – Processo Informativo. Tipografia Nova res. Roma 2002 pg. 42)

Albertina freqüentemente, como já falamos anteriormente, levava alimentos e brincava com seus filhos. Era, portanto, uma pessoa conhecida.

E continua a mãe da menina:

“Albertina ia levar o almoço a Maneco, que trabalhava em um forno do tio dela; enquanto Maneco comia, Albertina brincava com seus filhos”. (Summarium super martyrio – Processo Informativo. Tipografia Nova res. Roma 2002 pg. 42)

E ainda:

“Gostava Albertina de brincar com as crianças pobres, dentre as quais as filhas do assassino, e dividia com eles o pão que levava à escola para a merenda”. (Summarium super martyrio – Processo Informativo Suppletivo I. Tipografia Nova res. Roma 2002 pg. 42)

Continuando, Albertina perguntou a Maneco se ele havia visto o boi desaparecido, ele respondeu que sim, acrescentando que o teria visto ir em direção ao bosque um pouco mais distante e ainda se ofereceu para acompanhá-la e ajudá-la na busca.

Porém a informação não era correta, Maneco ensinou a Albertina o falso paradeiro do boi já com a intenção de realizar com ela seus desejos sexuais.

A bibliografia religiosa de Albertina afirma que nesta altura o demônio do meio dia já havia tomado Maneco Palhoça e juntos em proximidade ao matagal, ele a convidou a ficar com ele. Podemos perceber assim uma personificação maligna atribuída a Maneco, pois para se construir a figura do mártir tem que se construir também a figura do assassino, pois quanto pior for este, maior será a santidade do primeiro. Trata-se de uma personificação do dualismo, a eterna luta do bem contra o mal.

2.4 A INTENÇÃO MALÉVOLA DO ASSASSINO

Assim foi escrito no texto da denuncia policial:

“O imputado respondeu a ela afirmativamente e a seguiu, com a intenção de ter com ela relações sexuais. A um certo ponto, nas proximidades do bosque, o imputado se volta contra a menor já mencionada para deflorá-la”. (Processo Criminal, Declaração de Denuncia. In: Summarium super martyrio – Documentazione Processo Penale. Tipografia Nova res. Roma 2002 pg. 8)

No interrogatório depois da prisão de Maneco se diz:

“O imputado foi atrás dela na intenção de fazer-lhe mal; ele, a certo ponto, nas proximidades do bosque, voltou-se a ela para deflorá-la e, não tendo ela consentido, pegou-a pelos cabelos e jogou-a no chão e, visto que não conseguia o seu intento, porque ela reagia, pegou o canivete e a degolou, em razão do que ela morreu imediatamente”. (Interrogatório de Idálcio Cipriano Martins 20.06.1931 – Processo Criminal. In: Summarium super martyrio – Documentazione Processo Penale. Tipografia Nova res. Roma 2002 pg. 12)

Naturalmente, na citação verbal temos uma síntese extrema do que aconteceu, porém, encontramos mais detalhes no que contou o próprio assassino aos seus companheiros de prisão. Através destes testemunhos, há uma tentativa de se levar a pessoa concluir que de fato a menina ficou surpresa e declarou a sua indisponibilidade, pois segundo a sua concepção, tratava-se de um pecado. Isto se dá com o objetivo de ajudar a construir a legitimação do martírio reafirmando uma possível consciência da menina que aquilo era um pecado.

Mais continuando a narração do ocorrido, à insistência do homem, Albertina ameaçou-o de contar o que se passava ao seu pai Henrique Berkenbrock. Maneco, porém, sem ter conseguido o que desejava por bem, o tentou por mal: teria então agarrado a menina pelos cabelos e tentou jogá-la no chão. Ela começou a gritar e ele lhe tapou a boca. A este ponto teria começado então uma luta feroz.

Manuel Francisco André, companheiro de cela de Maneco, assim testemunhou:

“Esta não consentiu, dizendo que os pais, na hora da refeição, pregavam aos filhos para que não cometessem pecado. Imediatamente depois, o assassino pegou a menina no colo e a jogou no chão; quando ela começou a gritar, chamando pelo pai, o assassino fechou sua boca com a mão. A menina quando se viu dominada, exclamou: “Eu não quero o pecado”. Com medo de ser descoberto em seu horrível instinto, o assassino degolou a garota com um canivete. Não chegou a violentar a menina.” (Summarium super martyrio – Processo Informativo Suppletivo I. Tipografia Nova res. Roma 2002 pg. 93)

A testemunha acima, conforme descrito no processo de beatificação, afirma que durante o tempo que viveu na prisão junto do assassino de Albertina, este não lhe falou nada sobre a sua própria vida, à exceção do delito, cometido em São Luís, e que, todas as vezes que falou sobre o crime, manifestou arrependimento a ponto de verter lágrimas.

Alessandro Manuel André, familiar de Manuel Francisco André, que foi igualmente companheiro de cela de Maneco Palhoça na penitenciária de 1935 á 1941, depôs o seguinte:

“O criminoso degolou a menina, sendo esta defesa com a finalidade de lhe fazer mal. No meio tempo, faltou-lhe a coragem, porque Albertina, não apenas falou, como o repreendeu repetidas vezes que aquilo era pecado, que seu pai não queria que ela cometesse aquele pecado”. (Summarium super martyrio – Processo Informativo Suppletivo I. Tipografia Nova res. Roma 2002 pg. 96)

Alessandro fala também que na prisão o assassino apresentava sinais de arrependimento pelo delito cometido e que diversas vezes falava da resistência que a menina lhe impôs.

Adriano Francisco André, que ouviu falar do delito logo após a sua execução e que teve manteve contato com o criminoso na penitenciária no período de 1935 a 1941 disse:

“Quando foi convidada pelo assassino para cometer o pecado, ela lhe respondeu que não cometeria aquele pecado, porque seu pai não queria, e também que contaria ao pai a ousadia do assassino. O criminoso decidiu então matá-la para não ser delatado pela menina ao pai [...]. Isso aconteceu depois de uma prolongada luta entre os dois: o criminoso e a vítima”. (Summarium super martyrio – Processo Informativo Suppletivo I. Tipografia Nova res. Roma 2002 pg. 97)

A testemunha Lino Manuel André³⁵, que conheceu Albertina e os seus pais, ouviu falar como o crime aconteceu, porém a narração do crime que chegou a seus ouvidos partiu dos próprios lábios de quem o cometeu. Foi próprio Maneco Palhoça com quem ele permaneceu junto no cárcere durante oito anos que lhe narrou o assassinato. Ele verbalizou o que este lhe havia confidenciado:

“Ofereceu-se (Maneco) para ajudar a menina a procurar o boi e aproveitou a ocasião para incitá-la a cometer o pecado. A vítima repetidamente o recriminou por sua ousadia, e disse-lhe diversas vezes que não podia fazer o que lhe pedia, porque era pecado e seu pai não queria que seus filhos o cometessem. O criminoso então segurou a menina no colo e a jogou no chão, mas não conseguiu fazer nada, porque foi violentamente repellido”. (Summarium super martyrio – Processo Informativo Suppletivo I. Tipografia Nova res. Roma 2002 pg. 98)

A testemunha Johan Augusto Kürten, que também conviveu de 1938 a 1941 junto com o assassino de Albertina na penitenciária de Florianópolis, disse que ouviu de Maneco o seguinte:

“Adentrou, com a menina, na vegetação do bosque, com o propósito de violentá-la. A esse ponto, a testemunha declara não se lembrar das palavras com as quais Albertina reagiu; declara somente que esta se opôs energeticamente às más intenções do criminoso, também a custo de sua própria vida”. (Summarium super martyrio – Processo Informativo Suppletivo I. Tipografia Nova res. Roma 2002 pg. 99)

A partir destes testemunhos de companheiros de cela de Maneco Palhoça, que não obstante a repetitividade quisemos reportar de modo sistemático, evidencia-se a versão do assassino, ator e testemunha da cena ao mesmo tempo. Nota-se nos testemunhos que o assassino ao falar sobre o delito, jamais tentou justificar-se, nunca falou de qualquer provocação ou insinuação por parte de Albertina como também nunca sugestionou uma leve desistência por parte da menina. Isso demonstra no assassino o arrependimento pelo ato cometido, não porque se tenta o reabilitar, mais porque ajuda no processo de legitimação do

³⁵ Lino Manuel André é familiar dos outros três companheiros de prisão de Maneco aos quais descrevemos os testemunhos acima, Adriano Francisco André, Alessandro Manuel André e Manuel Francisco André.

martírio, pois assim o próprio assassino reconhecendo o ato como um pecado grave, prova-se a intenção malévola e se fortalece a atitude da menina em preferir a morte que o pecado.

Nos relatos a intenção de Maneco fica clara, o desejo de tomá-la sexualmente. Fica clara também posição de Albertina, não desejava pecar. É isto a essência do que as falas acerca da menina tentam confirmar.

O assassino vai contra a vontade de uma mulher, aliás, uma menor, porque é de se destacar que Albertina na época tinha cerca de 12 anos e meio, sendo portanto menor conforme a lei, porém ele não se detém, e as narrativas acerca do ocorrido afirmam que nem mesmo diante das palavras da vítima que ressaltando aquele ato como um pecado, se incutiu no assassino o temor a Deus. Por tal razão, segundo a Igreja nas atas do processo de beatificação, Maneco estava mal intencionado a violentar não apenas um corpo, mais também uma alma tomada de fé, levando-a, portanto, a cometer um sacrilégio, uma profanação, um ato contra a religião. Assim se confirma a necessidade da instituição em legitimar o martírio, pois em Albertina ela pode apresentar um modelo que afirma seus valores morais e traduz a sua visão de mundo.

O testemunho que na seqüência citamos também demonstra essa tentativa de afirmar a reprovação por parte da vítima a cometer um ato pecaminoso.

A testemunha Ercílio Marcílio³⁶, que conhecendo bem o assassino, declarou que:

“Quando Manuel Idálicio, depois do delito, encontrava-se preso em Aratingauba, eu perguntei a ele porque havia cometido aquele crime? Manuel me respondeu que era muito apaixonado por Albertina e tentou deflorá-la. Manuel continuou dizendo que Albertina tinha reagido com essas palavras: “Manuel, você pode até me matar, mais eu não me entrego a você; eu não quero, eu não cometo este pecado”. Manuel disse que ele pressionou muito Albertina a se entregar, mais esta sempre reagia com estas palavras: “Eu não cometo este pecado; eu não me entrego a você”. Visto que a garota a todo custo não se rendia, e ele continuava insistindo, Manuel matou Albertina. Quando atacou Albertina, esta se defendeu muito; lutou muito. Perguntei a Manuel Albertina morreu virgem. Ele respondeu que sim; que ele não havia conseguido deflorá-la”. (Summarium super martyrio – Processo Informativo Supletivo I. Tipografia Nova res. Roma 2002 pg. 102-103)

³⁶ Ercílio Marcílio nasceu em Imaruí em 1904, residente em São Luis conheceu Albertina, sua família e também o assassino Maneco Palhoça. Depôs em 20 de julho de 1958 ao Canônico Bernardo Philippi então vice-postulador da causa de Albertina.

2.5 A LUTA DE ALBERTINA PARA DEFENDER A SUA PRÓPRIA VIRTUDE

Albertina segundo os testemunhos, quando jogada ao chão por Maneco Palhoça, tentou se soltar das mãos deste, mas embora fosse uma menina forte, nada pode fazer contra a força de um homem, que não conseguindo o que queria e sentindo-se fortemente comprometido, pegou um canivete e cravou em seu pescoço. A luta da menina contra seu algoz também serve como um dispositivo para a construção de seu martírio e santidade. As testemunhas que correram para o lugar do delito, afirmam ter constatado sinais de uma luta feroz e longa, já que no raio de diversos metros quadrados a vegetação estava toda esmagada e havia sinais de sangue até a altura de um metro sobre alguns arbustos. Através destes testemunhos nota-se o esforço para constituir uma prova de que Albertina não teria lutado assim tão bravamente se realmente não tivesse tanta estima por sua virtude. Para estes, humanamente falando, ceder faria sua vida perder sentido, já que fora criada num ambiente onde aquilo era algo totalmente pecaminoso e ofensivo a Deus. Isso leva a crer que se Albertina viesse a ceder para salvar sua vida, esse ato não faria dela uma santa. De acordo com Edgar Morin, a morte sacrificial é um dos elementos-chave do cristianismo.

“[...] o fundamento mágico essencial da salvação é o sacrifício de “morte-renascimento”, o sacrifício-do-deus-que-morre-para-ressuscitar. Os símbolos do deus de salvação, por si sós, são suficientemente eloqüentes: [...] Jesus é também o *Cordeiro pascal*, cujo sacrifício, segundo a lei mosaica, consagra a passagem”. (Edgar Morin. *O homem e a morte*. Rio de Janeiro, Imago, 1997.)

A legitimidade do martírio repousa no fato de que a comunidade havia testemunhado, um dia, a sua morte exemplar. O martírio se torna então um sacrifício perfeito e implica em uma perfeição espiritual alcançada.

A testemunha Bernardo Fenzer disse:

“É verdade que foi uma luta incansável e longa, e isto se deduz com clareza pelos arbustos destruídos numa área de três metros quadrados; muito sangue havia se

espalhado pelos arbustos mais próximos a altura de um homem”. (Summarium super martyrio – Processo Informativo. Tipografia Nova res. Roma 2002 pg. 47)

E tio de Albertina Berkenbrock, Johan Hermann Berkenbrock, o primeiro a chegar ao local do crime, depôs no processo penal que:

“Encontrou o solo devastado, como se tivesse ocorrido uma luta; que, naquela mesma ocasião, viu também um lenço que a vítima usava na cabeça, à distância de um metro e meio do cadáver e que o referido lenço estava preso em uma raiz”. (Processo Criminal. In: Summarium super martyrio – Documentazione Processo Penale. Tipografia Nova res. Roma 2002 pg. 23)

E também no processo informativo diocesano Johan Hermann falou:

“Essa se defendeu corajosamente e isto se deduziu pelo sangue espalhados pelos arbustos que restaram e aqueles que foram destruídos”. (Summarium super martyrio – Processo Informativo. Tipografia Nova res. Roma 2002 pg. 56)

A testemunha Lossio José Rodriguez³⁷, que também foi um dos primeiros a chegar ao local do assassinato, depôs no processo penal:

“Como estava ensangüentado também o local onde se encontrava o cadáver e até mesmo as moitas do bosque que o circulavam estavam cheias de sangue; nas proximidades do local onde se encontrava o cadáver a vegetação estava devastada, como se tivesse sido cortada, o que denotava que havia ocorrido uma luta entre a vítima e o imputado, aqui presente; aproximadamente um metro e pouco de distância, ele, depoente, viu em lenço no chão, que Albertina usava na cabeça”. (Processo Criminal. In: Summarium super martyrio – Documentazione Processo Penale. Tipografia Nova res. Roma 2002 pg. 24)

Clemente Gentil França³⁸ testemunhou:

³⁷ Sobre Lossio José Rodriguez apenas consta o depoimento do Processo Penal, neste se diz que era agricultor, casado, natural de São Luis, tinha 32 anos quando do ocorrido, conhecia Albertina e sua família, era amigo de Henrique Berkenbrock e esteve junto às pessoas que após o assassinato foram até o local para buscar o corpo da menina e que logo após saíram ao encontro do falso assassino apontado pelo Maneco Palhoça.

“Ocorreu uma grande luta; isto se via pelos ramos e pelos arbustos destruídos e ensangüentados. Eu tenho como fato que Albertina preferiu a morte que o pecado; e por isso lutou e tentou resistir. Sim, acredito que ela não queria pecar; e deduz isto pelo modo geral de portar-se de Albertina”. (Summarium super martyrio – Processo Informativo. Tipografia Nova res. Roma 2002 pg. 49)

O próprio assassino declarou, no processo penal movido por sua causa e que o condenou a vários anos de cárcere, que Albertina lhe opôs forte resistência. Lê-se no interrogatório:

“Foi atrás dela na intenção de fazer-lhe mal; ele, a certo ponto, nas proximidades do bosque, voltou-se a ela para deflorá-la e, não tendo ela consentido, pegou-a pelos cabelos e jogou-a no chão e, visto que não conseguia o seu intento, porque ela reagia, pegou o canivete e a degolou, em razão do que ela morreu imediatamente”. (Interrogatório de Idálcio Cipriano Martins 20.06.1931 – Processo Criminal. In: Summarium super martyrio – Documentazione Processo Penale. Tipografia Nova res. Roma 2002 pg. 12)

Posteriormente, segundo o processo de beatificação, é cometido um grave ato de desprezo pela vida e o seu valor sagrado. O assassino após tamanha brutalidade, mesmo ensangüentado e com o cadáver da menina diante de si vertendo em sangue pela atroz ferida no pescoço, tendo a jugular rompida, ejaculou sobre seu vestido. É possível perceber nesse ato uma tentativa de apresentar um sacrilégio, pois como afirma Jacques Gélis em “*O Corpo a Igreja e o Sagrado*”, o corpo martirizado torna-se “imagem sensível” do corpo de Cristo.

Isso se confirma a partir do depoimento dado pelo tio de Albertina, Johan Hermann Berkenbrock:

“Vi Albertina no local do delito, com a perna direita contraída, apoiada em um tronco, e vi esperma humano espalhado sobre o vestido de Albertina”. (Processo Criminal.

³⁸ Clemente Gentil França nasceu em 24 de novembro de 1904 em São Luis, cristão católico, conheceu Albertina e sua família. Depôs no processo civil e religioso. Foi chamado pelo pai de Albertina para ir ao local do delito onde levaram o corpo até a casa paterna e logo após foi junto ao grupo a procura do assassino guiado pelo verdadeiro autor do delito.

In: Summarium super martyrio – Documentazione Processo Penale. Tipografia Nova res. Roma 2002 pg. 23-24)

O assassino, após isto, ainda encenou uma farsa:

“Retirou-se do local do crime que havia cometido, começou a correr para ir dar a notícia de ter visto matarem a menina, porém de não ter reconhecido quem havia cometido. Depois que os pais da falecida tiveram a notícia do delito, se reuniram com as pessoas e ele foi junto com estas, mostrar o local onde se encontrava o corpo”. (Interrogatório de Idálicio Cipriano Martins 20.06.1931 – Processo Criminal. In: Summarium super martyrio – Documentazione Processo Penale. Tipografia Nova res. Roma 2002 pg. 12)

É importante acrescentarmos a este trabalho, o relato de uma testemunha direta, de como o assassino com o braço e a camisa ensangüentada se justificou diante das pessoas que se dirigiram ao local do crime:

“[...] disse (Maneco Palhoça) que sua prima Albertina fora degolada nas proximidades do bosque e que estava ali morta; disse ainda que o imputado aqui presente diante dos depoentes, que vira Albertina enquanto ela ainda estava viva e que esta se abraçara com ele, ao imputado, e que o tendo sujado de sangue, como eles depoentes podiam ver pela mancha na manga direita de sua camisa; que então eles, depoentes, dirigissem ao lugar do crime, juntos a seu pai, Johan Hermann Berkenbrock, e o senhor Lossio José Rodriguez, e que eram guiados no caminho pelo imputado”. (Processo Criminal. In: Summarium super martyrio – Documentazione Processo Penale. Tipografia Nova res. Roma 2002 pg. 23)

Segundos os relatos, Maneco mesmo com a vagueza de suas indicações, sempre procurou fazer de um modo que as pessoas pudessem identificar um eventual assassino que fosse um homem moreno, de barba negra, e que era calvo na parte da frente.

2.6 O LOCAL E A POSIÇÃO DO CADÁVER

Unânime é a descrição da cena que se apresentou aos olhos dos homens que foram até o local do delito e a posição na qual se encontrava o corpo de Albertina Berkenbrock.

O tio da menina Johan Berkenbrock testemunhou que:

“O cadáver estava com a perna direita dobrada e a outra esticada, e o pescoço com um grande talho, a hemorragia já havia cessado, mas o vestido e o local do delito, ao redor do cadáver, estavam ensangüentados”. (Processo Criminal. In: Summarium super martyrio – Documentazione Processo Penale. Tipografia Nova res. Roma 2002 pg. 23)

A testemunha Lossio Rodrigues depôs que:

“Tendo chegado ao local do delito, encontrou o cadáver de Albertina, cujo vestido ia até os pés e que estava levantado acima dos joelhos; com uma perna dobrada, cruzada sobre a outra, que estava estendida; que o cadáver apresentava um grande ferimento no pescoço, com a face voltada ao lado direito, o vestido ensangüentado, como também estava o local onde se encontrava o corpo e até mesmo as moitas do bosque no entorno estavam cheias de sangue”. (Processo Criminal. In: Summarium super martyrio – Documentazione Processo Penale. Tipografia Nova res. Roma 2002 pg. 24)

O primo Paulo³⁹, também presente ao local, disse:

“[...] havendo chegado ao local onde estava o corpo, este se encontrava com a perna dobrada, cruzada sobre a outra, que estava estendida, com a veste levantada até acima do joelho e ensangüentadas e que o cadáver apresentava uma ferida no pescoço e tinha a face virada para a direita”. (Processo Criminal. In: Summarium super martyrio – Documentazione Processo Penale. Tipografia Nova res. Roma 2002 pg. 27)

Declarou sob juramento Antonio Berkenbrock:

“eu fui um dos primeiros a chegar ao local do delito; e notei que Albertina, morta, segurava com as duas mãos o vestido contra o próprio corpo. Ocorreu luta. Acredito que Albertina se defendeu, porque não queria pecar, e, quem dissesse qualquer coisa contrária, estaria mentindo. Albertina resistiu para não cometer pecado”.

³⁹ Paulo Berkenbrock era filho de Johan Hermann Berkenbrock, foi também um dos primeiros a chegar ao local do delito. Depôs apenas no Processo penal não tendo muitos dados sobre o mesmo, apenas que na época do delito tinha 20 anos de idade, era solteiro e de profissão agricultor.

(Summarius super martyrio – Processo Informativo. Tipografia Nova res. Roma 2002 pg. 57)

Os homens decidiram levar o cadáver para a casa dos pais. A este ponto Maneco Palhoça, segundo os testemunhos, com outra mentira se recusou a ajudá-los, fazendo crer que não poderia ajudar com o corpo de Albertina porque aquilo o impressionava muito.

Nesse sentido, depôs a testemunha Lossio Giuseppe Rodrigues:

“[...] que, tendo ele, depoente, convidado o imputado, aqui presente, a colocar o cadáver sobre uma esteira, este alegou o pretexto de não poder sequer ver tais coisas e, dizendo que iria voltar à casa, deixou prontamente o lugar”. (Processo Criminal. In: Summarius super martyrio – Documentazione Processo Penale. Tipografia Nova res. Roma 2002 pg. 25)

Uma lúcida seqüência do que ocorre logo em seguida, se extrai do depoimento concedido pela testemunha Clemente Gentil França no Processo Penal, o qual disse:

“Chamado, por volta das sete da manhã, na casa de Henrique Berkenbrock, pai da garota menor Albertina, para contribuir na busca pelo autor do delito; que, tendo chegado à casa de Henrique Berkenbrock, vê ali pela primeira vez o cadáver da vítima; que este tinha uma ferida no pescoço; que, depois de tê-lo visto, saiu, junto com outras pessoas, para ver se encontravam o autor do delito, e se dirigiu então ao local do crime, com as demais pessoas; que, quando ali chegou, encontrou o local muito ensangüentado e devastado como se tivesse ocorrido uma luta, e vê sangue até mesmo no bosque até a altura de um homem; que, enquanto encontrava-se ali, foram chamá-lo porque diziam que o criminoso havia sido preso; retornado, todos foram ao local onde se dizia estar o criminoso; chegado ali, ajudaram a prender um jovem de nome João Candinho, residente de Ponta Grossa, o qual afirmava categoricamente que não havia praticado o delito; apesar dos protestos do prisioneiro, prenderam-no num tronco, das seis da tarde do dia 16 (sic) até as seis da manhã do dia seguinte, quando o levaram, sempre atado, próximo do cadáver, porque, no caso de ser ele o autor do delito, o confessasse de qualquer modo, mas nada se obteve, porque o prisioneiro não ficou impressionado pela vista do cadáver e ainda, ali mesmo, jurou que não havia matado Albertina e que nunca a havia visto; que então encontrando-se ali, o réu, aqui presente, de repente saiu fugindo até o bosque, e foi seguido por todas as pessoas que ali estavam; que, apesar de todos os esforços para capturá-lo, o imputado, aqui presente, conseguiu adentrar o matagal e dois dias após foi preso pela autoridade policial do Rio d’uma; que

ele, depoente, sabe que o cadáver foi sepultado do dia 17 (dezesete) aproximadamente à uma da tarde, e isso porque deveria ser examinado primeiro; que o exame foi feito pelos peritos e pela senhora Marta Meyhoefer”. (Processo Criminal. In: Summarium super martyrio – Documentazione Processo Penale. Tipografia Nova res. Roma 2002 pg. 25-26)

A posição do corpo de Albertina, a perna dobrada, e fato de ter morrido agarrada ao vestido demonstram uma tentativa de comprovar a sua morte como um sacrifício em defesa da virgindade.

2.7 UM FENÔMENO PARTICULAR: O FERIMENTO DE ALBERTINA

Maneco Palhoça, como bem se deduz pelo testemunho de França, controlava a situação fingindo render homenagens a vítima, estando nas proximidades da casa e entrando no local onde o corpo era velado pelos amigos, conhecidos e familiares. Durante o velório de Albertina, antes mesmo que o assassino fosse descoberto e fugisse, algumas testemunhas relataram ter notado um fenômeno muito particular e um tanto quando curioso. Segundo estas cada vez que Maneco se aproximava do corpo de Albertina, a grande ferida no pescoço causado pelo corte do canivete começava a sangrar. Não cabe aqui discutirmos ser algo miraculoso ou não, mais se trata de um dado interessante, um tanto quando curioso e interpretados por muito como um sinal divino apontando o autor do crime. E logicamente não poderia de ser outro elemento a conferir santidade à menina, pois um santo sem milagres logo perderia a sua fama e não se espalharia assim a sua devoção. O fenômeno é relatado em todas as bibliografias da beata. Trata-se de mais um modo de concepção acerca da santidade para que essa ganhe legitimidade, pois o milagre confere poder e divinização.

Sobre o fenômeno depôs ao processo de beatificação Josefina, a mãe de Albertina:

“Não me recordo de fatos extraordinários acontecidos, à exceção do fato de que escorria sangue da ferida toda a vez que Maneco se aproximava do corpo; coisa que foi vista por várias pessoas”. (Summarium super martyrio – Processo Informativo. Tipografia Nova res. Roma 2002 pg. 43)

Confirma este dado também Bernardo Fenzer:

“Eu vi escorrer sangue da ferida, toda vez que o criminoso se aproximava de Albertina, a vítima”. (Summarium super martyrio – Processo Informativo. Tipografia Nova res. Roma 2002 pg. 47)

Nesse sentido, também a testemunha Francisco Vauderlinde⁴⁰ que presenciou a cena diz:

“Cada vez que Maneco se aproximava do cadáver de Albertina, começava a escorrer sangue”. (Summarium super martyrio – Processo Informativo. Tipografia Nova res. Roma 2002 pg. 50)

O próprio assassino Maneco Palhoça também tinha percebido o fenômeno, porque seu primeiro companheiro de cárcere em 1931, Liberato Arturo⁴¹, assim testemunhou:

“Consumado o delito, ele foi ver várias vezes o corpo na casa dos pais de sua vítima, e a ferida do cadáver jorrava sangue todas as vezes que ele comparecia, e depois a sua ferida secava por si mesma. Impressionado e temendo que todos descobrissem que ele era o assassino, fugiu, mas depois, não conseguindo suportar o remorso da consciência, se apresentou a autoridade”. (Summarium super martyrio – Processo Informativo Suppletivo II. Tipografia Nova res. Roma 2002 pg. 100)

2.8 ALBERTINA PERMANECEU VIRGEM

Ainda segundo aqueles que testemunharam, dentre as quais algumas pessoas que escutaram da própria boca do assassino, Maneco Palhoça declarou que Albertina

⁴⁰ Francisco Vauderlinde nasceu na cidade de São Martinho em 2 de janeiro de 1895. Conheceu Albertina e sua família. Em seu testemunho ao processo religioso destacou a bondade a menina para com os outros.

⁴¹ Arturo Liberato nascido em 1896 foi companheiro de cela de Maneco Palhoça em 1931, e este lhe contou alguns detalhes sobre o delito contra Albertina. Não há dados do que Arturo tivera cometido, assim como não há dos outros companheiros de cela que conviveram com Maneco. Seu depoimento foi prestado em 18 de maio de 1958 ao canônico Philippi, vice- postulador da causa de Albertina.

Berkenbrock permaneceu virgem e, que, portanto, com a sua defesa tenaz, conseguiu defender a sua virgindade.

Dentre estes está Ercílio Marcilio, que no seu testemunho assim referiu:

“Perguntei a Manuel se Albertina morreu virgem. Manuel respondeu que sim; ele não havia conseguido deflorá-la”. (Summarium super martyrio – *Processo Informativo Suppletivo I*. Tipografia Nova res. Roma 2002 pg. 103)

Manuel Francisco André, que anteriormente já mencionamos ter sido companheiro de cárcere de Maneco, testemunhou:

“Ele não conseguiu violar a garota”. (Summarium super martyrio – *Processo Informativo Suppletivo I*. Tipografia Nova res. Roma 2002 pg. 93)

Também a mãe de Albertina falou:

“Pelo exame, feito após a morte, a parteira local, Dona Marta Meyhoefer, constatou que Albertina não tinha sido violada; não havia sequer perdido a virgindade física”. (Summarium super martyrio – *Processo Informativo*. Tipografia Nova res. Roma 2002 pg. 42)

No dia 16 de junho de 1931, de fato, apresentada a denúncia do assassinato, foi emitida a deliberação para se realizar o exame de corpo delito, que deveria ser realizado no cadáver de Albertina Berkenbrock. O subdelegado de Polícia Bernardo Hugo Feuser, por meio do trabalho do tabelião distrital Giovanni Carlo Becklauses, designou como perito os senhores Tomas Sabino da Rosa e Hilário Humberto Selhorst e ordenou que eles precedessem às 16 horas, ao exame de corpo delito.

Naturalmente também foi convocada a parteira, a qual depois de ter examinado o corpo da menina emitiu a seguinte declaração:

“Eu subscrita, Marta Mayhoefer, de profissão parteira, domiciliada em Vargem do Cedro, declaro no presente ato que, examinando o cadáver da menor Albertina Berkenbrock, filha de Henrique Berkenbrock e de Josefina Boeing, residentes em São Luís, Distrito de São Martinho do Capivari, encontrei o que aqui posso

descrever: todo o corpo e vestimentas estavam ensangüentados, havia uma ferida no pescoço e garganta e as artérias estavam completamente rompidas. Também averigüei pelo exame que a menor não foi deflorada. E, por verdade, confirmo o presente ato, que assino. (assinatura) Marta Meyhoefer”.⁴² (Processo Criminal. In: Summarium super martyrio – Documentazione Processo Penale. Tipografia Nova res. Roma 2002 pg. 9-10)

Também os peritos policiais, procederam aos seus exames.

O mártir é considerado um imitador de Cristo para o cristão, assim como Jesus teria vencido a morte através da sua morte, Albertina como sua imitadora teria vencido o assassino com o seu assassinato. Tendo a sua virgindade defendida com o preço de sua vida e comprovado através de testes, ela teria guardado a pureza e, portanto para os que testemunharam e para seus fiéis devotos a prova maior de que não se entregou, mais preferiu a morte e não o pecado. Está garantida então sua imagem de virgem e mártir na concepção religiosa da região de São Luís e esta se estendera a muitos outros lugares.

2.9 O FUNERAL DE ALBERTINA

No dia 17 de junho de 1931, por volta das 13 horas, foi realizado o funeral o qual tomaram parte um número incrível de pessoas que se dirigiram ao povoado de São Luís e aos centros vizinhos. O número oficial de participantes, no entanto, não há registros. Apenas referem-se às testemunhas das quais citamos algumas:

“O funeral de Albertina teve extensões grandiosas”.⁴³ (Summarium super martyrio – Processo Informativo Suppletivo I. Tipografia Nova res. Roma 2002 pg. 48)

⁴² Marta Meyhoefer nasceu em 18 de dezembro de 1883 em Filsit na Alemanha, viveu em São Luis e conheceu Albertina e sua família, cristã protestante, profissão parteira, foi quem realizou o parto da menina. Quando os peritos realizaram o exame de corpo delito ela foi convocada para fazer o exame de virgindade para verificar se Albertina teria chegado a ser violentada. Esta constatou que ela continuara virgem. Prestou depoimento também ao processo religioso onde também ressaltou a bondade da beata.

⁴³ Testemunho de Otilio Elizário de Melo nasceu na cidade de Armazém em 12 de abril de 1914. Era funcionário do pai de Albertina trabalhando junto a este na lida do campo. Conhecia bem a família Berkenbrock

“Grande foi o acompanhamento à sepultura”.⁴⁴ (Summarium super martyrio - Processo Informativo. Tipografia Nova res. Roma 2002 pg. 43)

“Muitas pessoas participaram do funeral de Albertina”.⁴⁵ (Summarium super martyrio – Processo Informativo Suppletivo I. Tipografia Nova res. Roma 2002 pg. 5)

“Ao funeral estiveram muitas pessoas”.⁴⁶ (Summarium super martyrio – Processo Informativo Suppletivo I. Tipografia Nova res. Roma 2002 pg. 59)

2.10 O SENTIMENTO COMUM DAS PESSOAS: ALBERTINA A “PEQUENA MÁRTIR”

“O delito que teve grande repercussão na localidade e nas redondezas”⁴⁷, como disse a irmã Escolástica Berkenbrock⁴⁸ ao processo de beatificação, não foi, todavia, o motivo real de tal influência.

A mãe da bem-aventurada referiu:

“Todos, desde o começo, a chamavam a pequena mártir”. (Summarium super martyrio – Processo Informativo. Tipografia Nova res. Roma 2002 pg. 43)

E a testemunha Marcelina Hoepers Daufenback declarou que:

bem como Albertina. No dia do assassinato ele foi uma das pessoas que junto a Henrique Berkenbrock correram ao local do delito a encontro da menina. Em seu testemunho ressaltou que sempre admirou Albertina devido a sua grande bondade e também falou da forma como logo após da morte a fama do martírio já havia se espalhado.

⁴⁴ Testemunho da mãe *Josefina Boeing*.

⁴⁵ Testemunho de Vendolino Berkenbrock.

⁴⁶ Testemunho de Bertoldo Berkenbrock.

⁴⁷ Summarium super martyrio – *Processo Informativo Suppletivo I*. Tipografia Nova res. Roma 2002 pg. 94.

⁴⁸ Escolástica Berkenbrock nasceu em Vargem do Cedro no dia 23 de março de 1923, é religiosa da Congregação das irmãs Franciscanas de São José. Filha de Leonardo Berkenbrock, que por sua vez é filho de um primo de Henrique Berkenbrock. O nome deste não é relatado no processo. Ela conheceu bem a mãe de Albertina em sua infância, quando os fatos ocorreram ela tinha apenas 7 anos, porém ouviu de seu pai e mãe o ocorrido que eles testemunharam naquela data de 15 de junho de 1931.

“Na ocasião do sepultamento, já se disse que Albertina era mártir”.
(Summarium super martyrio – Processo Informativo Suppletivo I. Tipografia Nova res. Roma 2002 pg. 91)

A aglomeração no funeral e imediatamente depois as visitas ao túmulo, portanto, não foi determinada tanto pelo acontecimento trágico do assassinato, mais sim pela opinião difundida do sacrifício de Albertina pela virtude de escolher a morte para não cair em pecado, à essência do martírio da bem-aventurada.

A frase “muitos fiéis consideram que Albertina foi martirizada”⁴⁹ constitui o motivo subjacente que figura em grande parte dos testemunhos.

Segundo a Enciclopédia Católica, a palavra mártir tem origem grega e quer dizer testemunha, o termo como é empregado na Igreja, significa aquele que dá testemunho com sua própria vida da sua fé em Jesus Cristo e de seus ensinamentos. A morte de Albertina, conforme a crença dos que testemunharam no processo religioso, foi para não cometer o pecado, foi em defesa de sua virgindade, uma virtude pregada pela igreja baseada nos ensinamentos de Cristo. Assim a crença da população a qual se construiu a imagem de mártir da menina está em perfeita relação com o que ensina a instituição igreja:

“O martírio é o supremo testemunho prestado à verdade da fé; designa um testemunho que vai até a morte. O mártir dá testemunho de Cristo, morto e ressuscitado, ao qual está unido pela caridade. Dá testemunho da verdade da fé e da doutrina cristã. Enfrenta a morte num ato de fortaleza.” (Catecismo da Igreja Católica. Artigo 2473. Edições Loyola. São Paulo 1999. Pg. 637)

No testemunho da mãe verificamos também os elementos de religiosidade que norteavam a crença da comunidade e que colaboraram para a construção da mártir:

“Considero que Albertina seria capaz de preferir a morte ao pecado, [...] Acho que Albertina teria preferido a morte ao pecado. [...] Dado o seu temperamento, a sua piedade e a sua delicadeza, em tudo o que se refere à pureza, eu considero que ela preferiu morrer que

⁴⁹ Testemunho de Bertoldo Berkenbrock. Summarium super martyrio – *Processo Informativo*. Tipografia Nova res. Roma 2002 pg. 59

pecar”. (Summarium super martyrio – Processo Informativo. Tipografia Nova res. Roma 2002 pg. 42- 43)

O subdelegado de polícia, Bernardo Fenzer, também cultivava a opinião de que a menina sacrificou-se por “amor a pureza”, e porque “não queria pecar”.⁵⁰ Quase as mesmas palavras usadas pela parteira Marta Meyhoefer, de fé protestante, que disse:

“Considero que Albertina opôs resistência para defender a própria pureza”. (Summarium super martyrio – Processo Informativo Suppletivo I. Tipografia Nova res. Roma 2002 pg. 62)

Clemente Gentil França, tendo sido um dos primeiro a ver o local do delito, declarou sem meio-termos:

“Eu considero como coisa certa que Albertina preferiu a morte ao pecado; e por isso lutou e tentou resistir. [...] Creio que ela não quis pecar; e deduzo isto pelo modo geral de comportar de Albertina”. (Summarium super martyrio – Processo Informativo. Tipografia Nova res. Roma 2002 pg. 49)

O professor de Albertina, Hugo Brendt, por sua vez depôs:

“É certo que esta se defendeu, porque não queria pecar; Albertina, de fato, sabia perfeitamente o que era um pecado contra a santa pureza. Tenho convicção que Albertina preferiu a morte ao pecado. E o assassino a matou, porque resistiu. [...] Conhecendo a psicologia de Albertina, estou certo de que foi por este motivo. [...] Os fiéis são todos da opinião de que Maneco a matou porque esta não consentiu o pecado”. (Summarium super martyrio – Processo Informativo. Tipografia Nova res. Roma 2002 pg. 54)

É interessante notarmos a forma como a crença dessas pessoas não tardou a se encarnar na pessoa de Albertina a ponto de subitamente quererem fazer dela uma mártir.

⁵⁰ Summarium super martyrio – *Processo Informativo Suppletivo I*. Tipografia Nova res. Roma 2002 pg. 47.

2.11 NASCIMENTO DA DEVOÇÃO A ALBERTINA

É de se registrar também uma circunstância particular. A exceção de apenas um, (Giovanni Augusto Kürten), todos os detentos aos quais Maneco Palhoça narrou o episódio tornaram-se devotos de Albertina e declararam ter recebido graças por sua intercessão. Este fato vem a ser um reforço na construção da santidade de Albertina, visto que eles ouviram da boca do assassino o ocorrido, então a igreja os usa como propaganda para querer demonstrar que até Maneco reconhecia a boa índole da menina. A título de exemplo reportamos o que depôs Alessandro Manuel André:

“Sou devoto de Albertina e aguardo na esperança de que um dia ela será santa, três vezes fui atendido por Albertina em minhas preces”. (Summarium super martyrio – Processo Informativo Suppletivo I. Tipografia Nova res. Roma 2002 pg. 96)

E nos termos do depoimento de Adriano Francisco André lê-se:

“A testemunha é devota de Albertina e já obteve graças por sua intercessão”. (Summarium super martyrio – Processo Informativo Suppletivo I. Tipografia Nova res. Roma 2002 pg. 97)

E ainda naquele de Manuel Francisco André:

“A testemunha é devota de Albertina. Foi ao seu túmulo e aspira com certeza à canonização da Serva de Deus. Obteve três graças por sua intercessão”. (Summarium super martyrio – Processo *Informativo Suppletivo I*. Tipografia Nova res. Roma 2002 pg. 98)

Vendolino o irmão de Albertina informa que:

“Logo após a sua morte, foi marcado o local de seu assassinato com algumas pedras, uma cruz e plantaram-se flores. De início, este lugar foi visitado pelos fiéis. Em um segundo momento foi construído um oratório. Depois de um tempo, foi alargada a estrada que conduzia ao lugar do delito e construiu-se uma capela”. (Summarium super

martyrio – Processo Diocesano Suppletivo II. Tipografia Nova res. Roma 2002 pg. 125)

A devoção e o reconhecimento foram concretizados, portanto, não apenas com as visitas, as flores, os votos de fé, mais também com o aumento da estrada e a construção no local do martírio de uma capela dedicada a Santa Agnes, estes são sinais de gratidão e carinho pela pequena virgem mártir por todas as graças recebidas. Mas convém perguntarmos o porquê dessa rapidez no reconhecimento de Albertina como uma santa pela comunidade a ponto de lhe renderem homenagens e construir uma capela para cultuar o local da sua morte transformada em martírio?

A resposta seria a realidade da comunidade local e da região. Segundo Solange Ramos Andrade, o destaque a um determinado modelo de santidade revela uma série de manifestações, gestos e palavras, traduzindo uma visão de mundo integrada por crenças e práticas coletivas, conectando o indivíduo a um determinado grupo, fornecendo elementos para a compreensão dos modelos de santidade atuais.

2.12 FAMA DURADOURA, FAMA PERENE

Tendo acompanhado os testemunhos, podemos observar que como foi construída e disseminada a fama de santidade e, sobretudo, de martírio de Albertina Berkenbrock, fama esta que foi sempre constante quanto à opinião e crescente quanto à devoção ao longo destes oitenta anos que nos separam daquele dia 15 de junho de 1931.

No depoimento de Apolônio Westrupp⁵¹ se lê que:

“Quando a testemunha veio residir aqui em São Luis, um ano e meio após aquela morte, ano de 1933, era opinião comum que ela tivesse sido morta em defesa de sua

⁵¹ Apolonio Westrupp é proprietário da terra onde Albertina foi assassinada. Não conheceu Albertina e os contatos que teve com sua família foi posterior ao ocorrido quando ele veio a comprar as terras em São Luis um ano depois do acontecido. Porém se tornou grande devoto da menina e é interessante o seu depoimento, pois, apesar de ter ouvido da família de Albertina o relato do assassinato ele se ofereceu a depor devido a sua grande fé na menina.

virgindade. Atualmente a crença popular é sempre esta”. (Summarium super martyrio – Processo de Non Cultu. Tipografia Nova res. Roma 2002 pg. 70)

Um interessante dado dá-se a partir do fato que:

“As terras ao redor do local da morte de Albertina pertencem ao senhor Apolônio desde 1942 e ele sempre o respeitou com particular afeto”. (Summarium super martyrio – Processo de Non Cultu. Tipografia Nova res. Roma 2002 pg. 70)

Ele de fato não se incomodou com o grande fluxo dos peregrinos ao local do martírio, pelo contrário, até mesmo permitiu a construção da Capela de Santa Agnes ajudando na propagação desta fama, a construção da capela acaba se tornando um monumento para perpetuar a crença destes e por fim uma forma de sacralizar o local do assassinato, interessante também é o fato de se dedicar a capela do local da morte de Albertina a virgem mártir Agnes⁵² reafirmando também a virgindade e martírio de Albertina.

Em suma, pode-se dizer que a frase de Hugo Brendt, resume plenamente a opinião expressa pelas testemunhas diretas que presenciaram e indiretas que ouviram falar e que depuseram no Processo Informativo de 1952, no Processo de Non Cultu de 1955 e no Processo Supletivo de 1958, já que esses referem não apenas ao ocorrido nos anos 30, mas também leva em conta o curso do tempo, até aos atos dos depoimentos, nos anos 50:

“A fama de sua heróica conduta tornou-se sempre maior. Essa fama não foi diminuída, mas aumentada”. (Summarium super martyrio – Processo de Non Cultu. Tipografia Nova res. Roma 2002 pg. 68)

Já nestes processos, podemos observar que quase 80% das testemunhas referem-se as graças obtidas pela intercessão da bem-aventurada Albertina diretamente ou de pessoas que conheciam, e ao fluxo dos peregrinos.

É significativo o depoimento do Padre Pedro José Storms SCJ⁵³, pároco de Vargem do Cedro:

⁵² Pequena Bibliografia sobre ela no capítulo terceiro deste trabalho.

⁵³ Pedro José Storms é sacerdote da Congregação do Sagrado Coração de Jesus. Foi pároco da Comunidade a qual pertenceu Albertina Berkenbrock. Seu testemunho é importante, pois destaca a forma como a devoção de

“Ele considera que o povo crê sinceramente no seu martírio e em sua virtude. Esta devoção do povo sempre vai aumentando. A testemunha sabe isto pessoalmente, enquanto pároco de onde a Serva de Deus foi morta e agora está sepultada. [...] As peregrinações dos fiéis possuem um fundamento real. O povo crê sinceramente que a Serva de Deus mostra-se como protetora do céu”. (Summarium super martyrio – Processo de Non Cultu. Tipografia Nova res. Roma 2002 pg. 66)

A testemunha Padre Itamar Luiz da Costa⁵⁴,

“Considera que essa suportou a morte em defesa da virgindade. Também o povo considera a Serva de Deus como uma heroína da virtude. A fama da heroína cresce sempre mais entre os fiéis; principalmente devido às graças que recebem”. (Summarium super martyrio – Processo de Non Cultu. Tipografia Nova res. Roma 2002 pg. 76)

Outro sacerdote, o canônico Bernardo Philippi⁵⁵, testemunhou:

“A opinião popular sobre a fama de martírio da Serva de Deus vai sempre crescendo; os motivos de tal afluência são as graças obtidas pelos devotos”. (Summarium super martyrio – Processo de Non Cultu. Tipografia Nova res. Roma 2002 pg. 78)

A mãe de Albertina depôs:

Albertina cresceu e se consolidou tornando-se muito importante na vida dos habitantes de toda a região e como da pequena São Luis se espalhou por diversos lugares.

⁵⁴ Itamar Luiz da Costa é sacerdote diocesano, Brasileiro, nascido no ano de 1922. Pároco de Imaruí e Pescaria Brava. Não conheceu Albertina, mais teve contato com os vários personagens da história de vida, morte e devoção da menina. Seu testemunho relata a devoção da população a Albertina.

⁵⁵ Bernardo Philippi, brasileiro nasceu no ano de 1908, canônico, sacerdote, pároco de Yaguareina, foi vice-postulador da causa de Albertina, tendo reunido todos os testemunhos necessários para se iniciar o Processo de beatificação da mesma. Acompanhou todos os relatos, fez os questionamentos e conheceu a realidade de cada familiar, conhecido ou devoto da menina. Graças a seus esforços Albertina pode ser elevada a honra dos altares brasileiros e mundiais da Igreja Católica. Como testemunha não ocular mais por ouvir a história de Albertina da boca daqueles que viveram os acontecimentos do dia do delito ou da vida dela, bem como os que se tornaram seus devotos, o seu depoimento também se fez necessário para se confirmar a ligação e veracidade de tudo o que fora dito.

“Muitos são os fiéis que se conduzem ao sepulcro ou ao local do assassinato de Albertina; levando flores, pregam, cantam, pedem a Deus sua beatificação e proteção. [...] Muitas são as pessoas que se dizem atendidas pela intercessão de Albertina em suas súplicas”. (Summarium super martyrio – Processo Informativo. Tipografia Nova res. Roma 2002 pg. 43)

A testemunha Francisco Vauderlinde constatava que:

“Efetivamente, cada dia aumenta o número das pessoas que se dirigem ao sepulcro de Albertina”. (Summarium super martyrio – Processo Informativo. Tipografia Nova res. Roma 2002 pg. 51)

E também Vendolino Berkenbrock notava que:

“São muitas as pessoas que todos os dias visitam o seu sepulcro”. (Summarium super martyrio – Processo Informativo. Tipografia Nova res. Roma 2002 pg. 52)

A testemunha Marcelina Hoepers Daufenback é precisa:

“Domingo passado foram à tumba de Albertina dois pullman (ônibus) especiais”. (Summarium super martyrio – Processo Informativo Suppletivo I. Tipografia Nova res. Roma 2002 pg. 92)

A irmã Escolástica Berkenbrock sabe de “peregrinações, até mesmo de São Paulo”.⁵⁶ E Ercílio Marcilio, que mora não muito longe do local do martírio, declara:

“Todos os domingos podem ser vistos chegar dois ou três pullman extraordinários (ônibus particulares). Tais pullman chegam também em qualquer dia da semana. São pullman com trinta, quarenta e cinquenta pessoas, com um número menor, mais também com um número maior de pessoas. Nesta praça eu já vi mais de quarenta de tais pullman em apenas um único dia”.⁵⁷ (Summarium super martyrio

⁵⁶ Summarium super martyrio – *Processo Informativo Suppletivo I*. Tipografia Nova res. Roma 2002 pg. 95.

⁵⁷ Ercílio Marcilio se referia à data 20 de julho de 1958.

– Processo Informativo Suppletivo I. Tipografia Nova res. Roma 2002 pg. 103)

Se dos anos 50, aos quais se referem estes depoimentos, passarmos ao Processo Super Fama, realizado em 2001, isto é a 70 anos da morte de Albertina, podemos registrar não apenas a continuidade se sua fama de “pequena mártir” da pureza virginal, mas também o notável aumento seja pelas evidências de graças recebidas pelas intercessões, seja pelas peregrinações que são feitas ao longo do ano. Neste caso há uma dupla documentação, aquela testemunhal feita em regular processo sob juramento e aquelas fotográficas, que dispensam explicação. Isso demonstra que a construção da imagem de santa e mártir da menina já se encontra consolidada na crença de milhares de brasileiros.

A testemunha Padre Raimundo Ghizoni,⁵⁸ vigário paroquial da catedral de Tubarão é muito mais preciso e responde a numerosos interrogatórios para o processo de beatificação:

“A serva de Deus morreu para defender sua inocência, em virtude da educação cristã que recebeu na catequese e na família. [...] Imediatamente foram difundidas entre o povo a fama de santidade e de martírio pela defesa de sua pureza, tanto é verdade que na luta com o assassino dizia que não podia cometer o pecado. [...] Também se passaram 70 anos, a fama de santidade está sempre viva entre o povo e cresce cada vez mais. Existem muitas peregrinações ao local de sua morte e do sepulcro, provenientes de inúmeros municípios e paróquias para agradecer as graças recebidas. [...] Quero ainda dizer que, com frequência, nas homilias e nos programas de rádio, a Serva de Deus é apresentada como modelo de pureza, para alimentar a fé do povo e fazer crescer o Reino de Deus, particularmente como modelo de juventude, pelo testemunho de sua vida e sua morte. [...] Todos os anos faz-se uma celebração especial em outubro na comunidade São Luis, com a presença de grande multidão de devotos. [...] Tenho conhecimento de muitas graças. Reuni alguns testemunhos de pessoas que receberam graças, algumas deste mês de fevereiro de 2001. Entrego um elenco de 19 graças para que venha em anexo ao meu

⁵⁸ Raimundo Ghizoni nasceu em 13 de agosto de 1925 em Braço do Norte - SC, sacerdote diocesano é vigário paroquial da catedral de Tubarão – SC. Seu testemunho consiste em relatar a imediata difusão e persistência da fama de martírio e de santidade de Albertina. São Luis, como já verificamos anteriormente, faz parte desta diocese e a anos Padre Raimundo tem testemunhado o crescimento e fortalecimento da devoção a menina. Este apresentou junto ao depoimento uma lista com vários nomes de pessoas que receberam possíveis graças mediante a intercessão de Albertina.

testemunho”. (Summarium super martyrio – Processo Diocesano Suppletivo II. Tipografia Nova res. Roma 2002 pg. 111-112)

A testemunha, padre Auricélio Costa,⁵⁹pároco de Imaruí, depôs:

“A serva de Deus foi morta por não ceder à paixão do assassino e por não cometer o pecado contra Deus. [...] Desde o dia de sua morte, já durante a vigília, muitos manifestaram suas convicções de que a Serva de Deus era uma garota muito virtuosa. Era convicção geral que havia sido morta para defender a sua castidade e, portanto, sua fé. [...] Há tantos anos, estão convencidos de que foi morta para defender sua fé e as pessoas a consideram como mártir. [...] Muitas pessoas fazem peregrinações, particularmente fiéis da minha paróquia, [...]. A fama de martírio da Serva de Deus foi sempre ininterrupta até os dias de hoje. Entre o povo foi sempre conservada fortemente e intensamente a fama de martírio e de santidade de Albertina, e isso de forma espontânea. [...] Creio que a Serva de Deus se deixou ser assassinada para defender sua virtude e sua fé, e também em razão das graças que as pessoas diziam receber pela intercessão de Albertina, e sentem-se ajudadas a viver a própria fé”. (Summarium super martyrio – Processo Diocesano Suppletivo II. Tipografia Nova res. Roma 2002 pg. 117- 118)

O irmão mais velho de Albertina, Vendolino Berkenbrock com seu testemunho fornece muitos pequenos detalhes que são úteis:

“Recordo-me muito bem que logo após seu assassinato, ainda durante a vigília, as pessoas do local e também de locais vizinhos consideraram Albertina como uma verdadeira mártir, morta por defender a virtude da castidade. [...] Mesmo tendo passado 70 anos de sua morte, é ainda considerada pelas pessoas como mártir. [...] A Serva de Deus sempre foi considerada como mártir desde o dia no qual foi assassinada. Esta fama nunca cessou e perdura ininterrupta até os dias de hoje. Cada ano, na sexta feira Santa, faz-se uma peregrinação noturna das cidades de Gravatal, Armazém e São Martinho, e as pessoas caminham pregando até o local do assassinato de Albertina. [...] Todos os anos, no último domingo de outubro, faz-se a comemoração da morte da Serva de Deus. Naquele dia, celebra-se a missa, fazem-se pregações e cantos. Uma multidão de fiéis participa

⁵⁹ Auricélio Costa é natural da cidade de Tubarão, nasceu em 18 de maio de 1965, é sacerdote diocesano, pároco da paróquia de Imaruí. Ressaltou em seu depoimento a espontaneidade nata das pessoas na convicção de que Albertina havia aceitado morrer para defender a sua pureza e como a sua fama de santidade perdura com a manifestação inclusive da devoção das pessoas que no sepulcro da menina deixam seus ex-votos.

do ato, chegam de ônibus e carros provenientes não apenas das redondezas, mas de todo o Estado de Santa Catarina e de outros Estados do Brasil. Além disso, todos os dias, sobretudo nos domingos e nos dias de festa, sempre houve peregrinos que iam visitar o sepulcro e o local da morte de Albertina. [...] A Serva de Deus recebe grande devoção popular”. (Summarium super martyrio – Processo Diocesano Suppletivo II. Tipografia Nova res. Roma 2002 pg. 125-126)

Maria Isabel Vieira Faustino,⁶⁰ professora aposentada, testemunhou:

“Eu sempre soube que logo após a sua morte, esta foi considerada imediatamente um verdadeiro martírio. Esta era a opinião geral das pessoas. [...] Confirmo plenamente que, mesmo a uma distância de 70 anos, as pessoas a consideram ainda como uma verdadeira mártir. [...] Há muitas peregrinações no local de sua morte e na sua tumba realizadas por muitos municípios do Estado de Santa Catarina e do Brasil. [...] Sei que a fama de martírio da Serva de Deus é espontânea, constante e ininterrupta até os dias atuais. [...] a canonização da Serva de Deus será um grande exemplo aos nossos jovens”. (Summarium super martyrio – Processo Diocesano Suppletivo II. Tipografia Nova res. Roma 2002 pg. 119)

Nicolau Manoel Philippi⁶¹ enfatiza:

“A fama de seu martírio foi sempre constante, ininterrupta e espontânea da parte dos fiéis. [...] São muitíssimos favoráveis à canonização da Serva de Deus dadas a sua fama ininterrupta de martírio e santidade. Isso seria de grande exemplo para a juventude, como já o foi até agora”. (Summarium super martyrio – Processo Diocesano Suppletivo II. Tipografia Nova res. Roma 2002 pg. 121-122)

⁶⁰ Maria Isabel Vieira Faustino nasceu no Estado de Santa Catarina, cidade de Tubarão em 22 de setembro de 1928, professora aposentada, não conheceu Albertina, pois quando esta morreu ela tinha apenas 3 anos de idade, porém sua família viveu naquele tempo e ela cresceu ouvindo a história da beata e aprendendo a sua devoção. Ela depõe como desde sua infância até a data do depoimento, ano de 2001, a fama de santidade e martírio tem perdurado juntamente com as manifestações crescentes de devoção a Albertina.

⁶¹ Nicolau Manoel Philippi nasceu em 16 de outubro de 1922 na cidade de Armazém – SC. Professor de filosofia aposentado, cristão católico, morador de Tubarão, ao conhecer Albertina, no ano que aconteceu o delito ele tinha 9 anos de idade. Ele conta como logo de início a fama de santidade e martírio já havia se espalhado por toda a região comprovando como esta tem perdurado ao longo do tempo.

A sobrinha e biógrafa de Albertina, Norma Berkenbrock Schoten, sob juramento, reiterou algumas notícias importantes:

“Quando foi morta, tornou-se opinião geral daqueles que a haviam conhecido que morreu santa e mártir para defender sua virgindade. [...] Ainda após 70 anos se sua morte a Serva de Deus é ainda considerada por todos os fiéis como uma mártir e uma santa. [...] A fama de santidade e de martírio que se fez desde o próprio dia de sua morte, pelo que me consta, jamais diminuiu; pelo contrário, sempre aumentou até os dias de hoje. [...] No local do assassinato da Serva de Deus, no início foi construída uma capela. Depois para a comodidade dos peregrinos, sempre mais numerosos, foi construída uma pequena igreja, como se vê atualmente. Ali se pode celebrar a missa e os fiéis se reúnem para rezar o rosário e outras devoções. [...] O sepulcro da Serva de Deus sempre está ornamentado com flores, acendem-se velas e fazem votos. O mesmo acontece com o local do assassinato; ali se colocam flores, numerosos votos, como testemunhas de graças recebidas pela intercessão da Serva de Deus. Conserva-se no ambiente anexo à capela o leito onde dormia a Serva de Deus. [...] todos os anos, no último domingo de outubro, comemora-se a morte da Serva de Deus. [...] A participação dos fiéis é imensa, chegam de ônibus e carros, muitos vêm a pé de localidades distantes. É preciso celebrar a missa ao ar livre, em função da multidão de fiéis. É tradição ainda que na sexta-feira Santa, pela noite, venham muitos fiéis para visitar o local da morte da Serva de Deus e celebrar a Via Crucis. Vêm a pé de cidades vizinhas”. (Summarium super martyrio – Processo Diocesano Suppletivo II. Tipografia Nova res. Roma 2002 pg. 127-128)

Interessante é o que confirma José Feuser⁶² acrescentando uma nota que indubitavelmente demonstra como se consolidou o processo de devoção naquelas terras:

“Consta-me, já que sou daquele local, que imediatamente após o assassinato de Albertina, todos unanimemente estavam convencidos de que sua morte tivesse sido um verdadeiro martírio. [...] Ainda hoje, depois de muitos anos de sua morte, não apenas a minha geração que testemunhou o ocorrido, mas também as gerações mais jovens estão

⁶² José Feuser natura de Vargem do Cedro, nasceu em 21 de dezembro de 1930. Aposentado, cristão católico, não conheceu Albertina e nem sua família, mais relata em seus testemunhos como a fama da boa índole da menina derivada da boa educação católica ensinada em família se espalhou por toda a parte levando esta a preferir o martírio que cometer pecado. Também comprova como se tem passado oralmente de geração a geração a devoção e a história da menina.

convencidas de que Albertina seja uma mártir a Igreja Católica por ter defendido sua virgindade. [...] A fama de martírio da Serva de Deus, pelo que sei pessoalmente, jamais cessou ao longo do tempo, pelo contrário, sempre foi constante e ininterrupta até os dias atuais. [...] O local do assassinato da Serva de Deus, imediatamente após sua morte, sempre foi levado em grande consideração, tanto é verdade que ali foi construída uma capela. Mas já que ali se acendiam muitas velas, um dia se incendiou. Em seguida foi construída uma capela maior e mais cômoda para acolher os peregrinos. [...] sei pessoalmente, por causa do meu trabalho, desde o momento em que me tornei comerciante e sempre em contato com as pessoas, que muitos receberam graças de Albertina. Recordo-me de um episódio que ficou impresso em minha memória: nos anos 1946- 1947, a região de Vargem do Cedro foi golpeada por uma terrível estiagem. Não chovia há muito tempo e as terras estavam inteiramente, o gado sofria com a fome e os campos não produziam. Os fiéis, juntamente com o pároco de Vargem do Cedro, decidiram fazer uma peregrinação ao local da morte de Albertina e ao seu sepulcro. Uma intensa multidão de adultos, jovens e crianças foram em procissão. Chegando ao local, verteram ferventes orações, implorando pela intercessão da Serva de Deus. Retornando a casa, começou então a chover de modo muito forte. Todos atribuíram esse episódio a intercessão de Albertina”. (Summarium super martyrio – Processo Diocesano Suppletivo II. Tipografia Nova res. Roma 2002 pg. 130-131)

Guido Feuser foi outro que confirmou tudo o que até aqui foi dito, fazendo referência de modo particular e muito significativo:

“A fama de martírio foi sempre constante e ininterrupta até os dias atuais. Não me consta que tenha cessa em momento algum. Eu sou um dos coordenadores da comunidade religiosa de São Luis e sei que a bela igreja atualmente existente em nosso país foi quase totalmente construída graças às ofertas dos peregrinos que vinham para visitar o sepulcro de Albertina e o local onde foi morta”. (Summarium super martyrio – Processo Diocesano Suppletivo II. Tipografia Nova res. Roma 2002 pg. 132-133)

Padre José Rohr da Congregação de Sacerdotes do Coração de Jesus, pároco de Vargem do Cedro confirma esta construção da imagem de santa menina também através de atos litúrgicos da instituição igreja:

“Daquilo que me consta, a fama de martírio da Serva de Deus foi sempre constante. Isto pode ser observado não apenas por meio das gerações mais antigas, mas também por meio das mais jovens. Todos os domingos na missa paroquial existem sempre grupos de pessoas que vêm de longe em peregrinação ao sepulcro e ao local do

assassinato de Albertina. Um testemunho de que a fama de martírio nunca cessou é o fato de que a bela e grande igreja de São Luis foi construída quase totalmente com as ofertas dos peregrinos e devotos que vão visitar o sepulcro e o local do assassinato da Serva de Deus. [...] São completamente favoráveis à canonização de Albertina Berkenbrock. Será sem dúvida um grande exemplo, particularmente para os jovens de hoje. Eu falo da Serva de Deus nas homilias e particularmente nas catequeses e às crianças e aos jovens, apresentando-a como exemplo de vida cristã, dedicada de modo radical, tanto é verdade que se deixou matar para defender a virgindade. [...] Normalmente, todos os anos, no último domingo de outubro, comemora-se a morte da Serva de Deus. A participação dos fiéis é numerosa. Eu pessoalmente devo celebrar a missa ao ar livre, para que todos possam participar. É verdadeiramente um espetáculo de fé edificante. Os peregrinos chegam também de cidades distantes, próximas e de outros Estados do Brasil. Outro momento importante de peregrinação ocorre na alvorada da sexta-feira santa: chegam mil peregrinos quase, em geral a pé, em devota procissão de penitência”. (Summarium super martyrio – Processo Diocesano Suppletivo II. Tipografia Nova res. Roma 2002 pg. 135-136)

O biógrafo professor Osvaldo Della Giustina⁶³ conjugou as recordações da infância com o que se pode observar hoje em dia:

“Recordo-me bem que desde minha primeira infância, a Serva de Deus sempre foi considerada mártir por ter defendido sua virgindade. Esta era a opinião comum entre as pessoas. [...] a fama de martírio perdura até os dias de hoje, e eu pessoalmente escrevi uma biografia da Serva de Deus, com a finalidade de interpretar o sentido da santidade de Albertina, particularmente para transmitir à juventude moderna o exemplo de virtude e de fortaleza desta jovem. São plenamente de acordo que ainda hoje a Serva de Deus é considerada mártir. [...] Não me consta que a fama de santidade e martírio da Serva de Deus tenha cessado alguma vez. Posso dizer que em quase todas as famílias da região há alguém com o nome de Albertina, por devoção a Serva de Deus. [...] a canonização de Albertina seria de grande exemplo e auxílio para as gerações atuais”. (Summarium super martyrio – Processo Diocesano Suppletivo II. Tipografia Nova res. Roma 2002 pg. 137-138)

⁶³ Osvaldo Della Giustina natural de Orleans – SC nasceu em 27 de junho de 1936. Cristão católico, professor de filosofia da Universidade Federal de Santa Catarina e jornalista; escreveu a biografia sobre Albertina intitulada “A Menina dos Anjos”, Editora UFSC, Florianópolis 1995. Em seu depoimento evidencia como a devoção a Albertina e o modelo de fé da sua família tem influenciado a vida de tantas pessoas ao longo do tempo

A testemunha Irma Ramos Medeiros⁶⁴ evidenciou como:

“A Serva de Deus foi ininterruptamente considerada como mártir, do início até os dias de hoje. Muitas pessoas levam o nome de Albertina em sua homenagem”. (Summariium super martyrio – Processo Diocesano Suppletivo II. Tipografia Nova res. Roma 2002 pg. 123)

Um dado também interessante a considerarmos como uma ideal quantificação da difusão da devoção a virgem mártir Catarinense, e para traduzir em cifras, embora desatualizadas, o que foi dito pelas testemunhas aqui reportadas, podemos dizer que na paróquia de Imaruí, de 1932, um ano após o assassinato, ao ano 2000, foram batizadas com o nome de Albertina 226 pessoas; na paróquia de Vargem do Cedro, de 1933 a 2000, foram mais de 48; na paróquia de Armazém, de 1940 a 2000, foram um total de 121, e isto sem termos realizado uma pesquisa completa e somente em paróquias próximas a cidade de Albertina.

Outra prova desta consolidação da construção da devoção e fama é a cidade que em homenagem a pequena virgem mártir recebeu o seu nome: O município de Santa Albertina localizado no Estado de São Paulo fazendo divisa com o sul do município de Urânia, a leste de Paranapuã, oeste de Santa Rita D’Oeste e norte do Porto Ribeiro. Os pioneiros e fundadores desta cidade, dentre os quais se destaca Belizário de Almeida, eram profundos devotos da menina e ao ergueram a cidade levaram a devoção para a população local e que até hoje são devotos da menina e possuem essa imagem construída da virgem e mártir.

Começando como um pequeno povoado reconhecido como distrito de paz no dia 30 de dezembro de 1953 pelo Decreto – Lei nº 2.456, entrando em execução no dia 1º de janeiro de 1954, pertencendo ao município de Jales; no dia 18 de fevereiro de 1959, o Distrito de Santa Albertina passou a Município, pelo Decreto-Lei nº 2.285, entrando em vigor no dia 2 de Janeiro de 1960, vindo então os desbravadores de Santa Albertina que seus esforços foram consagrados e não foram em vão.

⁶⁴ Irma Ramos Medeiros nasceu no ano de 1928 a 24 de novembro. Natural da cidade de Lages- SC mora em Tubarão. Não conheceu Albertina mais seu testemunho também evidência a fama de martírio e santidade que tem perdurado até a atualidade e a crescente devoção a menina.

2.13 A BEATIFICAÇÃO DE ALBERTINA

Segundo Aury Azélio Brunetti em seu livro *Castidade Heróica*, após a morte de Albertina não foram poucas as pessoas que começaram a obter graças e favores de Deus através da intercessão da menina que logo começou a ser chamada de “Maria Goretti do Brasil”, visto que Santa Maria Goretti uma menina italiana de 12 anos de idade teve uma história muito parecida com a de Albertina, tanto no modo de viver, o ambiente familiar e a profissão dos pais dentre outros elementos como até mesmo a idade em que morreram. A diferença maior talvez fosse o fato de Albertina ter sido morta degolada e Maria Goretti esfaqueada. Logo para fortalecer essa construção da imagem de Albertina como santa, a ajuda de um modelo de outra santa com história parecida com a sua ajudou a legitimar a santidade da mesma.

A fé e a devoção crescente a Albertina acabaram levando as autoridades eclesiásticas da Diocese de Florianópolis, a qual então pertencia à comunidade de São Luis, a oficialmente iniciar o processo de canônico sobre a vida e morte da menina. Trata-se de institucionalizar a devoção antes popular. Segundo Kenneth Woodward, o santo na tradição cristã é alguém cuja santidade é reconhecida como excepcional por outros cristãos e para a Igreja Católica proclamar alguém como santo, a vida da pessoa deve ser investigada pelas devidas autoridades eclesiásticas; seus escritos e sua conduta são escrutinados; são chamadas testemunhas para depor sobre sua virtude heróica; os milagres operados postumamente por sua intercessão devem ser provados. Só então, a partir daí, o papa declara por sua santidade ou não. A vida do Santo acaba assim se tornando um instrumento de transmissão e propagação da fé. A institucionalização de Albertina acaba de tornado assim um meio de inserção e manutenção dos ideais cristãos no mundo atual.

Os processos da santidade envolvem além do aspecto dogmático, o aspecto pastoral aglutinando toda uma legião de crentes em manifestações públicas de devoção e adesão ao catolicismo. Ao exercer esse poder pastoral a igreja regulamenta o culto ao santo para que não se afaste do que ela estabelece. Segundo Vauchez:

“A igreja que se constrói sobre estas religiões (especialmente a cristã) exerceu e exerce [...] um controlo sobre as crenças que se difundem sobre os santos, quer para evitar a heresia, quer para não ver

transmigrar os caracteres de que eles são dotados para outros âmbitos, para o poder laico em geral e para a realeza de modo específico”.⁶⁵

O então Arcebispo de Florianópolis Dom Joaquim Domingues de Oliveira no ano de 1952 enviou a São Luís uma comissão de membros do Tribunal Eclesiástico da Arquidiocese, integrada por juízes, escriturários, secretários e promotores da fé.

Deu-se início então na mesma capela onde Albertina recebeu a sua primeira comunhão as sessões onde foram ouvidas diversas testemunhas, dentre familiares, cidadãos de São Luís, sacerdotes, conhecidos, amigos, autoridades e até mesmo companheiros de prisão do assassino como já verificamos anteriormente em alguns testemunhos relatados neste capítulo.

Com os mesmos membros do Tribunal Eclesiástico, durante a gestão do novo arcebispo de Florianópolis, Dom Afonso Niehues, se deu a continuação do processo e outros inquéritos foram assomados e enfim enviados a Roma para ser submetidos à rigorosa apreciação da Congregação da causa dos Santos. As atas originais foram lacradas e guardadas no arquivo secreto da cúria metropolitana de Florianópolis.

No ano de 1954 na data de 28 de dezembro como já relatamos no primeiro capítulo deste, ocorreu o desmembramento da diocese de Florianópolis com a criação da nova Diocese de Tubarão através da bula papal *vigete ubique gentium*, de Pio XII, ficando a comunidade de São Luis sob a nova jurisdição.

O primeiro bispo de Tubarão Dom Anselmo Pietrulha formou um novo Tribunal Eclesiástico, e obedecendo as leis da igreja em 1956 foi realizado um novo processo complementar, porém devido a uma serie de circunstancias desconhecidas o processo interrompeu-se por 41 anos. No entanto a fé e a devoção continuaram crescendo e se fortalecendo por parte da população fato este que fez o processo ser retomado no ano 2000.

Dom Hilário Moser, terceiro bispo de Tubarão empossado em 15 de agosto de 1995, retomou os trabalhos do processo canônico nomeando postulador da causa de beatificação e canonização de Albertina o frei franciscano Paolo Lombardo de Roma.

No mesmo ano o postulador veio ao Brasil à cidade de Tubarão dando passos concretos para retomada da causa. Atendidas todas as exigências da Congregação da

⁶⁵ VAUCHEZ, André. Citado em WOODWARD, Kenneth. *A Fábrica de Santos*. São Paulo, Siciliano, 1992

Causa dos Santos, em 12 de fevereiro de 2001, foi realizada a exumação dos restos mortais de Albertina, e o Tribunal eclesiástico fez um terceiro processo complementar sobre o martírio e santidade de Albertina. Encerrado com êxito, em solene missa do dia 18 de fevereiro de 2001 pode-se colocar os restos mortais em um novo sepulcro dentro da Igreja de São Luís.

No ano de 2004 assumiu o atual bispo de Tubarão, Dom Jacinto Bergmann de decidiu levar a frente o processo viajando para o Vaticano em fevereiro do ano seguinte.

Na Congregação para a Causa dos Santos se reuniu com o prefeito Cardeal Dom José Saraiva Martins e se inteirou sobre o andamento do processo. Recebeu então a notícia de que o processo estava em fase final de aprovação mais que isso aconteceria somente depois de mais de sete anos, pois havia vários outros processos na frente. Mas também ficou claro em conversa que se o próprio Papa caso viajasse para o país de origem dos Servos de Deus, cujo processo já estivesse em condição de aprovação, ele poderia pedir e o processo ser adiantado.

Porém não se sabia quando haveria essa possibilidade do Papa vir ao Brasil, talvez nem acontecesse, até que tempo depois foi anunciada a vinda de Bento XVI para a abertura da 5ª Conferência do Episcopado latino-americano e caribenho que aconteceria em maio do ano de 2007 na cidade de Aparecida, estado de São Paulo.

Dom Jacinto compareceu então a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil e solicitou que fosse escrita em nome da Conferência uma carta e assinada por todos os bispos solicitando que fosse adiantada a beatificação dos Servos e Servas de Deus do Brasil cujo processo estavam em fase final de aprovação.

A solicitação foi atendida e em 16 de dezembro de 2006 o papa Bento XVI em resposta assinou o decreto sobre o martírio de Albertina:

“Informado de todas essas circunstâncias pelo referente subscrito, o cardeal prefeito, acolhendo os votos da Congregação das Causas do Santos e julgando-os corretos, o Sumo Pontífice Bento XVI declarou: Estar seguro sobre o martírio e sua causa, da Serva de Deus Albertina Berkenbrock, fiel cristã leiga, no caso e para efeito do qual procede”. (Decreto sobre o martírio IN: BERGMANN Jacinto. Bem Aventurada Albertina. Quem foi? Como viveu? Porque morreu? Edição revisada da Curia Diocesana de Tubarão. Tubarão – SC. 2007.)

Vale à pena ressaltarmos que o processo de Albertina não precisou como de outros da comprovação de um grande milagre inexplicável pela ciência, pois seu processo é de martírio assim o martírio seria para a igreja a prova de sua santidade.

No dia 20 de outubro de 2007 as 16:00 hrs diante da Catedral da cidade de Tubarão, em celebração solene realizada pelo cardeal José Saraiva Martins, Abertina Berkenbrock foi declarada bem-aventurada:

“Nós acolhendo o desejo de nosso irmão Jacinto Bergmann, bispo de Tubarão, de muitos outros irmãos no episcopado e de muitos fiéis, depois de ter tido o parecer da Congregação para as Causas dos Santos, com a nossa autoridade apostólica concedemos que a Venerável Serva de Deus Albertina Berkenbrock, virgem e mártir, adolescente leiga que por amor de Cristo defendeu a dignidade de seu corpo e a sua virgindade até o sacrifício da própria vida, de ora em diante seja chamada Bem- Aventurada e que se possa celebrar a sua festa nos lugares e segundo as regras estabelecidas pelo direito, cada ano no dia do seu nascimento para o céu, dia 15 de junho. Em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo. Amém”. (Carta Apostólica do Papa Bento XVI. IN: Jornal Diocese em Foco. Informativo da Diocese de Tubarão. Ano 40 - nº 287. Novembro de 2007. Edição da Diocese.)

Segundo o vice- postulador da causa de Albertina, padre Sergio Jeremias⁶⁶, com a vinda do Papa Bento XVI novamente ao Brasil para a Jornada mundial da Juventude a ser realizada no ano de 2013 na cidade do Rio de Janeiro, estado do Rio de Janeiro, é esperado o anúncio da canonização de Albertina Berkenbrock para ser realizada no ano de 2014, tornado assim a menina na história a primeira santa, virgem e mártir genuinamente brasileira. Com a canonização seu estágio de santificação estará completo e a sua construção de santidade atingiria seu objetivo maior, a oficialidade dada pela Igreja a qual teria o poder de julgar e conferir legitimidade a mesma.

“A partir de 1983, com a Constituição Apostólica *Divinus Perfectionis Magister*, João Paulo II estabelece a nova legislação sobre as *causas dos santos*. Atualmente, o caminho da santidade no Vaticano passa por quatro estágios: servos de Deus, venerável, beato e santo. No primeiro estágio, é nomeado *servo de Deus* aquele que tem a autorização do Vaticano para a abertura da sua causa. A Igreja católica pode, nesta fase, elaborar uma oração em nome do candidato. No segundo estágio, o candidato é considerado *venerável*, quando são reconhecidas as suas virtudes heróicas ou o martírio. No terceiro estágio, é considerado *beato* com a comprovação de um milagre a sua imagem pode ser cultuada no país onde ele morreu e tem registrado o dia de seu culto. No caso de mártires, o milagre é dispensado. O

⁶⁶ <http://g1.globo.com/brasil/noticia/2010/10/candidata-santa-brasileira-e-homenageada-em-sc.html> acessado em 20 de outubro de 2011.

milagre só continua a ser fundamental na etapa seguinte, a da canonização. No quarto e último estágio, é considerado *santo* o candidato que tem dois milagres comprovados, sua imagem pode ser cultuada em todas as Igrejas do mundo e seu nome passa a constar nos ofícios de celebrações litúrgicas”. (ANDRADE, Solange Ramos. A religiosidade Católica e a Santidade do Mártir. Projeto História, São Paulo, n.37, p. 237-260, dez. 2008)

3 OS MODELOS DE FÉ DE ALBERTINA E ALGUMAS VIRGENS- MÁRTIRES AO LONGO DA HISTÓRIA

3.1 O MODELO DA VIRGEM MARIA

A Virgem Maria é citada várias vezes em diversos dos depoimentos acerca da vida de Albertina como sendo objeto particular de sua devoção. Sendo a Virgem Maria exaltada como modelo de pureza, podemos afirmar que a menina tendo apenas 12 anos de idade e não sendo nenhuma teóloga, com certeza via a pureza virginal através do exemplo de Maria e de sua forma internalizou e interpretou este. O que aparece nos testemunhos figura a construção de Albertina como se fosse uma pequena teóloga, a forma como dizem que ela tinha consciência do pecado, a maneira como se portava; sua índole, os conhecimentos sobre os elementos da fé acabam afastando a imagem dela da de uma criança, apesar da fé ela não deixou de ser uma criança, portanto ela não entendia todas essas coisas com tal profundidade como se afirma, ela simplesmente sabia que era errado, não porque teologicamente o concebia, mais porque ela simplesmente sabia que não era certo como não o é por um dedo na tomada. O que ela sabia sobre a pureza é fruto de uma internalização dos dois modelos que circuncidavam a sua devoção, o primeiro que colocamos é Maria e o segundo que veremos a seguir São Luís Gonzaga.

Entre os vários testemunhos sobre a devoção a Maria, ressaltamos apenas alguns de pessoas com quem ela convivia; como o da mãe Josefina Boeing:

“Albertina tinha uma devoção particular muito grande por Maria e por São Luís Gonzaga, patrono da Capela. Ela recitava o rosário em família, junto de nós. Fazia regularmente suas orações cotidianas”. (Summarium super martyrio – Processo Informativo. Tipografia Nova res. Roma 2002 pg. 41)

E também o do irmão Vendolino que falou sobre a devoção a Maria:

“Albertina confessava e se comunicava; rezava o rosário; era devota de Maria Santíssima e de São Luís Gonzaga”. (Summarium super martyrio – Processo Informativo. Tipografia Nova res. Roma 2002 pg. 52)

O que seu professor Hugo Brendt também testemunhou:

“Todas as vezes que se celebrava a Missa em nossa Capela, assistia com piedade singular. Tinha uma devoção particular por Maria Santíssima e por São Luís Gonzaga”. (Summarium super martyrio – Processo Informativo. Tipografia Nova res. Roma 2002 pg. 54)

Fica bem claro a devoção que Albertina possuía a Virgem Maria, devoção esta alimentada em família através da oração do rosário, prática que também se evidencia nos vários testemunhos e relatos.

Essa devoção a Maria, como já afirmamos, influenciou muito a vida de Albertina no que concerne a questões relacionadas à pureza e virgindade visto que a mãe de Jesus é exaltada na Igreja ao longo dos séculos por portar em si estas virtudes tão apreciadas e pregadas ao longo da história cristã. Inclusive os dogmas proclamados pela Igreja são centralizados nestes dois pontos, sendo estes o dogma da Maternidade Divina, da Virgindade Perpétua, da Imaculada Conceição e da Assunção de Maria aos quais julgamos necessário se ressaltar.

3.2 OS DOGMAS DA MATERNIDADE DIVINA, VIRGINDADE PERPÉTUA, IMACULADA CONCEIÇÃO E ASSUNÇÃO DE MARIA

Dogmas são verdades da fé proclamadas oficialmente pela Igreja Católica e o dogma referente à Maternidade Divina de Maria já era afirmado na doutrina dos padres apostólicos dos três primeiros séculos de vida do cristianismo como Santo Inácio de Antioquia, Orígenes, Santo Atanásio e São João Crisóstomo e ao longo do tempo sempre manteve grande importância na religiosidade católica como também os demais que veremos.

Santo Atanásio afirma:

"O Verbo gerado pelo Pai, nas alturas, de modo inefável, inexplicável, incompreensivelmente e eternamente, foi Ele que nasceu no tempo aqui em baixo, da Virgem Maria, a Mãe de Deus (grifo meu)".⁶⁷

No livro deste santo, A encarnação de Nosso Senhor Jesus Cristo, ele usa diversas vezes a palavra Theotokos que quer dizer Mãe de Deus para designar a Virgem Maria.

No Concílio primeiro de Éfeso que foi realizado no ano de 431 foi proclamado o dogma da Maternidade Divina afirmando que:

"[...] se alguém não confessa que o Emmanuel é verdadeiramente Deus, e que por isso a Santíssima Virgem é Mãe de Deus, já que engendrou segundo a carne o Verbo de Deus encarnado, seja anátema [...]".⁶⁸

Quanto ao Dogma sobre a Virgindade Perpétua de Maria este já era defendido por volta do ano de 391 por Santo Ambrósio de Milão na sua obra *De Institutione Virginis*. Também São Jeronimo em torno de 383 em seu tratado sobre a virgindade Perpétua de Maria escreveu:

"Invoco o Espírito Santo para que Ele possa se expressar através da minha boca e, assim, defenda a virgindade da bem-aventurada Maria. Invoco o Senhor Jesus para que proteja o santíssimo ventre no qual permaneceu por aproximadamente dez meses, sem quaisquer suspeitas de colaboração de natureza sexual. Rogo também a Deus Pai para que demonstre que a mãe de Seu Filho - que se tornou mãe antes de se casar - permaneceu Virgem ainda após o nascimento de seu Filho".⁶⁹

⁶⁷ Santo Atanásio de Alexandria. In: <http://www.doutrinacatolica.com/modules/news/article.php?storyid=760> acessado em 09 de outubro de 2011 às 14:35 hrs.

⁶⁸ Citação do Cãnone em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Maria_\(m%C3%A3e_de_Jesus\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Maria_(m%C3%A3e_de_Jesus)) acessado em 09 de outubro de 2011 às 14:50 hrs.

⁶⁹ Tratado completo em: <http://www.tradicaocatolica.com.br/pais-da-igreja/tratados/68-a-virgindade-pertetua-de-maria>

Também escreveram sobre este dogma Santo Inácio de Antioquia, São Justino mártir, Orígenes e São Tomás de Aquino. Este dogma acompanha o cristianismo desde a igreja primitiva.

Já o dogma da Imaculada Conceição de Maria foi solenemente proclamado pelo Papa Pio IX através da bula *Ineffabilis Deus* de 8 de dezembro de 1854, porém, sua festa já havia sido fixada em 1476 pelo Papa Sisto IV. Pio IX em sua bula assim se expressa:

"A doutrina que sustenta que a beatíssima Virgem Maria, no primeiro instante da sua Conceição, por singular graça e privilégio de Deus onipotente, em vista dos méritos de Jesus Cristo, Salvador do gênero humano, foi preservada imune de toda mancha de pecado original, essa doutrina foi revelada por Deus, e por isto deve ser crida firme e inviolavelmente por todos os fiéis". (Catecismo da Igreja Católica. Artigo 491. Edições Loyola. São Paulo 1999. Pg. 138)

O dogma da Imaculada Conceição afirma que Maria é toda pura e toda santa tendo sido preservada de toda a mancha do pecado para gerar em seu ventre aquele que é puro, o filho de Deus, pois na concepção teológica como poderia o impuro gerar o puro? Assim Maria teria sido redimida por Deus desde a sua concepção.

Também o dogma da Assunção de Maria tem como principio a sua pureza virginal, pois para a Igreja a morte é consequência do pecado, como Maria teria sido preservada de todo o pecado e vivido até o final em santidade, Deus então a elevou ao céu em corpo e alma. O Dogma foi proclamado em ex-cátedra pelo Papa Pio XII em 1 de novembro de 1950 através da bula *Munificentissimus Deus*:

"Depois de elevar a Deus muitas e reiteradas preces e de invocar a luz do Espírito da Verdade, para glória de Deus onipotente, que outorgou à Virgem Maria sua peculiar benevolência; para honra do seu Filho, Rei imortal dos séculos e vencedor do pecado e da morte; para aumentar a glória da mesma augusta Mãe e para gozo e alegria de toda a Igreja, com a autoridade de nosso Senhor Jesus Cristo, dos bem-aventurados apóstolos Pedro e Paulo e com a nossa, pronunciamos, declaramos e definimos ser dogma divinamente revelado que a Imaculada Mãe de Deus e sempre Virgem Maria,

terminado o curso da sua vida terrena, foi assunta em corpo e alma à glória do céu".⁷⁰

Apesar de ter sido declarado dogma de fé somente no ano de 1950, ele já era celebrado e ensinado na Igreja muito anteriormente, tendo Albertina concerteza o conhecido, visto também que, segundo os testemunhos já relatados, ela orava junto com a família o rosário e no mistério glorioso contemplado neste, uma das meditações é inclusive sobre a Assunção de Maria. Santo Antonio de Pádua no século XIII sobre a Assunção pregou em um de seus sermões:

"[...] ressuscitou a Arca da sua santificação, quando neste dia a virgem Mãe foi assunta ao tálamo celestial".⁷¹

Albertina como devota da Virgem Maria, conforme atestam os depoimentos no processo de beatificação, a tinha como modelo de pureza e santidade para a sua vida. A afirmação de que sua formação recebida na igreja e em família a levou a ter uma fé muito madura apesar de seus 12 anos, não condiz realmente com algo verdadeiro, pois apesar desta fé que a ela caracterizavam na construção de sua imagem de santidade, ela não deixava de ser uma menina e como tal não poderia ter essa profundidade própria de teólogos sobre a pureza, mais esta é sim o fruto de sua relação com seus objetos de devoção pessoal que se destacavam por tais virtudes cristãs e, através destes, ela internalizou e interpretou conforme sua mentalidade de criança de forma simples o que seria a pureza e a virgindade. Além do exemplo da Virgem Maria havia também o exemplo de São Luis Gonzaga ao qual destacaremos a seguir.

3.3 O MODELO DE SÃO LUÍS⁷²

⁷⁰ http://www.vatican.va/holy_father/pius_xii/apost_constitutions/documents/hf_p-xii_apc_19501101_munificentissimus-deus_po.html Acessado em 12 de outubro de 2012 as 19:36 hrs.

⁷¹ Citado por Pio XII na bula *Munificentissimus Deus*.

⁷² Bibliografia toda segundo Maria Teresa Ribeiro Matos. *São Luís Gonzaga : O Deus que me chama é amor*. In: *Arautos do Evangelho* <http://www.arautos.org.br/artigo/17092/Sao-Luis-Gonzaga---ldquo-O-Deus-que-me-chama-e-Amor-rdquo-.html> acesso em 19 de julho de 2011 as 16:55 hrs. E segundo Plinio Maria Solimeo. *São Luís Gonzaga*. In: *Frente Universitária Lepanto* <http://www.lepanto.com.br/dados/HagLGonz.html> acesso em 18 de julho de 2011 as 16:45 hrs.

Outro santo que a igreja destaca por sua vida de pureza virginal é São Luís, padroeira do povoado onde Albertina vivia e que leva seu nome. Segundo os depoimentos que já destacamos acima e reescrevemos apenas o da mãe para que não seja repetitivo, a menina também possuía devoção a ele e como aconteceu com a Virgem Maria, também o foi com São Luís, a internalização em Albertina do modelo de pureza deste para a construção de seu entendimento desta virtude. Assim diz a mãe:

“Albertina tinha uma devoção particular muito grande por Maria e por São Luís Gonzaga, patrono da Capela. Ela recitava o rosário em família, junto de nós. Fazia regularmente suas orações cotidianas, grifo meu”. (Summarium super martyrio – Processo Informativo. Tipografia Nova res. Roma 2002 pg. 41)

São Luís Gonzaga é padroeiro da juventude é considerado pela Igreja Católica como modelo de santidade e pureza, pois fez votos de virgindade com apenas nove anos de idade, assim como foi construída a santidade de Albertina se afirmando que esta tinha uma maturidade de fé inexplicável para a sua idade, assim também a imagem de Luís foi construída e passou a ser conhecida até a atualidade.

Segundo sua biografia, sua mãe a marquesa Laura Gonzaga estava em trabalho de parto e a situação era de risco de vida tanto para si como para seu bebê. A família já entrava em desespero quando Laura em oração fez uma promessa a Nossa Senhora de Loreto, prometendo que salvas por sua intercessão a vida dela e de seu filho, o consagraria a Virgem e o levaria em peregrinação ao seu santuário assim que recuperassem as forças. Naquele tempo de fato a medicina não era avançada e a crença na maioria dos casos era que somente a fé talvez pudesse salvar as vidas daqueles que a ela recorressem.

A criança nasceu no dia 9 de março de 1568, com muita saúde e sua mãe também sobreviveu dando-lhe o nome de Luís. O nascimento de Luís foi comemorado com grande júbilo, pois o menino seria a glória da dinastia real dos Gonzaga uma das mais ilustres da Itália.

O pai de Luís era o Fernando Gonzaga, Marquês de Castiglione na Itália e Príncipe do Sacro Império. Sua mãe havia sido dama da Rainha Isabel de França esposa do Rei Felipe II. Com domínios de Mântua à Bréscia, e de Ferrara até a fronteira da Lombardia, ao longo do tempo a família Gonzaga acumulou muitas riquezas, altos cargos eclesiásticos e principados.

O Marquês possuía um forte espírito de guerreiro, herança de seus nobres ancestrais, porém a marquesa tinha um espírito humilde, sereno e profundamente piedoso. Luís recebeu assim a influencia de ambos, pois embora se observasse nele intensa piedade, também se notava seu interesse belicoso. Tanto que seus brinquedos preferidos era um pequeno elmo, uma armadura e uma espadinha que ganhara do pai.

Sendo herdeiro do feudo da família o pai desejava ver seu filho primogênito seguindo seus passos de soldado e comandante do exército imperial. Com apenas 5 anos Luís já marchava atrás do pai e aprendia com os soldados o uso das armas. No ambiente da educação quem o educara, no entanto foi à mãe Laura.

Luís gostava de estar junto ao exército e com estes também acabou aprendendo a falar certos jargões e palavras inconvenientes até que seu tutor o repreendeu lhe chamando a atenção e dizendo que aquelas palavras não deveriam de ser pronunciadas por lábios inocentes. Conta-se que Luís chorou amargamente e em seus escritos ele relatou que esta falta acusara sua consciência como sendo o maior erro de sua vida e que a partir daí iniciou-se a sua conversão. Estava Luís com 7 anos de idade.

Desde então ele teria segundo a igreja, começado um forte processo de “afervoramento” espiritual. Seu confessor, São Roberto Belarmino doutor da Igreja, conta que:

“Na idade de sete anos é que Luís começou a conhecer mais a Deus, desprezar o mundo e empreender uma vida de perfeição. Ele mesmo com freqüência me repetia que o sétimo ano de sua idade marcava a data da sua conversão”.

Com oitos anos de idade junto com seu irmão Rodolfo foi levado pelo pai para viver em Toscana na corte do Grão-duque Francisco de Médici. A sociedade passava então pelo período do Renascentismo. Em meio a ditos “divertimentos não cristãos” promovidos na corte, Luís teria se apegado em sua devoção a Virgem Maria e ao completar nove anos de idade decidiu fazer votos de perpétua castidade. Se isso de fato ocorreu como é relatado, da mesma forme que Albertina com 12 anos não conseguimos conceber o

conhecimento teológico que lhe era atribuído, colocamos a pensar também como poderia uma criança de 9 anos saber com tal profundidade a questão de um voto de castidade. Trata-se de uma construção como no caso de Albertina, porém não nos convém se aprofundar mais sobre esta questão em São Luís pois nosso objeto é Albertina. Mais continuando...

A biografia dele diz que dedicou-se aos estudos e a religião e com 10 anos e que em uma visita realizada na ausência de seu pai, recebeu o Cardeal Arcebispo de Milão São Carlos Borromeu que ficou profundamente impressionado com sua pureza e santidade declarando que:

“[...] que jamais encontrara jovem que em tal idade atingisse tão elevada perfeição”.

Recebeu das mãos de São Carlos Borromeu a primeira comunhão e o aconselhamento de participar sempre das Missas e receber a eucaristia bem como estudar o catecismo da Igreja.

No ano de 1581 Luís foi levado por seu pai a Espanha para ser pajem dos infantes naquele país, porém em meio a uma das mais ricas cortes da época Luís teria sentido o desejo de lançar mão de tudo e se tornar padre. Com 16 anos de idade resolveu contar a seu pai e este o repreendeu fortemente e o enviou de volta a Itália em missão junto a vários príncipes esperando que a riqueza e o esplendor daquela vida o fizesse esquecer o desejo de ser sacerdote.

Porém nada adiantou e seu pai acabou por ceder. Luís como príncipe do sacro Império conseguiu do imperador a autorização para abdicar de todos os seus direitos dinásticos em favor de seu irmão Rodolfo e assim com a idade de 18 anos entrou para a Companhia de Jesus em Roma.

Conforme a igreja diz, Luís viveu na caridade, de nobre que era passou com alegria a pedir esmolas pelas ruas de Roma para o noviciado, ajudava na cozinha e até na limpeza do convento onde vivia. Visitava os doentes e os encarcerados e tinha devoção a Virgem Maria bem como pela Paixão de Cristo, fazia duras penitências e tinha uma afeição ao Cristo Sacramentado na Eucaristia. Seu pai vendo como vivia o filho por fim teria se convencido e vivido os últimos dias como um bom cristão.

No ano de 1590 uma forte peste atingiu a cidade de Roma e Luís interrompeu seus estudos para resolver cuidar das vítimas. Tratava-se do contagioso tifo que acabou também tomando Luís. Mesmo assim se diz que ele não parou de ajudar aqueles

doentes e assim morreu no dia 21 de junho de 1591. Tinha então 23 anos de idade e foi enterrado debaixo do altar da Igreja de Santo Inácio de Loyola.

Luís Gonzaga foi beatificado pelo Papa Paulo V, em 1605, e canonizado a 13 de dezembro de 1726 por Bento XIII. Foi proclamado pelo Papa Pio XI, em 1926, modelo e protetor da juventude.

O fato de falarmos brevemente da vida deste Santo nesta parte se dá pelo fato como já mencionamos de ser conferida Albertina segundo sua hagiografia e testemunhos que esta bem conhecia a vida dele e tinha admiração pelo exemplo de vida e santidade deste jovem. Quando aprendeu na igreja, na catequese e em casa sobre o padroeiro da sua comunidade podemos afirmar que era destacado e ensinado muito sobre a pureza deste, observamos isso em alguns testemunhos do professor de catequese e nas pregações que possivelmente ela ouvia junto à mesa de jantar, se realmente elas ocorreram ou foram apenas construções da imagem de uma família santa para justificar a índole da menina. O fato é que podemos afirmar que como estes dois modelos de pureza, caridade e santidade de São Luís Gonzaga unido ao modelo da Virgem Maria com certeza formavam um horizonte para onde a menina olhava com especial carinho e crescia totalmente influenciada moldando seu modo de conceber como criança e não uma teóloga a questão da pureza.

3.4 ALGUMAS VIRGENS- MÁRTIRES AO LOGO DA HISTÓRIA

Ao longo da história do cristianismo sempre existiram cristãos que derramaram seu sangue em defesa daquilo que acreditavam, em defesa do nome de Jesus Cristo e dos ideais aos quais seguia; a estes a Igreja lhes deu o nome de mártir. Como já relatamos anteriormente, mártir é uma palavra grega que significa testemunha, e ela foi empregada inicialmente para indicar os apóstolos e os primeiros discípulos que tendo presenciado os milagres e a ressurreição de Jesus, acabaram perseguidos e mortos pelo seu testemunho. Posteriormente, o termo foi utilizado para designar todos os cristãos que preferiram a morte ao renegar sua fé. Assim ser mártir significa dar sua própria vida em sacrifício do testemunho da fé cristã.

Jesus é logicamente considerado o mártir por excelência. Após ele é considerado o primeiro mártir do cristianismo Santo Estevão:

“A história de Estevão é uma repetição da história de Cristo. Ser Santo (ou mártir), para os primeiros cristãos, era morrer não só por Ele mas com ELE. Assim como o batismo significa morrer com Ele e ressurgir para a plenitude da vida eterna, o martírio era o selo de uma total conformidade do Santo com Cristo”. (WOODWARD, Kenneth L. A Fábrica de Santos. Editora Siciliano, 1992. Pg. 53)

De acordo com teólogos para que haja um verdadeiro martírio são necessárias que haja três condições: Que se sofra verdadeiramente a morte corporal, que a morte seja infligida por ódio à verdade cristã mesmo que o perseguidor seja católico e que a morte seja voluntária.

No caso de Albertina foi observado estes três itens e julgados pela igreja que aprovou o decreto de martírio da menina, pois segundo estes houve a morte corporal e isto não tem como negarmos; a morte foi infligida por Maneco Palhoça em ódio a menina não lhe ceder ao seu desejo sexual o que também não tem como negarmos mais a construção de sua imagem de santidade afirma que ela saberia ser aquele ato um pecado e por isso não cedeu, portanto seria uma verdade cristã; e por último afirma-se que sua morte foi voluntária porque ela preferiu morrer que ceder. Desta forma ela teria atendido os requisitos para ser mártir.

Como Albertina existiu milhares de outras mártires ao longo da história da Igreja que por defesa de seu estado de pureza virginal acabaram sendo mortas por não ceder às vontades do agressor, são inúmeros casos, histórias, cada uma com suas particularidades, a lista das virgens- mártires é extensa, a *Acta Martyrum* e a *Passiones* possuem os nomes e o registro de cada uma dessas pessoas que a Igreja os inscreveu como um verdadeiro arquivo da fé. Porém destacaremos aqui, em breve e pequena história, apenas quatro nomes, Santa Agnes, Santa Ágata, Santa Barbara e Santa Maria Goretti, para que possamos compreender que mesmo com o passar do tempo, mesmo que anos, séculos e milênios de diferença se tenham passado, a igreja sempre prezou por este modelo de santidade, pois nela está presente a mais forte propaganda da Igreja e o exemplo de cristãos que ela deseja formar, compromissados de tal forma com seus ensinamentos que preferiam morrer que os renunciar e dêem testemunhos destes na sociedade, principalmente neste tempo presente aonde sua influência vem caindo em meio ao forte secularismo laicizante e onde muito do que ela condena vem se tornando práticas comuns defendidas até mesmo pelas mentes mais intelectuais fazendo da igreja perder a posição conquistada depois de anos de história.

3.5 SANTA AGNES⁷³

Agnes ou Inês em nosso idioma significa cordeiro, em grego quer dizer pura, casta, é uma das santas mais antigas do cristianismo, a Igreja vê nela o símbolo mais forte da inocência e da pureza contra os valores e costumes imorais dos pagãos daquele tempo.

Agnes teria nascido no ano de 291 e sido martirizada na perseguição movida contra os cristãos no ano de 304 por ordem do Imperador Diocleciano.

Segundo a hagiografia, ela era uma jovem dotada de extraordinária beleza e virtude pertencendo a uma família nobre descendente dos *Claudii*, que durante séculos teria dado grandes nomes a antiga República Romana. Seus pais eram cristãos e como tal a educaram e crescendo esta dotada de exímias virtudes e amor a Cristo teria decidido consagrar sua virgindade a Deus.

Aos 12 anos de idade, devido a sua beleza já havia recusado vários pretendentes incluindo o jovem Procópio, filho do prefeito de Roma Semprônio. Este não desistiu e teria tentado de diversas formas conquistá-la a ponto de seu próprio pai tentar obrigá-la a tomar o filho por esposo.

Como não cedeu o prefeito a denunciou como cristã e Agnes foi levada a julgamento e obrigada a oferecer sacrifício e incensos aos deuses romanos. Como rejeitou em foi presa e levada ao circo de Diocleciano para ser queimada. Porém o fogo não a teria queimado e acabara se voltando contra os seus algozes. Com medo o Prefeito Semprônio passou o caso para seu vice Aspásio que ordenou a decapitação de Agnes.

Seus pais então teriam sepultado seu corpo em um terreno próximo a Via Nomentana onde mais tarde, no ano de 354, a princesa Constança, filha do Imperador Constantino, mandou construir a Basílica de Santa Agnes fora dos muros.

⁷³ Alguns dados conforme WIKIPÉDIA: SANTA INÊS. http://pt.wikipedia.org/wiki/Santa_In%C3%AAs acesso em 19 de Outubro as 20: 15 hrs. E Segundo Ciro Quintela Lacerda. *Santa Agnes – Virgem e Mártir*. In: <http://dominusvobis.blogspot.com/2009/01/santa-ins-irgem-e-mrtir.html> acesso em 19 de outubro de 2011 as 19: 53 hrs

A celebração litúrgica da Virgem Mártir Agnes é realizada no dia 21 de janeiro, ocasião onde o Papa celebra a missa na basílica dedicada a sua honra.

3.6 SANTA ÁGATA ⁷⁴

Ágata ou Águeda de Catânia nasceu na Catânia (Sicília), e teria vivido entre os séculos III e IV, alguns historiadores cristãos afirmam que ela nasceu entre 230 e 235, era filha de nobres cataneses.

Como na hagiografia de Agnes, afirma-se que era uma jovem de grande beleza como grande era também a sua fé, conta-se que com apenas 15 anos de idade resolveu abraçar a castidade entregando-se a Jesus Cristo como seu esposo. Porém a sua beleza acabou atraindo a atenção do pro-cônsul Quinciano que desejou desposá-la.

Depois de inúmeras tentativas de persuadi-la a entregar-se a si, Quinciano descobrindo que ela era cristã mandou que Ágata fosse presa e torturada.

Durante um dos interrogatórios descrito na Acta Martirum, o pro-cônsul ainda tentou persuadi-la mais uma vez:

- Qual é a tua condição? Perguntou-lhe Quinciano.

- Sou de condição livre e de nobre nascimento, e disse ofereço testemunho toda a minha linhagem.

- Se és nobre e de ilustre família, por que te entregas à vida dos escravos?

- Sou serva de Cristo e por isso de condição servil.

- Se na realidade fosses nobre, envergonhar-te-ias de falar dessa maneira.

Perseverante na condição de cristã, foi esbofeteada e encerrada num funesto calabouço.

- Que resolveste a propósito da tua salvação? Perguntou-lhe o juiz.

- A minha salvação é Cristo.

- Insensata, pensa de novo, renega a Cristo e comigo partilharás honras e riquezas.

⁷⁴ Bibliografia conforme José Leite, S. J., *Santos de Cada Dia*, Editorial A.O., Braga, 1987, tomo II; e segundo Jacopo de Varazze. *Legenda Áurea*; vida de santos. TRADUÇÃO Hilário F. Jr. São Paulo, Companhia das Letras. 2003.

- És tu que deves renegar os teus deuses de pedra e de madeira, se queres libertar-te da morte eterna.

- Muda de resolução e farei cessar imediatamente o suplício.

Como não teria renegado a Jesus Cristo e a sua fé, Quinciano ordenou que as torturas continuassem. Ágata foi então chicoteada e seus seios foram arrancados fora. Por fim foi arrastada em um pavimento cheio de vidro e brasas.

Na noite seguinte, estando muito ferida ela veio a morrer. Era a data de 05 de fevereiro de 251, alguns escritos sugerem 254. Sua morte ocorreu durante a perseguição de Diocleciano e ela teria 12 anos quando foi martirizada.

3.7 SANTA BÁRBARA ⁷⁵

A hagiografia de Bárbara narra que ela era filha de um homem rico, cidadão ilustre e alto funcionário do Imperador, ele se chamava Dióscoro e sua mãe Irnéria. Segundo a tradição da igreja ela nasceu em fins do século III na cidade de Nicomédia, atual Izmit na Turquia nas margens do Mar de Mármara.

Apesar de seu pai ser um pagão convicto e leal ao império, Barbara teria entrado em contato com cristianismo através de pessoas conhecidas e amigas que sempre lhe ensinavam a fé cristã.

Como Agnes e Ágata, conta-se que Bárbara também era uma jovem muito inteligente e muito linda e que seu pai era um homem muito ciumento e que não querendo que pretendentes indesejáveis viessem pedir Bárbara em casamento, mandou construir na sua casa uma torre onde a jovem vivia. Bárbara quase não saia de casa e dificilmente ia para a cidade. Porém isso não impedia que suas amigas cristãs viessem lhe trazer notícias sobre os acontecimentos da igreja e lhe ajudasse a viver e a aprender mais sobre a fé cristã.

Quando Dióscoro ficou sabendo que Bárbara era cristã, teria ficado muito enfurecido e avançado sobre sua filha batendo nela pela primeira vez e a partir de então Bárbara foi mantida presa na torre onde vivia.

⁷⁵ Bibliografia conforme Tacila Tomasi. *Santa Bárbara*. Editora Paulinas. São Paulo 1992.

E continua a sua hagiografia afirmando que Mônica uma amiga cristã de Bárbara acabou sendo presa e que mesma presa na torre Bárbara usou de sua influencia e conseguiu enviar pessoa para que ajudassem a soltá-la. Foram então até Dióscoro e contaram-lhe o ocorrido. Ao saber que sua filha ajudou na fuga de uma cristã ele partiu até a torre, tomado de imensa raiva, e tentou obrigar Bárbara a fazer um sacrifício ao deus Júpiter. Como ela se recusou ele tentou matá-la com as próprias mãos. Toda via não teria obtido êxito, pois Bárbara conseguiu fugir. Dióscoro não desistiu e mandou soldados a procura de sua filha por todos os caminhos da cidade.

Enquanto não a encontravam, ela teria vivido junto às comunidades cristãs, visitando os doentes e ajudando os necessitados. Finalmente após vários dias a encontram em uma gruta onde ela tinha ido levar alimentos para alguns doentes. Bárbara foi então presa e levada aos juízes.

Como Bárbara manteve-se firme os juízes a condenaram. Veio então sua mãe suplicar ao seu pai que volta-se atrás, mais Dióscoro não desistiu.

Barbara teve então seu corpo dilacerado pelas chicotadas e queimado. Por fim foi conduzida pelas ruas da cidade por soldados debaixo de chicoteadas a pedido do próprio pai, e chegando ao local do martírio ele mesmo se encarregou de tomar a espada nas mãos e decepar o pescoço da filha. Bárbara teria 12 anos quando isso aconteceu.

3.8 SANTA MARIA GORETTI ⁷⁶

Segundo J.C.M Colombo em seu livro *Maria Goretti*, Maria Resa Goretti nasceu em Corinaldo, Província de Ancona na Itália, no dia 16 de outubro de 1890, filha de Luigi e Assunta Carlini. Era a terceira de seis filhos. Suas irmãs chamavam-se Teresa e Ersilia; seus irmãos eram Angelo, Sandrino e Mariano.

Em 1896, quando Maria tinha seis anos de idade, a família teve que ir embora devido a grave situação de pobreza que os assolavam e a procura de uma vida melhor

⁷⁶ Bibliografia toda conforme J.C.M. Colombo. *Santa Maria Goretti- Mártir da Pureza*. Edições Paulinas. Rio de Janeiro 1949.

se instalaram em Ferriere di Conca onde começaram a trabalhar nas terras do conde Mazzoleni.

Passado cerca de uns três anos mesmo com o trabalho árduo do campo tudo parecia estar indo bem, até que Luigi já velho e enfraquecido acabou contraindo malária e veio a falecer. A mãe teria assumido então junto com os irmãos os afazeres da roça, Maria cuidava da casa cozinhando, limpando, costurando e também cuidava de seu irmã e irmão mais novos.

Na hagiografia da menina vemos também a construção de uma família santa, diz-se que Maria era uma menina de muita oração, que a família Goretti era muito religiosa, e que os pais teriam educado muito bem seus filhos na fé cristã, sempre pregando para que fossem pessoas boas, honestas, trabalhadoras e que participassem da vida da Igreja, sempre orando e lutando para viver a santidade. E ainda diz que, Maria demonstrava claramente uma piedade muito grande, era muito inteligente, possuía uma maturidade muito precoce e sempre andava com um rosário enrolado nas mãos onde sempre olhando para o crucifixo contemplando os mistérios da vida de Cristo. Tinha também uma devoção muito especial a Virgem Maria.

Maria Goretti desde muito pequena desejava muito receber a eucaristia e sempre indagava a mãe quando poderia fazer a primeira comunhão. A mãe por sua vez lhe dizia que era preciso a filha estudar o catecismo e que não teriam condições de lhe comprar o vestido, o véu e os sapatos para que fizesse dignamente a primeira comunhão.

Maria porém não desistiu e com muita dificuldade, pois não sabia ler, conseguiu fazer o catecismo com ajuda de conhecidos e com a ajuda da comunidade conseguiu comprar suas vestes e assim em 29 de maio de 1902 recebeu pela primeira vez a Eucaristia, a partir daí procurou de todos os modos sempre ir a Missa para receber o sacramento.

Também segundo J.C.M Colombo na mesma obra citada acima, Maria tinha um zelo muito grande pela pureza, certa vez teria falado para sua mãe sobre uma conversa que ouvira entre uma amiga e um rapaz e perguntava a mãe porque uma menina poderia ter pensamentos tão sujos? E ao final afirmou a mãe que jamais faria tais coisas e que preferiria morrer que cometer um pecado assim.

Quando Luigi Goretti havia ido morar em Ferriere di Conca para trabalhar nas terras do conde Mazzoleni ele acabou se associando a Giovanni Serenelli e seu filho Alessandro. Como as duas famílias eram pobres tiveram de dividir a casa, embora vivessem em espaços separados dentro da casa, a cozinha era de uso comum.

Os Serenelli eram completamente diferentes dos Gorretti, Giovanni era viciado nas bebidas, sua esposa tinha morrido no hospital psiquiátrico de Ancona e ele não ligava para seu filho e sua educação. Conta-se que Alessandro tinha dezenove anos, era um jovem rosusto, grosseiro e vicioso; adorava ler livros e revistas pornográficas, seu quarto tinha as paredes todas forradas de imagens obscenas e como seu pai não tinham o mínimo de vida religiosa inclusive Alessandro tinha um forte sentimento de anti-clericalismo disseminado na época por vários grupos contrários a religião.

Luigi Goretta havia se arrependido daquela sociedade feita com os Serenelli e esperava apenas juntar um pouco mais de dinheiro para pagar as dívidas e ir embora. Quando estava no hospital antes de morrer ele havia pressentido o perigo que estes apresentavam para a sua família e pediu que Assunta voltasse com os filhos para Ancona, porém presa às dívidas e sem dinheiro ela não conseguiu ir embora.

A vida da família teria então se tornado um verdadeiro inferno, pois os Serenelli estenderam seu jugo sobre os Goretta mal tratando-os de toda forma possível e se aproveitando destes. Várias vezes Maria confortava sua mãe que estava a chorar, dizendo para ela ter fé e que logo ela e os irmãos estariam mais adultos e iriam embora dali.

Alessandro Serenelli que já trazia certos sentimentos e desejos pela menina, agora se sentia mais à vontade para lhe dirigir seus intentos e Maria começa a ficar preocupada, pedindo para a mãe por diversas vezes que jamais a deixasse sozinha em casa, porém a mãe não conseguia compreender o pânico da filha em ficar só pois ela não podia contar o motivo visto que Alessandro a jurara de morte caso abrisse a boca.

Alessandro não desiste e por diversas vezes volta a tentar seduzir Maria mais vendo que esta não cedea de forma alguma resolveu traçar um plano para conseguir ficar sozinho com ela.

Na véspera da sua morte Maria teria voltado a suplicar entre prantos a mãe que não a deixe sozinha em casa, mais como ela pedira explicações e Maria não as dava, Assunta simplesmente achou que fosse algum capricho da menina e não deu atenção.

Era o dia 05 de julho de 1902, a uns quarenta metros da casa eram moidas as favas para alimentar os animais, Alessandro trabalhava na roça com um carro puxado por dois bois e uma vez ou outra olhava para a casa afim de saber o melhor momento para novamente ir até Maria conseguir o que deseja.

Por volta das três da tarde ele teria percebido que a menina estava sozinha e voltando-se para Assunta pede a ela que leve os dois bois para que ele possa concluir seu serviço, sem desconfiar de nada Assunta o faz.

Maria Goretti está na casa, costurando uma camisa e observando a irmãzinha Terezinha que estava dormindo. Neste dia o outro irmãozinho estava na roça.

Maria então se assusta com o bater da porta e ao se levantar se depara com Alessandro e pergunta o que ele quer? Alessandro diz apenas que é para ela o seguir. Maria o interroga o que ele queria, e ele diz que é para a menina o seguir. Maria já sabendo do que se tratava e tomada de certo desespero diz a ele que não irá para lugar algum se ele não disser o porque.

Perante a resistencia Alessandro a agarrou pelo braço e a levou a força até a cozinha trancou a porta e Maria começou a gritar, mais ninguém a ouve porque estão na roça. Alessandro então a amordaçou, e tentou tirar a roupa da menina, esta porém conseguiu se livrar da mordaca e gritou para ele não fazer aquilo pois era um pecado e ele iria parar no inferno.

Segundo os relatos, Alessandro levantou então um punhal e disse a Maria que se não deixasse ele a possuir a mataria, Maria não deixou e continuou a gritar, ele então lhe feriu com várias apunhaladas e saiu, jogou o punhal no chão e tentou fugir mais ao ouvir a menina gemer ele voltou e novamente lhe feriu outras vezes, subiu ao seu quarto e se trancou.

Maria teria recebido 14 apunhaladas e desmaiado ficando inconsciente. Tempo depois ainda conseguiu recuperar a consciência e tentou chamar alguém, sua irmã pequena Terezinha ouvindo a irmã despertou e começou a chorar.

Giovanni subiu as escadas e ao deparar com Maria caída e tendo muito sangue a sua volta voltou saiu para fora gritou por Assunta e por um outro home que trabalhava com eles de nome Mario.

Desesperada a mãe encontrou a filha e a tomou nos braços, Maria conseguiu falar ainda a mãe quem fizera aquilo com ela. As pressas foram chamar a ambulancia e a policia, até que chegassem a noticia já havia se espalhado e muitos queriam matar Alessandro, outros rezavam e choravam pois conheciam bem Maria e gostavam muito dela.

Ao chegar ao hospital os médicos se surpeenderam como Maria ainda estava viva pois os ferimentos tinham alcançado o pericárdio, o coração, o pulmão esquerdo, o diafragma e o intestino. Os médico comunicaram a mãe e aos que estavam presente que infelizmente Maria não teria cura pois nada poderiam fazer-lhe. Foi chamado então o capelão e Maria inda consciente se confessou. Recebeu a Eucaristia e no momento disse que perdoava o seu assassino e que no céu rezaria por sua conversão e logo após recebeu a extrema unção.

No dia seguinte por volta das tres horas da tarde Maria morreu após chamar por seu pai. Era o dia 6 de junho de 1902.

Alessandro Serenelli foi preso e condenado a trinta anos de prisão. Depois de algum tempo ele teve um sonho com Maria vestida toda de branco e em um belo jardim e após o fato ele teria escrito ao bispo uma carta manifestando seu arrependimento e implorando o perdão de Deus. A partir daí seu comportamento na prisão mudou e Alessandro se converteu recebendo sempre na prisão a visita de sacerdotes e do bispo.

Por bom comportamento ele saiu quatro anos antes de cumprir sua pena e foi trabalhar em um convento de freis capuchinhos, mais tarde ele pediu para ser admitido na ordem e virou um frei. No natal de 1937 Alessandro se dirigiu a Corinaldo e se encontrou com Assunta e pediu o perdão dela. Assunta em sua simplicidade disse que como sua filha o perdoara ela também o perdoava.

No mesmo dia de natal a população ficou surpresa ao ver os dois juntos na missa. Alessandro participou dos depoimentos e testemunhou no processo de beatificação de Maria.

Em 27 de abril de 1947, o Papa Pio XII celebrou na Basílica de São Pedro a missa de beatificação de Maria Goretti. Três anos após, em 24 de junho de 1950, o mesmo Pio XII canonizou Maria como a *“Santa Agnes do século XX”*.

3.8 ALBERTINA E A RELAÇÃO COM AS QUATRO MÁRTIRES.

Ao escrevermos uma breve hagiografia destas quatro mártires, Agnes, Ágata, Bárbara e Maria, o fizemos para que fosse possível realizar uma comparação entre estas e Albertina. Não obstante poderíamos o fazer com várias outras que também teriam possuído vidas bastante parecidas, mais a lista seria extensa e cremos que através destas atingiremos nosso objetivo neste capítulo aliando aos demais. O motivo da escolha destas virgens mártires se dá pelo fato de serem de tempos diferentes, as três primeiras do início dos cristianismo, Maria de um período bem mais adiante e próximo e por fim nosso objeto de estudo da atualidade embora se tenham decorrido 80 anos desde sua morte sua beatificação foi a poucos anos passados. Isso nos mostra a valorização que a Igreja dá a figura do mártir para propaganda e difusão de seus ideais.

Na cristandade, os primeiros santos eram os mártires. Desde a primeira geração de cristãos, alguns dos seguidores de Jesus Cristo eram vistos como especiais por terem dado a vida como testemunho de sua fé. Assim, antes do final do primeiro século da

crisandade, o termo santo era reservado somente ao mártir. Ser santo, então, era morrer não só por Cristo, mas como ele. Desde o começo, portanto, santidade e martírio eram inseparáveis. Gradualmente a Igreja foi acrescentando outras categorias de santos, no início existia apenas a categoria dos mártires, virgens ou confessores segundo Solange Ramos de Andrade em seu artigo “*A Religiosidade Católica e a Santidade do Mártir*”, ano de 2008.

Esse fato da valorização do martírio como modelo santidade repousa no fato de o próprio Jesus ter sido um mártir e como ressuscitou ao final. Assim a figura do mártir é comparada os que por causa de Cristo lavaram e alvejaram suas vestes no sangue do cordeiro. Os mártires eram assim tomados como santos autênticos e isso repousava no fato de que a comunidade havia testemunhado um dia o seu sacrifício exemplar. Ainda segundo Solange Ramos, o martírio era o sacrifício perfeito e implicava em perfeição espiritual alcançada. O sentido do sacrifício é destacado na afirmação de Marcel Mauss e Henri Hubert:

“[...] a apoteose sacrificial não é outra coisa senão o renascimento da vítima. Sua divinização é um caso especial e uma forma superior de santificação e de separação”. (MAUSS, Marcel & HUBERT, Henri. *Sobre o sacrifício*. Trad. Paulo Neves. São Paulo, Cosac Naify, 2005, p. 87)

Uiara Otero em “*Os Mártires*”, *Revista GAIA*, Rio de Janeiro, 1: 107-126, 2000, afirma ainda que o sucesso do mártires repousa no fato de serem eles vitoriosos na luta contra Satanás. Obtida a vitória, esta experiência revestia-se de brilho, de fama, de glória aos olhos dos membros de suas comunidades. Uiara cita aqui Orígenes para comprovar tal fato:

“Mas, como queira que as almas dos que morrem por causa do cristianismo e saem gloriosamente do corpo por amor da religião destroem o poder dos demônios e debilita sua imprecação contra os homens [...]” (ORÍGENES. *Contra Celso*, VIII-44).

Seriam assim os mártires dignos de honra e admiração por sua coragem em professar e defender sua fé mesmo em meio aos suplícios. Já no início do cristianismo a figura do mártir foi construída como uma perfeita propaganda para a divulgação do cristianismo:

“Quanto mais cabeças nossas caem, mais cresce nosso número. O sangue dos cristãos é semente. Essa rígida obstinação que nos recriminam se converte em um modelo

para os demais” (Tertuliano In: Ludwig Friendlaender. “Judaísmo y Cristianismo”, 1984, p.1106).

Porque então na atualidade deixaria a Igreja de usar estes modelos para propagar seus ideais e seu modo de ver o mundo na sociedade moderna? Por isso o resgate da figura dos mártires nos pontificados atuais de João Paulo II e de Bento XVI dando continuidade aos modelos já antigos aos quais destacamos neste texto Agnes, Ágata e Bárbara.

“O ideal do martírio demonstrado por uma atitude tranqüila perante à morte, a coragem, o desprendimento, e a renúncia, configura um espaço privilegiado para a afirmação de autoridade em matéria religiosa, das lideranças locais, e a própria reprodução do imaginário daqueles que fazem confissão desta fé, mantida tantas vezes de um modo heróico”. (OTERO, Uirara Barros. “Os Mártires”. GAIA, Rio de Janeiro, 1: 107-126, 2000)

Outra questão interessante que observamos nestas virgens mártires é o que Maria Aparecida Gaeta em sua obra *“Santos” que não são santos: estudos sobre a religiosidade popular brasileira*, vai chamar de arquétipos santificantes cristãos, em nosso caso o arquétipo da criança santa. Sobre os arquétipos Jung em *“A psicologia do arquétipo da criança. In: Os arquétipos e o inconsciente coletivo”*, afirma que são imagens primordiais, formas ou imagens de natureza coletiva, universalmente constituintes dos mitos e, ao mesmo tempo, produtos individuais de origem inconsciente. Os arquétipos são os componentes fundamentais da formação de símbolos que se repetem nos conteúdos das mitologias de todos os povos da humanidade. Jung também estabelece uma relação entre fragilidade, poder e transcendência.

O núcleo central dos significados contidos nos arquétipos não é definido por ser essencialmente inconsciente, mas pelo que se pode mapear de seus contornos por meio dos mitos, das lendas, das religiões e de outras atividades humanas coletivas e históricas.

Na construção da imagem de Albertina que está relacionada à figura a mártir/ santidade/criança, visivelmente contidas nos testemunhos que observamos no segundo capítulo, se confirma essa afirmação de Jung e encontra também respaldo no conceito de Rudolf Otto:

“Paradoxo existente em todos os mitos da criança: o fato de ela estar entregue e indefesa frente a inimigos poderosíssimos, constantemente ameaçada pelo perigo da extinção, mas possuindo forças que ultrapassam muito a medida humana. Esta afirmação se relaciona intimamente com o fato psicológico de a *criança* ser *insignificante*, por um lado, isto é, desconhecida, *apenas* uma criança, mas por outro, *divina*. O mito enfatiza que a *criança* é dotada de um poder superior e que se impõe inesperadamente, apesar de todos os perigos”. (OTTO, Rudolf. *O Sagrado*. São Bernardo do Campo, Imprensa Metodista, 1985.)

Por isso o fato de afirmarmos que a construção da santidade de Albertina por parte da fala presente nos testemunhos trata-se de uma forma da comunidade representar nela a sua cultura, sua religiosidade e sua visão de mundo. As virtudes e a índole destacadas em Albertina como também o são em Agnes, Ágata, Bárbara e Maria Goretti, são elementos que na interpretação destas pessoas são necessárias para alcançar a salvação que eles tanto buscam. Por isso a construção da santidade de Albertina, é uma forma de trazer o sagrado para junto de si, já que uma imagem de um Deus todo poderoso e distante não lhes atende a religiosidade em que estão inseridos.

Maria Aparecida Gaeta através dos arquétipos santificantes, no caso o arquétipo da criança, vai comprovar o que estamos afirmando:

“Ao se reivindicar para alguns personagens os arquétipos santificantes cristãos, a população reelabora as suas crenças criando lendas, alterando os espaços e os códigos, reapropriando-se de objetos e do uso ao seu jeito. No caso das santidades, a força imagética da infantilidade, da inocência, em oposição à brutalidade e à anormalidade dos assassinos e/ou à presença de uma doença inexplicada sem outorgação de sentido constituem-se nos elementos fundantes de uma história que, para os devotos, se tornou legítima”. (GAETA, Maria Aparecida J. V. “Santos” que não são santos: estudos sobre a religiosidade popular brasileira. *Mimesis*, Bauru, v. 20, n. 1, 1999).

E para concluir nosso trabalho passamos a observar as características que são comuns a estas santas. Tanto Agnes, como Ágata, Bárbara e Maria, suas hagiografias falam da grande beleza que possuíam, também é comum a idade em que teriam sido martirizadas que seria 12 anos apesar de Ágata não possuir datas concordantes do ano de nascimento ou morte é afirmado que morreu com esta idade.

Outro elemento comum é a fé inexplicável da qual seriam dotadas apesar de crianças e que as levaram a preferir morrer a pecar. Outro elemento citados em suas hagiografias é a forma como eram caridosas. Em tudo a construção da imagem de Albertina se assemelha. Somente no caso da posição da condição social, Agnes, Ágata e Bárbara eram de famílias ricas, porém eram dotadas de simplicidade o que seria comum a todas. No caso de Albertina e Maria Goretti as duas eram filhas de camponeses.

Também se fala da fé vivida em família, exceto Bárbara que o pai pagão teria sido seu carrasco. No que concerne a Maria Goretti a praticada fé em família era a mesma de Albertina, os pais sempre pregando para que fossem pessoas boas, honestas, trabalhadoras e que participassem da vida da Igreja, a oração do rosário, a importância da primeira eucaristia e devoção que as duas possuíam a Virgem Maria. A vida de Albertina parece até uma cópia da vida de Maria Goretti, talvez por isso ela é chamada como “Maria Goretti do Brasil”.

Apesar da distância e das realidades diferentes parece que as santas teriam saído de uma mesma forma e feita com os mesmos ingredientes de santidade. Nisso nós vemos os elementos que a igreja considera para uma pessoa ser santa. Vemos então um continuismo destes ao longo da história, uma forma de como não só a igreja mais de como as pessoas também concebem o ser santo ou santa.

Albertina não só é comparada a Maria Goretti, mais também a figura de Agnes, por isso a capela construída no local do mártírio da menina ser dedicada a Santa Agnes.

Assim podemos terminar concluindo que a construção da santidade e mártírio de Albertina segue a certos padrões que a antecederam, como uma forma de os atualizar e os inserir nas realidade presente.

CONCLUSÃO

Foi possível constatar que o ambiente sócio-religioso, onde o caso de Albertina Berkenbrock acontece, era totalmente favorável a construção de um modelo de santo baseados na tradição que privilegia a virgindade e o martírio como identificação de santidade. Trata-se de uma região totalmente ligada ao processo de evangelização iniciado pela Igreja Católica em terras brasileiras.

Desde a passagem de um frade franciscano de 1538 a 1541 em Santa Catarina, passando pela criação da Diocese de Santa Catarina em 19 de março de 1908, através da bula *Quum Sanctissimus Dominus Noster* e a criação da Diocese de Tubarão em 28 de dezembro de 1954 através da bula *Vigete Ubique Gentium*, chegando por fim a fundação da vila de São Luís, constata-se a consolidação da instituição católica naquela região influenciando diretamente a vida dos habitantes, moldando suas crenças e determinando seu modo de pensar.

Os imigrantes alemães que povoaram a região de São Luís eram provenientes como observamos de uma região da Alemanha, a Westfália, onde se conservou um catolicismo rígido, muito observante dos preceitos ditados pela religião e por consequência fazendo estes católicos diferentes dos demais tendo uma prática de vida centrado nos valores, moral e vivencia da fé no dia a dia. Albertina neste ambiente historicamente católico nasceu, cresceu, viveu e morreu.

Imaginemos que nesta região a evangelização e a colonização tivessem ocorrido por alemães provenientes da religião Luterana a qual a visão e a crença são bem distintas e diferentes da Católica; mesmo sendo Católica como toda sua família, Albertina provavelmente passaria por tal construção e não viria a ser considerada uma virgem e mártir. De fato alguns luteranos habitam essa região, embora em pequeno número, e a estes o ato de Albertina foi considerado um ato exemplar mais não algo que lhe conferisse santidade.

Assim a construção da santidade da menina e o destaque ao seu determinado modelo de santidade revelam uma série de manifestações, gestos e palavras, traduzindo uma

visão de mundo integrada por crenças e práticas coletivas contidas no povo de São Luís e região, constituídas ao longo de sua história.

Solange Ramos de Andrade em seu artigo *O Culto aos Santos: A religiosidade Católica e seu Hibridismo*, se utilizando de Pierre Ansart e sua obra *Ideologias, Conflitos e Poder*, afirma que nenhuma prática social é redutível unicamente aos seus elementos físicos e materiais. É necessário que esta se realize numa rede de sentidos e que ultrapasse a segmentação dos gestos individuais. Nessa perspectiva, o mito construído ou em construção, expressa uma experiência cotidiana, um imaginário vivido, coletivamente, além de ressaltar o modo pelo qual as relações sociais se estabelecem.

Portanto, o meio em que Albertina viveu e onde sua história aconteceu foi elemento indispensável para que seu ato viesse a ser considerado quase que de imediato um ato de santidade e posteriormente se construísse um discurso conferindo legitimidade para tal. Também as virtudes e a índole da menina, bem como a construção de uma sacralidade de sua família para as justificarem, acabam sendo na verdade conceitos que as próprias pessoas possuem ou acreditam ser necessárias segundo sua concepção religiosa para se viver a santidade.

Com base nos testemunhos recolhidos no processo civil penal e no processo religioso contidos nas atas do processo de beatificação e a qual relatamos no segundo capítulo, referentes a diferentes aspectos da vida de Albertina, poderemos observar a construção da legitimação do martírio e santidade da menina através do discurso de cada depoente. E como essa fama de santidade foi construída? Passando pessoa por pessoa os relatos e suas releituras.

Um elemento importante também mais que não figura diretamente nos testemunhos é a questão dos milagres. É à procura de um milagre que as pessoas se dirigem aos santuários. As bênçãos, a proteção, os milagres correm de boca em boca, alongando a fila de novos adeptos. Contar a proteção recebida em tal circunstância fica sendo a maneira de pregar e de propagar a vida dos santos. Se tal santo não faz milagre sua fama logo se apaga, mesmo que não tenha feito milagres mais tenha fama de que o faz isso já ajuda a resolver a questão. Por isso já no dia do velório da menina as pessoas falaram da questão da ferida de seu pescoço que sangrava toda vez que o assassino passava por perto. Deu-se a tal fato a construção de uma interpretação divina passando Albertina a ser portadora de poderes divinos. Como a imagem de um Deus onipotente está distante, em um plano superior, fica mais fácil as pessoas criarem a imagem de um intercessor mais próximo a eles.

Assim para descrever tal sucesso na construção da santidade de Albertina Berkenbrock e sua rápida propagação Serge Moscovici afirma que:

“[...] por terem sido homens como nós, com fraquezas, sofrimentos e imperfeições, fica mais fácil acreditar neles. A figura de Deus, criador de grandes coisas, é distante demais da realidade humana, daí a incessante busca de um intermediador. Este parece ser o ingrediente principal para o surgimento de uma gama tão expressiva de santos, institucionais ou não.” (MOSCOVICI, Serge. *A Máquina de fazer Deuses* citado ANDRADE, Solange Ramos. *O Culto aos Santos: A religiosidade Católica e seu Hibridismo*).

A devoção e a fé que são atribuídos a Albertina se destacando inclusive a marca que deixou em sua vida a primeira comunhão, seus divertimentos que se baseavam em sentimentos religiosos, a maneira que a família também participava na sua formação e educação, bem como a crença de que a menina preferiu a morte que ao pecado, tratam-se também de uma construção utilizada pela instituição para se oferecer aos seus adeptos um modelo de conduta centrado na sua visão de mundo e fazer desta um poderoso marketing na adesão a fé católica.

Outra questão repousa no fato de na construção da santidade de Albertina Berkenbrock ser atribuído a ela um profundo conhecimento do Sexto mandamento, “Não pecar contra a Castidade”, e como ela tinha uma consciência tão grande do pecado e da pureza desejando morrer do que cometer o ato desejado por Maneco Palhoça, lutando bravamente para defender sua virgindade. Trata-se como já vimos de um arquétipo santificante de criança tão popular no imaginário cristão, onde a criança simples e indefesa, tomada de um poder sobrenatural luta contra seu cruel assassino. Mesmo que ela tenha um grande conhecimento, ela não é nenhuma teóloga, mais continua sendo uma criança e como tal através dos modelos que circundavam a sua crença e devoção internalizou em si o sentido de pureza. Neste caso os modelos da Virgem Maria e São Luís Gonzaga, figuras destacadas pela pureza virginal ao longo da história, e aos quais Albertina estabeleceu sua relação assimilando como criança um conceito simples sobre tal virtude.

Infelizmente poderíamos aprofundar mais sobre isso através de seu pequeno caderno, onde ela escreveu um pequeno diário com seus pensamentos e orações em devoção a Maria e a Luís, caderno este que se perdeu juntamente com alguns objetos de seu uso em um incêndio que consumiu o museu do seminário menor Nossa Senhora de Fátima onde estiveram por pouco tempo expostos. Com certeza ali acharíamos elementos importantes sobre tal concepção.

Uma pergunta que não se cala quando estudamos a respeito de sua pureza e possível luta em defesa desta, é o porquê em todas as hagiografias e obras sobre a menina não se relata a presença de sêmen humano em seu vestido? Somente nos testemunhos é relatado tal fato. Fala-se do teste que comprovou a sua virgindade, mais o que teria ocorrido para se encontra tal sêmen em sua veste? Sem dados e material existente sobre tal, não nos lançamos ao risco de dar uma resposta a tal questionamento mais o deixamos para a reflexão.

E para concluir observamos a breve hagiografia das quatro virgens – mártires Agnes, Ágata, Bárbara e Maria Goretti, e constatamos quando relacionadas à Albertina, uma continuidade e manutenção deste modelo de santidade. A vida de ambas, as virtudes, ídolos, a fé inexplicável para a idade, são características comuns entre elas. Até mesmo a idade de 12 anos ao serem martirizadas é um elemento que as une. Quando observamos Maria Goretti se acentua ainda mais a igualdade de vida entre esta e Albertina.

Assim concluímos que a construção da santidade e mártirio de Albertina seguem a certos padrões que a antecederam, como uma forma de atualizá-los e inserí-los na realidade presente, institucionalizando-os para justificar e propagar os ensinamentos, idéias, moral, ética e ações da igreja sobre a sociedade:

“E isto porque o santo e a santidade revelam uma força de integração capaz de eliminar conflitos, de dar significado à marginalidade de certos grupos, de tornar tolerável a pobreza ou as diferenças entre as classes, numa palavra, de procurar muitas vezes consenso para as instituições e de resolver em parte a dicotomia ordem/desordem. Representando sobre alguns níveis uma forma de comportamento e condicionamento, e, portanto um controle social”. (WOODWARD, Kenneth. *A Fábrica de Santos*. São Paulo, Siciliano, 1992)

Acreditamos que o objetivo proposto por este trabalho foi alcançado, o de discutirmos a construção da santidade de Albertina Berkenbrock através do discurso. Para tal os testemunhos de sua mãe, irmão, tio, conhecidos, familiares, amigos, companheiros de prisão do assassino e outros; foram elementos essenciais para tornar possível o andamento e conclusão deste trabalho.

A dificuldade maior para o andamento deste repousa sobre a pouca bibliografia disponível sobre a menina. As bibliografias que existem são todas de autoria da Igreja, tratando-se de uma propaganda, para isso se fez necessária a ajuda de obras como a de Michel Foucault acerca da *Microfísica do Poder*, embora não figure nos textos a questão do poder pastoral foi fundamental ao estudar os testemunhos e os selecionarmos; a obra de Jacques Gélis, *O Corpo, A Igreja e o Sagrado*, foi necessária para observarmos o porquê da valorização da virgindade como sinônimo de pureza; através da obra *Os Mártires* de Uíara

Barros Otero verificamos a questão do uso do mártir para propaganda da fé; e por último a obra de Solange Ramos de Andrade *A religiosa católica e a santidade do mártir*, nesta tomamos conhecimento da questão da representação das crenças, conceitos e visão de mundo na construção da santidade do mártir.

Uma indagação que também surgiu durante o andamento do trabalho e que não encontramos resposta é o porquê não consta nada sobre o pai de Albertina. Se houvessem depoimentos de Henrique Berkenbrock estes possivelmente ajudariam a constatar mais elementos importantes, como os facilmente encontrados nos testemunhos da mãe, sendo assim uma contribuição a enriquecer mais o trabalho.

Outro elemento importante a se relatar é o fato de que este trabalho foi o único a ter acesso a cópias dos depoimentos contidos nas atas do processo de canonização, sendo, portanto o único a apresentar até o momento testemunhos acerca de Albertina que foram colhidos durante o andamento do processo e que segundo Dom Hilário Moser, Bispo de Tubarão, teriam sido mantidos em segredo nos arquivos da diocese e em Roma.

Assim trata-se de um diferencial essencial para a conclusão deste e que o coloca em destaque quando comparados a outros que não tiveram acesso a tal conteúdo o podendo somar as bibliografias consultadas. Só foi possível, no entanto, o acesso a este graças a mais de um ano e meio de contatos mantidos com o vice- postulador da causa o padre Sérgio Jeremias, vigário da Paróquia de São Luís onde Albertina viveu.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- [1] AMBRÓSIO, Sto. *A Virgindade*. Coleção padres da Igreja 2. Editora Vozes. Petrópolis. 1980.
- [2] ANDRADE, S, R. *A Religiosidade católica e a santidade do mártir*. Projeto História, São Paulo, n.37, p. 237-260, dez. 2008.
- [3] _____. *O Culto dos Santos: A religiosidade Católica e seu hibridismo*. Revista Brasileira de História das Religiões. ANPUH, Ano III, n. 7, Mai. 2010
- [4] BERGMANN J. *Bem Aventurada Albertina. Quem foi? Como viveu? Porque morreu?* Edição revisada da Curia Diocesana de Tubarão. Tubarão – SC. 2007.
- [5] BIFF, C. *Crônicas da Diocese de Tubarão*, editora Coan, Tubarão-SC, 1997.
- [6] BRAUN, A. Bertoldo, SJ. *A Vida da Serva de Deus Albertina Berkenbrock*, S.E 1954.
- [7] BRUNETTI, A. A. *Castidade heróica: A serva de Deus, Albertina Berkencrock*. São Paulo: Editora Ave Maria, 2002.
- [8] Cânone em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Maria_\(m%C3%A3e_de_Jesus\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Maria_(m%C3%A3e_de_Jesus)) acessado em 09 de outubro de 2011 às 14:50 hrs.
- [9] Catecismo da Igreja Católica. Edições Loyola. São Paulo 1999.
- [10] COLOMBO, J.C.M. *Santa Maria Goretti- Mártir da Pureza*. Edições Paulinas. Rio de Janeiro 1949.
- [11] Congregatio de Causis Sanctorum, P.N. 786. *Summarium, Commissione Storica*, pp. 145-168. Tipografia Nova Res, Piazza di Porta Maggiore, Roma 2002.
- [12] Dall'alba, Padre João Leonir. *O Vale do Braço do Norte*. Orleans: Ed. do Autor, 1973.
- [13] CHARTIER, R. *A História Cultural: entre práticas e representações*. São Paulo: DIFEL, 1990.
- [14] DIETRICH VON DELHARES-GUENTHER, *Comportamento procriativo e a imigração: O crescimento demográfico na Colônia do Brasil Meridional*, in GIANFAUSTO ROSOLI, *A emigração Européia e povo brasileiro*, Torino, SEI, 1997.
- [15] Diocese de Tubarão, Plano diocesano de Pastoral 1993- 1997. Edição da diocese.

- [16] DIRKSEN, V. *Viver em São Martinho, A Colonização no vale do Capivari*. Edição do autor, Florianópolis, 1995.
- [17] FOUQUET, C. *O Imigrante Alemão e Seus Descendentes na Brasil*. São Paulo: Instituto Hans Staden, 1974.
- [18] ALEXANDRIA, A. de, Sto. A. In: <http://www.doutrinacatolica.com/modules/news/> acessado em 09 de outubro de 2011 às 14:35 hrs.
- [19] Frente Universitária Lepanto – Algumas Considerações sobre o martírio em: <http://www.lepanto.com.br/dados/DCMartir.html> acesso em 10 de Abril de 2011. As 22:33 hrs.
- [20] FOUCAULT, M. *Microfísica do Poder*. 11ª ed., Rio de Janeiro: Graal, 1997.
- [21] FUNK, F.X. *Compêndio de História Ecclesiástica*. Trad. Salvador O. Penna. Rio de Janeiro: Jacinto R. Santos, 1924.
- [22] GAETA, M. A. J. V. “Santos” que não são santos: estudos sobre a religiosidade popular brasileira. *Mimesis*, Bauru, v. 20, n. 1, 1999
- [23] GÉLIS J. *O Corpo, a Igreja e o Sagrado*. In: ALAIN CORBIN/ JEAN-JACQUES COURTINE/ GEORGES VIGARELLO. HISTÓRIA DO CORPO VOL.1 DA RENASCENÇA ÀS LUZES, Editora VOZES 2008. Pg 19 a 130.
- [24] Gianfausto R. (org.) - *Emigrazioni Europee e Popolo Brasiliano - Atti del Congresso Euro-Brasiliano sulle migrazione*. São Paulo, 19-21 Agosto de 1985. Roma, 1987.
- [25] GIUSTINA, O. D. *A menina do Anjos, a história mística de Albertina Berkenbrock*. Editora da UFSC, Florianópolis 2001
- [26] HOBOLD, Paulo, in *A Arquidiocese de Florianópolis*, Anuário Eclesiástico 1951.
- [27] <http://g1.globo.com/brasil/noticia/2010/10/candidata-santa-brasileira-e-homenageada-em-sc.html> acessado em 20 de outubro de 2011.
- [28] TERRA, J. E. M. *Catequese de Índios e Negros no Brasil Colonial*, Aparecida, SP, Editora Santuário 2000.
- [29] *Jornal Diocese em Foco*. Informativo da Diocese de Tubarão. Ano 40 - nº 287. Novembro de 2007. Edição da Diocese.
- [30] *Jornal Diocese em Foco*. Informativo da Diocese de Tubarão. Ano 40 - nº 286. Outubro de 2007. Edição da Diocese.
- [31] JUNG, C. G.. A psicologia do arquétipo da criança. In: Os arquétipos e o inconsciente coletivo. Petrópolis, Vozes, 2006.
- [32] LACERDA, C. Q. Santa Agnes – *Virgem e Mártir*. In:

- <http://dominusvobis.blogspot.com/2009/01/santa-ins-vmrgem-e-mrtir.html> acesso em 19 de outubro de 2011 as 19: 53 hrs
- [33] MATOS, H C. J. *Introdução à história da igreja*. Belo Horizonte: O Lutador,
- [34] MATOS, M. T. R.. São Luís Gonzaga : *O Deus que me chama é amor*. In: Arautos do Evangelho <http://www.arautos.org.br/artigo/17092/Sao-Luis-Gonzaga---ldquo-O-Deus-que-me-chama-e-Amor-rdquo-.html> acesso em 19 de julho de 2011 as 16:55 hrs.
- [35] Mattos, J. A. *Colonização do Estado de Santa Catarina*. Florianópolis: Typ. o Dia, 1917.
- [36] MAUSS, M & HUBERT, H. *Sobre o sacrifício*. Trad. Paulo Neves. São Paulo, Cosac Naify, 2005.
- [37] MORIN, E. *O homem e a morte*. Rio de Janeiro, Imago, 1997
- [38] ORSA, P. de la Dedicación. *Compêndio histórico da menina Albertina Berkenbrock - Virgem Cristã, Mártir da Pureza*. Edição do autor, Roma 1959.
- [39] ORÍGENES. Contra Celso, VIII-44 citado em: OTERO, Uiara Barros. “Os Mártires”. GAIA, Rio de Janeiro, 1: 107-126, 2000.
- [40] OTERO, Uiara Barros. “Os Mártires”. GAIA, Rio de Janeiro, 1: 107-126, 2000.
- [41] OTTO, R. *O Sagrado*. São Bernardo do Campo, Imprensa Metodista, 1985
- [42] Pio XII, *Carta Encíclica Sacra Virginitas, sobre a Sagrada Virgindade* em : http://www.vatican.va/holy_father/pius_xii/encyclicals/documents/hf_p-xii_enc_25031954_sacra-virginitas_po.html acessado em 13 de agosto de 2011as 12:30 hrs.
- [43] Positio super martyrio – *Processo Diocesano Suppletivo II*. Tipografia Nova res. Roma 2002
- [44] Processo Criminal, Declaração de Denuncia. In: Summarium super martyrio – *Documentazione Processo Penale*. Tipografia Nova res. Roma 2002.
- [45] RADEMAKER S, *A Virgem Heroína, Mártir Catarinense*, 3ª edição, Loyola, Campinas, SP.
- [46] REVISTA “PRESENÇA”. *Albertina: Brasil terá a sua primeira Santa?* Edição n 07, Maio de 1978. Blumenau Santa Catarina. In: Summarium super martyrio – *Commissione storica*. Tipografia Nova res. Roma 2002 pg. 188 a 196.
- [47] REVISTA O CRUZEIRO. *O Anjo e o Monstro*. Edição de 19 de julho de 1952. In: Summarium super martyrio – *Commissione storica*. Tipografia Nova res. Roma 2002 pg. 184 a 187.

- [48] ROPS D. *A Igreja dos Apóstolos e dos mártires*. Livraria Tavares Martins – Porto 2006.
- [49] Rubert A. *História da Igreja no Brasil*, Ed. MAPFRE, Passo Fundo, RS, 1992, 3º Vol.
- [50] São João Crisostomo, Comentário ao Evangelho de São Mateus in: <http://mercaba.wordpress.com/2009/03/07/sao-joao-crisostomo-comentario-ao-evangelho-de-sao-mateus>. Acessado em 22 de Julho de 2011 às 13:30)
- [51] SCHOTTEM, N. *Serva de Deus Albertina Berkenbrock: A menina que disse não!* Edição do autor. Tubarão – SC 2006.
- [52] SOLIMEO, P. M. São Luís Gonzaga. In: Frente Universitária Lepanto <http://www.lepanto.com.br/dados/HagLGonz.html> acesso em 18 de julho de 2011 as 16:45 hrs.
- [53] Summarium super martyrio – *Processo de Non Cultu*. Tipografia Nova res. Roma 2002.
- [54] _____ *Processo Informativo Supletivo I*. Tipografia Nova res. Roma 2002.
- [55] _____ *Processo Informativo*. Tipografia Nova res. Roma 2002.
- [56] TOMASI, Tacila. Santa Bárbara. Editora Paulinas. São Paulo 1992.
- [57] VARAZZE, J. *Legenda Áurea*; vida de santos. TRADUÇÃO Hilário F. Jr. São Paulo, Companhia das Letras. 2003.
- [58] WIKIPÉDIA: SANTA INÊS. http://pt.wikipedia.org/wiki/Santa_In%C3%AAs acesso em 19 de Outubro as 20: 15 hrs
- [59] Willems, E. *A Aculturação dos Alemães no Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1940.
- [60] WOODWARD, K. L. *A Fábrica de Santos*. Editora Siciliano, 1992. 1987.
- [61] Constituição Apostólica Munificentissimus Deus http://www.vatican.va/holy_father/pius_xii/apost_constitutions/documents/hf_p-xii_apc_19501101_munificentissimus-deus_po.html acessado em 12 de outubro de 2011 as 19:36 hrs.
- [62] LEITE, J. S. J., *Santos de Cada Dia*, Editorial A.O., Braga, 1987, tomo II.
- [63] VAUCHEZ, A Santidade. In: *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, v. 12, 1987